

Cecília Augusta Vieira Pinto

**VARIAÇÃO DO OBJETO ANAFÓRICO ACUSATIVO NA FALA
DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação de Mestrado submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal de
Santa Catarina, como um dos
requisitos para a obtenção do grau de
Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Izete
Lehmkuhl Coelho

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vieira Pinto, Cecília Augusta

Variação do objeto anafórico acusativo na fala de
Florianópolis / Cecília Augusta Vieira Pinto ; orientadora,
Izete Lehmkuhl Coelho - Florianópolis, SC, 2015.

164 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências


1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Variação e mudança
linguística. 4. Sintaxe do português brasileiro. 5. Objeto
anafórico acusativo. I. Coelho, Izete Lehmkuhl. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Linguística. III. Título.

Cecília Augusta Vieira Pinto

VARIAÇÃO DO OBJETO ANAFÓRICO ACUSATIVO NA FALA DE FLORIANÓPOLIS

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 10 de abril de 2015.



Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Programa

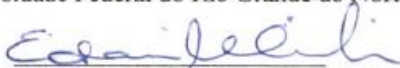
Banca Examinadora:



Profª. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora



Prof. Dr. Marco Antonio Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Profª. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina



Profª. Dra. Sueli Costa
Instituto Federal de Santa Catarina

Ao meu pai, que, onde quer que esteja, deve estar pensando o quanto valeu a pena me ensinar o amor pelos livros.

À minha mãe - mulher que eu mais admiro neste mundo por sua força, coragem e amor pela família -, por sempre acreditar em mim.

Ao Eduardo, meu amor e amigo, pelo apoio às minhas decisões e por ter me acalmado em todos os momentos difíceis do mestrado (e da vida).

À minha família, por ser meu alicerce e o motivo do meu esforço.

Aos amigos, que são também minha família, pela descontração e por recarregarem minha bateria sempre que nos encontramos.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro durante todo o mestrado.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pelo ensino gratuito e de qualidade.

À Professora Zilma, que teve grande papel no período em que estive na UFSC e também no meu ingresso para o mestrado.

À Professora Izete, pela amizade, sabedoria, dedicação e presença nas orientações desde o PIBIC.

Ao pessoal do VARSUL, por todas as discussões construtivas realizadas em nossos encontros.

À Gabriella, pela amizade, parceria e por sempre me dizer o que eu preciso ouvir.

À Professora Edair, por sempre estar disposta a discutir meus dados.

À Raquel, pelas discussões sobre coletas e por ter me ensinado a manusear o novo gravador do VARSUL.

À Carla, por ter me recebido em sua casa quando me ajudou com as rodadas estatísticas.

À Christiane, por sempre estar disposta a ajudar e, principalmente, pelo esforço de conseguir ter acesso a alguns textos de que eu precisava.

À Giuli, por ter me ajudado com as transcrições das entrevistas.

Ao curso de Letras Português EAD - Roberta, Cristiane, Celdon, Daiana, Juliana, Jenifer, Rosilda, Valdete, Sandra e Josias -, pelo aprendizado que tive durante todos esses anos e pela amizade que construímos.

À Juliana e à Valdete, por terem trabalhado em dobro nesses últimos meses, quando eu estava ocupada com a finalização da dissertação.

À Roberta, pela confiança no meu trabalho e pelo apoio constante aos meus estudos.

A Deus, por ter me dado paciência, sabedoria, força e coragem nesta grande etapa da minha vida.

Agradeço e dedico.

Língua

*Esta língua é como um elástico
Que espicharam pelo mundo.
No início era tensa, de tão clássica.
Com o tempo, se foi amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
E amolecendo nas folhas de bananeira
As expressões mais sisudas.
Um elástico que já não se pode
Mais trocar, de tão gasto;
Nem se arrebenta mais, de tão forte.
Um elástico assim como é a vida
Que nunca volta ao ponto de partida.*

Gilberto Mendonça Teles

RESUMO: A presente dissertação objetiva descrever e analisar os fatores internos e externos que condicionam os usos variados do objeto anafórico acusativo de terceira pessoa do discurso, partindo do modelo da Sociolinguística Variacionista Quantitativa (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). O *corpus* utilizado na análise desse fenômeno é formado por 16 entrevistas de informantes nativos de Florianópolis-SC, oito delas da década de 1990 - oriundas do Banco Base do Núcleo VARSUL (*Amostra 1990*) - e outras oito entrevistas coletadas na década de 2010 - provenientes da Amostra Floripa, pertencente ao mesmo Núcleo de pesquisa (*Amostra 2010*). A variável dependente, *objeto anafórico acusativo* - realizada através de duas diferentes variantes: objeto preenchido e objeto nulo - é relacionada às variáveis independentes: (i) forma de realização do constituinte retomado; (ii) função sintática do constituinte retomado; (iii) traço de animacidade do constituinte retomado; (iv) forma verbal; (v) transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo; (vi) especificidade do constituinte retomado; (vii) topicalização do constituinte retomado; (viii) sexo dos informantes; (ix) idade; (x) escolaridade; (xi) década da amostra; e (xii) indivíduo. Com base nos trabalhos de Omena (1978), Duarte (1986; 1989), Cyrino (1997), Marafoni (2004), Oliveira (2007), Pereira (2011) e Costa (2011), realizamos a presente análise e atestamos que os condicionadores mais significativos para o uso de objeto nulo são 'escolaridade' e 'idade' dos informantes, 'transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo', 'função sintática do constituinte retomado' e 'animacidade do constituinte retomado'. O objeto nulo de nosso *corpus* é mais frequente na fala de informantes mais jovens e menos escolarizados quando o seu referente é oracional. Nos dados com referente de SN, o objeto nulo ocorre mais quando está em uma estrutura complexa, quando seu referente tem função sintática diferente da de objeto direto e possui o traço [- animado]. Uma das importantes propostas deste trabalho diz respeito à comparação dos resultados das duas amostras empíricas, com o objetivo de verificar se há indicativos de dois perfis de mudança linguística em curso, a saber: (i) mudança em tempo real (no confronto entre as duas amostras) e (ii) mudança em tempo aparente (no confronto entre as faixas etárias em cada uma das amostras). Pudemos constatar que, de uma década para a outra, houve um leve aumento de objetos nulos de SN e estabilidade de uso de objetos nulos oracionais. E, em cada uma das duas sincronias, constatamos que os indivíduos jovens se

utilizaram mais do apagamento do objeto (tanto oracionais, quanto de SN) do que os mais velhos. Isso atesta a implementação, mesmo que lenta, da variante objeto direto anafórico nulo na fala dos informantes de Florianópolis do *corpus* investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Variação e mudança linguística; Sintaxe do PB; Objeto anafórico acusativo.

ABSTRACT: This study aims at describing and analyzing the internal and external factors that constraint the variation in anaphoric third-person direct object, based on Theory of Language Variation and Change (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). The *corpus* consists of 16 interviews with speakers born and raised in Florianópolis-SC: eight interviews were collected in the 1990s (VARSUL base-sample) and eight were collected in the 2010s (Floripa sample). Both samples belong to VARSUL Database. The dependent variable is expressed by two variants: filled object and null object. The independent constraints controlled are: (i) realization of the co-referential constituent; (ii) syntactic function of the co-referential constituent; (iii) trace of animacy of the co-referential constituent; (iv) verbal form; (v) verbal transitivity and structure projected by the verb; (vi) specificity of co-referential constituent; (vii) topicalization of the co-referential constituent; (viii) sex; (ix) age; (x) educational level; (xi) sample; and (xii) speaker. As it was pointed out in Omena (1978), Duarte (1986; 1989), Cyrino (1997), Marafoni (2004), Oliveira (2007), Pereira (2011) and Costa (2011), we conducted this analysis and we attested that the most significant factors to the variation are: ‘educational level’, ‘age’, ‘verbal transitivity and structure projected by the verb’, ‘syntactic function of the co-referential constituent’ and ‘trace of animacy of the co-referential constituent’. The null object variant is more common: (1) in the speech of less educated informants and younger informants, when its referent is a clause. With respect to noun phrase (NP) data, the null object occurs more often: (1) when it is located in a complex structure, (2) when its referent has a different syntactic function and (3) when it presents [- animated] feature. One of the most important contributions of this work is the comparison of two empirical samples in order to seek evidences of a linguistic change in progress, based on two approaches: (i) real time (confrontation between data from different periods of time), and (ii) apparent time (comparison between data from different age groups in the same sample). We have observed, in real time analysis, that there was a small increase of null NP objects and a stability of null clausal objects. Moreover, in apparent time analysis, we have found that the younger tend to use the elliptical object (clausal and NP) more often than the older. These results attest the implementation, even slowly, of the null variant of the anaphoric third-person direct object in the speech of informants from Florianópolis.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Linguistic Variation and Change; Brazilian Portuguese Syntax; Anaphoric Third-person Direct Object.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama com a estratificação dos informantes das amostras que serão investigadas.....	90
---	-----------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Variáveis dependentes, variáveis independentes controladas, variáveis independentes relevantes e resultados mais importantes de trabalhos anteriores sobre a variação do objeto anafórico acusativo.....	69
---	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados de objetos nulos e preenchidos.....	109
Gráfico 2: Distribuição dos dados de objetos preenchidos.....	110
Gráfico 3: Distribuição dos dados de SN.....	112
Gráfico 4: Distribuição dos dados de objetos nulos.	114
Gráfico 5: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo o a variável ‘indivíduo’.....	123
Gráfico 6: Frequências de objeto nulo com referente de SN e sentença, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.....	142
Gráfico 7: Frequências de objeto nulo com referente de SN, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.....	143
Gráfico 8: Frequências de objeto nulo com referente de sentença, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.....	144
Gráfico 9: Frequências de objeto nulo com referente de sentença, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.....	146
Gráfico 10: Frequências de objeto nulo de SN e de nulo de sentença, segundo a variável ‘década’.....	147
Gráfico 11: Frequências de objeto nulo de SN e de nulo de sentença em peças teatrais de Florianópolis, segundo a variável ‘século’. Adaptado de Costa (2011, p. 198).	148
Gráfico 12: Frequências de objeto nulo de SN e nulo de sentença em peças teatrais dos séculos XIX e XX e na fala do início do século XXI de Florianópolis, segundo a variável ‘século’. Adaptado de Costa (2011, p. 198).....	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Frequência de objeto anafórico acusativo nulo e preenchido em dados do PB, segundo a variável ‘século’. Adaptada de Cyrino (1997, p. 172).....	55
Tabela 2: Frequência e peso relativo de objeto anafórico acusativo nulo em dados do PB, segundo a variável ‘século’. Adaptada de Costa (2011, p. 194).	57
Tabela 3: Frequências das variantes, segundo a variável ‘faixa etária’. Adaptada de Duarte (1986; 1989, p. 27).....	63
Tabela 4: Frequências das variantes do objeto anafórico acusativo, em diferentes pesquisas (realizadas em oito estados brasileiros). Adaptada de Duarte e Ramos (a sair em 2015).....	66
Tabela 5: Frequência das variantes, segundo a ‘forma de realização do constituinte retomado’	115
Tabela 6: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘sexo’.	117
Tabela 7: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘escolaridade’.	118
Tabela 8: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘década’.	119
Tabela 9: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘idade’, na década de 1990.....	120
Tabela 10: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘idade’, na década de 2010.	121
Tabela 11: Frequência de objeto nulo, segundo a variável ‘forma de realização do constituinte retomado’, nas décadas de 1990 e 2010.....	126

Tabela 12: Frequências das variantes objeto nulo e objeto preenchido com referente de sentença, segundo a variável ‘década’127

Tabela 13: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘escolaridade dos informantes’, nas décadas de 1990 e 2010.....128

Tabela 14: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘idade dos informantes’, nas décadas de 1990 e 2010.....129

Tabela 15: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, nas décadas de 1990 e 2010.....130

Tabela 16: Frequências das variantes objeto nulo e objeto preenchido com referente de SN, segundo a variável ‘década’.132

Tabela 17: Frequência de objeto nulo com referente SN, segundo a variável ‘função sintática do constituinte retomado’, nas décadas de 1990 e 2010.....133

Tabela 18: Frequência de objeto nulo com referente SN, segundo a variável ‘animacidade do constituinte retomado’, nas décadas de 1990 e 2010.....135

Tabela 19: Frequências das variantes com referente SN, segundo a variável ‘animacidade do constituinte retomado’, na década de 1990.137

Tabela 20: Frequência de objeto nulo com referente SN, segundo a variável ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, nas décadas de 1990 e 2010.....138

Tabela 21: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘indivíduo’145

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I – APARATO TEÓRICO.....	27
1.1 PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS PARA A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	27
1.2 PROBLEMAS EMPÍRICOS PARA UMA TEORIA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA	34
1.2.1 Repensando o Problema da Transição	37
1.2.2 Repensando o Problema do Encaixamento	45
1.3 RESUMO DO CAPÍTULO.....	50
CAPÍTULO II – DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO, QUESTÕES E HIPÓTESES	51
2.1 O OBJETO DE ESTUDO	51
2.2 BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS SOBRE O OBJETO ANAFÓRICO ACUSATIVO.....	54
2.2.1 Análise diacrônica de dados de escrita	54
2.2.2 Análise sincrônica de dados de escrita.....	57
2.2.3 Análise sincrônica de dados de fala	60
2.2.4 Síntese das resenhas	68
2.3 QUESTÕES E HIPÓTESES	82
2.4 RESUMO DO CAPÍTULO.....	84
CAPÍTULO III – MATERIAL E MÉTODOS	85

3.1 OS AXIOMAS METODOLÓGICOS	85
3.2 CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS	87
3.2.1 Critérios de seleção dos dados	92
3.2.2 Variáveis	95
3.2.3 Tratamento Estatístico	107
3.3 RESUMO DO CAPÍTULO	108
CAPÍTULO IV – RESULTADOS DESTE ESTUDO	109
4.1 RESULTADOS GERAIS	109
4.2 RESULTADOS DOS OBJETOS QUE RETOMAM SENTENÇA	126
4.3 RESULTADOS DOS OBJETOS QUE RETOMAM SN	131
4.4 O QUE DIZEM OS RESULTADOS - RETOMADA DAS HIPÓTESES E RESUMO DO CAPÍTULO.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
APÊNDICE	155
REFERÊNCIAS.....	159

INTRODUÇÃO

Iniciei meus estudos na Sociolinguística em março de 2010, quando cursei a 5ª fase da graduação em Letras-Português da UFSC, com a querida professora Izete. A delicadeza, e, ao mesmo tempo, a grandeza da área da Sociolinguística me conquistaram desde o começo. Logo já realizei minhas primeiras entrevistas e me apaixonei ainda mais pela área. Como consequência dessa paixão, vieram os trabalhos de PIBIC (em 2011 e 2012) e TCC (em 2013), sobre a concordância verbal plural em peças de teatro de Portugal dos séculos XIX e XX - ambos orientados pela professora Izete.

Não hesitei em entrar para o mestrado em Linguística da UFSC, já que o encantamento pela pesquisa fazia parte de mim. Vinha, com esse grande passo, a dúvida sobre qual objeto pesquisar. Com a ajuda da orientadora, a escolha estava feita. “Pesquisarei o pronome reto que parece estar substituindo as formas oblíquas (ou clíticas) na função de acusativo. *Eu vi ele, eu vi ela*. Nossa, como esse fenômeno acontece na fala!”. Aos poucos, fui percebendo que a saliência fônica do pronome (em relação a não percepção da categoria vazia) me “pregava uma peça”. O pronome reto na função de acusativo é mais perceptível aos falantes que têm domínio formal desse uso. Muitos deles até mesmo estigmatizam essas formas e preferem se utilizar do pronome clítico quando querem passar boas impressões ao ouvinte. Quando pensamos nas formas que ocupam a função acusativa na fala, lembramos rapidamente do pronome reto. Entretanto, estudos têm nos mostrado que os números da ocorrência dessa variante são baixos. Já a categoria vazia parece não ser muito perceptível à avaliação dos falantes. Essa forma não é estigmatizada e está cada vez mais frequente na língua. Em minhas pesquisas, então, o objeto nulo começou a se destacar e a receber a minha adoração.

As leituras de trabalhos que descreviam o objeto nulo e que postulavam mudança em tempo real chamavam minha atenção e me intrigavam: “No século XVI, o português tinha mais de 80% de preenchimento do objeto direto anafórico (em geral, preenchido por pronomes clíticos) e esse número se inverteu ao final do século XX. A frequência neste século chega à casa dos 70% para o objeto nulo. Que interessante isso! Quero muito estudar esse objeto em variação”.

Esse foi o início da jornada que será descrita neste trabalho. A partir da próxima seção, o leitor está convidado a embarcar nas

discussões que trouxemos acerca do nosso objeto de pesquisa. Tenha uma boa leitura!

PONTO DE PARTIDA

O uso variável do objeto anafórico acusativo já foi muito estudado tanto em amostras de língua falada quanto em amostras de língua escrita de diferentes regiões do Brasil (OMENA, 1978, DUARTE, 1986, 1989; CYRINO, 1993, 1997, 2003; CALLES, 2006; OLIVEIRA, 2007).

Com respeito aos trabalhos que descrevem o fenômeno na Região Sul, especificamente no estado de Santa Catarina, temos as pesquisas que analisaram o objeto direto anafórico em amostras de língua escrita: Pereira (2011), que focou sua análise em textos de alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas de Florianópolis; e Costa (2011), que realizou um trabalho diacrônico sobre peças de teatro de Florianópolis e de Lisboa, dos séculos XIX e XX.

Em relação à língua falada, temos notícia apenas do estudo sincrônico de Luíze (1997), que analisou as 24 entrevistas de Florianópolis do banco base do Núcleo VARSUL, realizadas na década de 1990. A fim de ampliar essa investigação feita pela autora e realizar um estudo desse mesmo objeto verificando a variação/mudança em tempo real (comparando duas sincronias), nosso trabalho pretende revisitar parte da amostra de 1990 analisada por Luíze, além de utilizar também outra amostra de fala mais recente (2010).

Iremos investigar neste trabalho, portanto, a variação do objeto anafórico¹ acusativo (objeto nulo e objeto preenchido), em duas amostras de fala de informantes de Florianópolis: uma amostra correspondente à década de 1990 e outra amostra² referente à década de 2010. As diferentes formas de (não) realização desse objeto anafórico encontradas em nosso *corpus* estão ilustradas nos exemplos a seguir.

¹ Por anáfora, estamos entendendo a correlação entre dois termos; um processo pelo qual um termo gramatical retoma a referência de um sintagma anteriormente citado na mesma frase ou no mesmo discurso (cf. Houaiss, 2001). Falaremos um pouco mais sobre isso no capítulo II.

² A constituição dessas amostras será mais bem detalhada na metodologia deste trabalho.

(1) Como que eu vou cuidar de gêmeos, sua louca? E *dois menino*, eu já tenho dois menino. Eu queria muito uma menina. Ah, dá \emptyset pra outra. Ah, vai ter alguém que vai querer \emptyset e vai dar bastante amor pra essas criança. (FEM/JOV/FUND/2³)

(2) Só tinha *uma bicicleta* que era do meu irmão, e as meninas que moravam aqui na rua, que eram da mesma faixa etária, elas tinham **bicicleta** também. (FEM/JOV/SUP/9)

(3) Aí, *a minha mãe*, ela sofria da tireoide. Aí, ela foi, voltou pro Hospital de Caridade e operaram. Então, nessa época, era o Doutor (inint) que operou **ela**. Ela morreu da tireoide, uma operação na tireoide. (FEM/VEL/FUND/9)

(4) *A Taís*, eu ajudei muito. Porque ela foi pra creche pequenininha, pro berçário e os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah mas eu tenho tempo, deixa ela ficar comigo uns tempinho, até ela ficar maiorzinha”, danada! Ajudei alfabetizá-**la**, porque ela ia pro colégio Imaculada Conceição ou Coração de Jesus e ela tinha que saber muita coisa que no jardim não aprendia. (FEM/VEL/SUP/2)⁴

Em (1), o objeto anafórico acusativo está representado por um objeto nulo que retoma o sintagma nominal (doravante SN) [*dois menino*]. Em (2), [**bicicleta**] é o objeto anafórico acusativo em questão e está retomando o SN [*uma bicicleta*], citado anteriormente no discurso. O exemplo (3) mostra o pronome reto⁵ [**ela**], na função de acusativo da sentença, retomando o sintagma [*a minha mãe*]. Em (4), temos o único exemplo de pronome clítico de nossa *corpus* e ele está retomando o SN [*a Taís*], que já havia sido mencionado pela informante no mesmo discurso.

³ A codificação que utilizaremos ao lado dos exemplos dos nossos dados servirá para identificar o indivíduo ao qual aquela fala pertence. Os códigos possuem os seguintes significados: MASC para masculino, FEM para feminino, JOV para menos de 50 anos de idade, VEL para mais de 50 anos de idade, FUND para até 8 anos de escolaridade, SUP para mais de 12 anos de escolaridade, 9 para década de 1990 e 2 para década de 2010.

⁴ Esse é o único dado de pronome clítico que ocorreu em nossa amostra. Ele será retomado como exemplo em outras vezes, no decorrer deste trabalho.

⁵ Manteremos a nomenclatura “Pronome reto” para aqueles pronomes que possuem forma reta (ele(s), ela(s)), porém exercem função acusativa na sentença.

Estudos mostram que as frequências de uso do objeto anafórico acusativo seguem a seguinte hierarquia na fala do português brasileiro (doravante PB), do maior para o menor: Objeto nulo > SN > Pronome reto > Pronome clítico.

Para investigar a variação do objeto anafórico acusativo, este trabalho segue o modelo da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), buscando analisar os contextos internos e externos à língua que condicionam os usos variados desse objeto nas duas amostras de fala investigadas. A correlação desse fenômeno variável com tais contextos pode fornecer evidências para explicar um dos processos de mudança que vem acontecendo nas gramáticas do português: o uso cada vez mais frequente do objeto nulo e a queda do pronome clítico.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A presente dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, traremos o aparato teórico que nos guiará neste estudo. No segundo capítulo, descreveremos nosso objeto de pesquisa, trazendo resenhas de alguns estudos sociolinguísticos que já trataram da variação do objeto direto anafórico no PB. Além disso, apresentaremos nossos objetivos, questões e hipóteses. O terceiro capítulo é composto dos materiais e métodos da pesquisa, além do tratamento estatístico que será realizado. O quarto capítulo apresenta a descrição e análise dos resultados do estudo que realizamos. Logo após, traremos as considerações finais e também as referências bibliográficas que nos auxiliaram nesta jornada.

CAPÍTULO I – APARATO TEÓRICO

Apresentaremos neste capítulo alguns postulados fundamentais da Teoria da Variação e Mudança Linguística (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e refletiremos sobre os problemas empíricos básicos relacionados a ela. Buscando caminhos para nossa metodologia, abriremos discussões a respeito da correlação entre os problemas e nosso objeto de pesquisa.

1.1 PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS PARA A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Conforme os estudos linguísticos mostram, a Sociolinguística Laboviana (também conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa) surgiu na década de 1960, quando havia grande projeção na linguística dos modelos do estruturalismo e do gerativismo, que se voltavam especialmente ao sistema interno das línguas. Essas duas abordagens teóricas assumiam uma perspectiva de língua que não levava em conta possíveis influências externas a ela (históricas, sociais, ideológicas etc.), eventuais variações ou influências típicas da fala sobre o sistema linguístico.

A linguística estruturalista acreditou por muito tempo que as formas variantes eram apenas flutuações estruturais ou lexicais de natureza aleatória (conhecidas como variação livre) que integravam nosso repertório linguístico e que não seriam elas o lugar privilegiado para observar as relações entre língua e sociedade. Da mesma maneira, a linguística histórica do século XIX, aliada ao evolucionismo naturalista do período, acreditava no pressuposto de que as únicas leis que governariam tal processo seriam leis também de natureza linguística.

A abordagem da Sociolinguística Variacionista vem romper com essa visão, trazendo para debate conceitos teóricos que correlacionam sistema com heterogeneidade ordenada em que, para além de forças internas à língua, há forças externas que estão atuando sobre ela. Mesmo rompendo alguns limites, a Teoria da Variação e Mudança Linguística não nega a estrutura objetiva da língua, conforme diz Lucchesi (2004):

Apesar de romper com os limites impostos pela análise estruturalista [...], abrindo caminho para uma compreensão mais ampla e adequada do fenômeno linguístico [...], a sociolinguística não nega as contribuições estruturalistas provenientes

da apreensão do objeto de estudo mediatizada pelas suas relações estruturais e estruturantes, objetivas. Esse novo modelo teórico busca apenas inserir essas contribuições numa visão mais globalizante do objeto de estudo, integrando as relações estruturais no contexto socio-histórico em que elas se realizam. (p. 186)

A discussão sobre heterogeneidade ordenada está bem fundamentada na obra clássica e pioneira de Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) (2006 [1968]), e é um dos princípios gerais para o estudo da mudança linguística propostos pelos autores:

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas. (WLH, 2006 [1968], p. 125)

WLH acrescentam que quanto mais os linguistas davam valor à estrutura da língua e apontavam suas vantagens funcionais, mais misteriosa acabava se tornando a explicação sobre a mudança linguística, isto é, sobre a transição de um estado de língua a outro. A questão a seguir ilustra muito bem essa discussão:

[...] se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? Em outras palavras, se pressões esmagadoras forçam uma língua à mudança e se a comunicação é menos eficiente neste ínterim (como seria forçoso deduzir da teoria), por que tais ineficiências não têm sido observadas na prática? (WLH, 2006 [1968], p. 35)

A resposta a essa questão, segundo os autores, estaria ligada ao rompimento da identificação entre estruturalidade e homogeneidade. A ideia seria considerar que a língua – heterogênea e ordenada – continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças, que são graduais e

contínuas. Se as mudanças fossem abruptas ou repentinas, elas certamente interromperiam a comunicação entre as pessoas.

Pagotto (2006), baseando-se nessa teoria, explica que mesmo a língua sendo heterogênea, é possível estudá-la de maneira sistemática. A Sociolinguística, ao eleger como seu objeto as relações entre língua e sociedade, deve partir do princípio de que a língua tem sua própria ordem interna. Essa ordem não é alheia à estrutura social. A pesquisa nessa área deve buscar precisar as formas pelas quais essas duas ordens (a interna e a externa) se relacionam.

Outro princípio proposto por WLH, importante para a discussão que aqui se apresenta, está relacionado ao fato de a variação linguística acarretar, ou não, uma mudança na língua: “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WLH, 2006 [1968]), p. 125). Isso quer dizer que os resultados de análises de formas linguísticas em variação podem apontar para dois caminhos. Num deles há indicativo de mudança – as variantes concorrem entre si e uma delas é substituída pela outra. A mudança, portanto, pressupõe sempre a evidência de estado de variação anterior. O outro caminho é o processo de variação que indica estabilidade das variantes e não necessariamente uma mudança. A variação nesse caso não implica mudança linguística, há uma relação de contemporização entre as variantes.

Os pontos fundamentais da abordagem proposta por Labov são, portanto, a presença do componente social na análise linguística e a língua como sistema heterogêneo. Lucchesi (2004) comenta, sobre o rompimento da Teoria da Variação e Mudança Linguística com a visão estruturalista, que o sistema linguístico seria “o domínio da invariância”, ao postular que a variação se constitui de objeto da análise linguística sistemática:

[...] o princípio estruturalista de que uma mudança só pode ser compreendida considerando-se o sistema linguístico em que ela se processa, integra-se no princípio sociolinguístico de que ‘não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre’ (Labov, 1972 [1963]: 3). Nesse novo patamar, a análise linguística se orienta, não mais por uma concepção de língua como um sistema autônomo – ou um sistema unitário que se impõe a todos os

membros da comunidade indistintamente –, mas como um sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos. (p. 186, 187)

Segundo Labov, resultados de estudos empíricos desde a década de 1960 mostram que a heterogeneidade é sistemática e que a variação e a mudança no sistema linguístico devem ser investigadas tanto na diacronia quanto na sincronia. Hoje em dia, temos muitas pesquisas que atestam que o processo de variação é um dos lugares em que há o funcionamento social interagindo com o funcionamento linguístico. Essa interação entre língua e sociedade se dá dentro da comunidade de fala que não é apenas, conforme Labov (2008 [1972]), concebida como um grupo de falantes que usa as mesmas formas, mas sim um grupo que compartilha as mesmas atitudes frente à língua.

Coelho et al. (2015) dizem que a uniformidade das normas compartilhadas pelo grupo acontece quando há marcas sociais evidentes em relação à variável linguística. Isso mostra que, em alguns casos, os falantes possuem consciência de certos usos e emitem juízos de valor sobre as formas linguísticas variáveis. Segundo os autores,

A noção de comunidade de fala suscitou alguns questionamentos, relacionados principalmente ao papel da avaliação das formas variantes, que não se dá apenas conscientemente (como nos estereótipos), mas também inconscientemente (no caso dos marcadores e indicadores) e à sua operacionalização (por exemplo, existe um número determinado de formas linguísticas variáveis frente às quais os falantes teriam uma atitude uniforme que permita a identificação de uma comunidade de fala?). (p.59)

Labov busca certa homogeneidade na comunidade de fala, considerando a uniformidade do comportamento dos falantes quanto a suas atitudes em relação a regras e formas linguísticas, mesmo sendo variáveis as características da fala dos indivíduos.

Por conta das dificuldades ligadas a essa noção do termo, Gregory Guy (2001, *apud* Coelho et al., 2015) reelabora a concepção laboviana de comunidade de fala, propondo uma definição a partir de três critérios:

- 1) Os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos;
- 2) Devem ter uma frequência de comunicação alta entre si;
- 3) Devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

A noção de comunidade de fala, tomada por Guy, e que será assumida neste trabalho, diz respeito a aspectos linguísticos e sociais, já que seus membros compartilham características linguísticas que os diferenciam de outras comunidades de fala, além de compartilhar também atitudes sociais frente à língua.

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala, para Labov, é um fato comprovado: existe variação inerente dentro da comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação. É normal ouvirmos diversas maneiras de dizer a mesma coisa com o mesmo significado, inclusive na fala de um mesmo falante. Pode ocorrer ainda o fato de certo indivíduo pertencer a mais de uma comunidade de fala. Esses são indícios de que a língua varia constantemente. A heterogeneidade é, portanto, resultado natural de fatores linguísticos somados às características sociais dos falantes. Para lidar com a variação da língua, é preciso olhar para os dados de fala/escrita do dia-a-dia e relacioná-los às teorias gramaticais o mais criteriosamente possível, ajustando a teoria de modo que ela dê conta do objeto. Assim poderemos reexaminar os métodos que temos empregado, visando o melhor entendimento possível do objeto que estamos estudando.

A variação, como já apontamos, não é desordenada; ela é inerente ao sistema linguístico. Sistematicidade e variabilidade, portanto, não se excluem. A capacidade de usarmos e interpretarmos regras variáveis faz parte de nossa competência linguística. O falante se utiliza de certa forma em variação em determinada situação social, porque ela faz parte do sistema linguístico, isto é, é regida por regras. Ao usar formas linguísticas distintas em diferentes espaços sociais, ele está também mostrando como o sistema linguístico é afetado pelas relações com a sociedade.

Faraco (2005, p. 195), baseando-se em Labov (1982) em relação aos fatores sociais que podem ter relevância na mudança linguística,

elencar algumas generalizações possíveis que orientam a investigação histórica da língua:

a) As mudanças são iniciadas com a generalização de uma variante por um grupo socioeconômico intermediário (operários qualificados ou classe média baixa);

b) Nesses grupos, são normalmente inovadores os falantes que têm mais prestígio local. Labov (1982, p. 89) alerta que o termo inovador identifica aqui apenas os falantes que estão mais avançados no uso e difusão de alguma forma “nova”; o termo não sugere que esses falantes sejam inovadores no sentido de estarem criando formas que não existiam;

c) Os inovadores participam de redes de comunicação densas no interior da comunidade (isto é, interação com grande número de pessoas) e têm igualmente muitos contatos interacionais externos à comunidade local;

d) As mulheres, embora sejam mais conservadoras que os homens quando se trata de estruturas normativas estáveis (isto é, sua fala se aproxima mais da norma culta), são menos conservadoras quando se trata de mudança em progresso. Assim, para a maior parte das mudanças, elas estão geralmente uma geração na frente dos homens;

e) Novos grupos étnicos que entram na comunidade passam a participar das mudanças em progresso só quando começam a ganhar estatuto social, isto é, adquirem direitos e privilégios em termos de emprego, moradia e acesso à estrutura social;

f) A difusão das mudanças vai dos centros urbanos maiores para os médios; daí para os pequenos e, finalmente, para a zona rural.

A grande maioria dos estudos sociolinguísticos tem mostrado fatores linguísticos e extralinguísticos atuando como condicionadores de fenômenos variáveis. O estudo de Labov feito em 1962 na ilha de Martha's Vineyard, por exemplo, apontou condicionadores sociais atuando sobre a variação da posição articulatória dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ (como em *right*, *white*, *life* ou *out*, *house*). O estudo da amostra empírica mostrou que a alta centralização de (ay) e (aw) – variantes essas que são consideradas estigmatizadas pelos falantes do inglês norte-americano – estava intimamente ligada à idade e à profissão dos informantes, à localidade (ilha alta ou ilha baixa), além de estar associada a expressões de grande resistência às

incursões dos veranistas. A centralização exibiu um aumento regular em faixas etárias sucessivas, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos. Os pescadores exibiram maior índice de centralização do que os fazendeiros, ou indivíduos de outras profissões. Moradores da ilha alta rural favoreceram a centralização mais do que os que habitavam os vilarejos da ilha baixa. Observou-se, também, um nítido contraste entre os indivíduos que planejavam deixar a ilha e os que planejavam ficar, além do contraste atrelado à atitude em relação à ilha: o significado da centralização, a julgar pelo contexto em que ocorria, estava ligado a uma atitude positiva em relação à Martha's Vineyard. A centralização dos ditongos foi interpretada pelo autor como uma marca local para demarcação da identidade cultural e do espaço dos que queriam permanecer na ilha.

No Brasil, um estudo dentre muitos que ilustram bem a força dos condicionadores internos e externos na variação é o de Monguilhott (2009). A autora apontou, no estudo sincrônico que fez sobre o português falado em Florianópolis, tanto condicionadores linguísticos quanto condicionadores sociais atuando na variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural. Ela observou que a não concordância ocorre na fala de informantes florianopolitanos mais velhos, independentemente do grau de escolaridade, com verbos que apresentam pouca saliência fônica na oposição singular/plural e que tenham um sujeito posposto ao verbo, com traço [- humano], que apresente em seu último elemento uma marca zero de plural.

Ao tentar resolver a questão da mudança linguística, a Sociolinguística Variacionista se propõe a trabalhar em soluções relacionadas a cinco problemas empíricos: o problema da restrição, o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação. Falaremos mais sobre eles na seção que segue.

1.2 PROBLEMAS EMPÍRICOS PARA UMA TEORIA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

WLH (2006 [1968]) e também Labov (1972, 1982, 1994, 2001, 2010) trazem discussões acerca dos cinco problemas empíricos para uma Teoria da Variação e Mudança Linguística. A seguir, trataremos brevemente desses conceitos para entendermos melhor como se dá a correlação entre fatores linguísticos e extralinguísticos no desenvolvimento de determinada mudança.

O Problema da Restrição é o tema central de uma teoria geral da mudança para muitos linguistas.

Trata-se formalmente de uma busca por mudanças linguísticas que ‘não acontecem’ (WLH, 100). Em muitas formulações, corresponde ao paralelo diacrônico para a busca de universais linguísticos que restringiriam a teoria sincrônica e assim estreitariam a nossa visão do que constitui uma possível linguagem humana. (LABOV, 1982, p. 55, tradução livre⁶).

A restrição está relacionada a perguntas como “Quais são as restrições gerais da mudança, se houver, que determinam as mudanças possíveis e impossíveis e quais as direções da mudança?” (LABOV, 1982, p.26, tradução livre⁷). Este problema se ocupa com as restrições gerais da mudança e, ao mesmo tempo, investiga quais as mudanças possíveis e quais as condições possíveis (ou impossíveis) de mudança de uma estrutura de determinado tipo (fonológica, morfológica, morfossintática, sintática etc). As respostas a essa questão têm ajudado tanto a compreender melhor as causas gerais da mudança linguística, como também a encontrar respostas à definição das restrições dos objetos linguísticos variáveis de estudos específicos.

⁶ For many linguists, the constraints problem is the central issue of a general theory of change. It is formally a search for kinds of linguistic change that “will not take place” (WLH 100). In many formulations, it is the diachronic parallel to the search for linguistic universals which would constrain the synchronic theory and so narrow our view of what constitutes a possible human language.

⁷ What are the general constraints on change, if any, that determine possible and impossible changes and directions of change?

Quanto ao Problema da Transição, seu principal objetivo é encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior.

Desejamos traçar o maior número de estágios intermediários, de modo a conservar somente uma das principais alternativas. Assim, são aspectos do problema da transição questões sobre a regularidade da mudança sonora, sobre a influência gramatical na mudança sonora, sobre 'cadeias que avançam' *versus* 'cadeias que retrocedem', sobre movimento constante *versus* alterações súbitas e descontínuas. (LABOV, 2008 [1972], p. 193)

As principais questões estão relacionadas à investigação a respeito do percurso de mudança. Se a língua muda discretamente, como traçar o percurso de um estágio a outro? Como pode a língua mudar de um estado a outro sem interferir na comunicação entre membros de uma comunidade de fala? (LABOV, 1982, p. 28, tradução livre⁸). As respostas a essas questões têm trazido contribuições importantes sobre a transição no tempo/geracional: o comportamento linguístico de certa geração de falantes reflete um estágio da língua que será gradativamente substituído por novas gerações que virão em seguida.

Em relação ao Problema do Encaixamento, Labov (2008 [1972], p. 193) diz:

O problema do encaixamento é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não linguístico de comportamento social. As correlações se estabelecem por provas sólidas de variação concomitante, ou seja: mostrando-se que uma pequena mudança na variável independente é regularmente acompanhada por uma mudança da variável linguística numa direção previsível.

⁸ How can language change from one state to another without interfering with communication among members of the speech community?

As perguntas relacionadas a esse problema são: “[...] como as mudanças observadas estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão? (Ou seja, que outras mudanças estão associadas a determinadas mudanças de um modo que não pode ser atribuído ao acaso?).” (WLH, 2006 [1968], p. 36). Para responder a essas perguntas, devemos levar em consideração que a mudança que está sendo investigada deve estar encaixada no sistema linguístico como um todo e encaixada também na matriz social a ela relacionada. Sem encaixar a mudança, não se consegue ter uma visão adequada de seus condicionamentos.

O Problema da Avaliação é um aspecto essencial que conduzirá o pesquisador a uma explicação da mudança linguística, considerando o papel sistemático que a variação social tem na mudança.

A teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança. (WLH, 2006 [1968], p. 124)

A pergunta central feita em relação a esse problema é “[...] como as mudanças observadas podem ser avaliadas – em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa (tal como relacionada, por exemplo, com a carga funcional), e sobre o amplo espectro de fatores não representacionais envolvidos no falar?” (WLH, 2006 [1968], p. 36).

O Problema da Implementação procura descobrir a origem de uma mudança e a causa de sua propagação, levando sempre em conta a vida social da comunidade em que as mudanças ocorrem.

Há uma concordância geral de que o cerne do estudo da mudança linguística é a busca pelas causas. Isso é o que geralmente nós pretendemos por meio da explicação da mudança. Ao mesmo tempo que gostaríamos de aplicar para essa busca os princípios universais que governam a gramática como um todo, é também entendido, seguindo Meillet (1921), que nenhum princípio universal pode dar conta do esporádico curso da mudança, no qual mudanças particulares começam e terminam num dado momento da história. O problema da implementação demanda que procuremos por universais particulares. (LABOV, 2010, p. 90, tradução livre⁹).

As questões relacionadas ao problema da implementação são do tipo: “[...] a que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas?” (WLH, 2006 [1968], p. 37).

Desses cinco problemas citados, pretendemos discutir aqui neste trabalho os mais relevantes para o estudo empírico da variação e mudança do nosso fenômeno em estudo: o Problema da Transição e o Problema do Encaixamento.

1.2.1 Repensando o Problema da Transição

Esse problema só pode ser esclarecido quando estudamos, em contextos reais, os estágios intervenientes na propagação de uma mudança, ou seja, a “trilha” que a mudança está tomando para se completar. Podemos observar que certos elementos, que em algum

⁹ There is general agreement that the heart of the study of language change is the search for causes. It is what we generally mean by the explanation of change. While we would like to apply to this search the universal principles that govern grammar as a whole, it is also understood, following Meillet (1921), that no universal principles can account for the sporadic course of change, in which particular changes begin and end at a given time in history. The actuation problem demands that we search for universals in particulars.

período da história não existiam, estão presentes na língua, ou que desapareceram certos elementos que antes estavam presentes.

O Problema da Transição considera a transferência de certa forma linguística de uma pessoa para outra pessoa (de um grupo social a outro, de uma comunidade a outra), de um sistema linguístico para outro. O fato de uma forma ser substituída por outra depende de prestígio, pressão estrutural e/ou utilidade funcional.

Lucchesi (2004) comenta que, quanto mais acurada for a resposta ao problema da transição, maior será a compreensão sobre como a mudança linguística acontece. Para esse entendimento, o problema levanta uma questão fundamental: “a mudança se processa por estágios discretos ou através de um *continuum*?” (p. 174). Se considerarmos o fato de que os estágios históricos são estados discretos de mudança, *como* a mudança passa de um estado a outro? O autor explica que, para tratar dessa questão, Labov possui uma concepção mais dinâmica que se constituirá em um dos principais pontos de superação das concepções estruturalistas de língua e de mudança linguística:

Através do equacionamento do problema da transição através de um *continuum* ininterrupto de variação e mudança, a sociolinguística se contrapõe frontalmente à concepção de estado de língua de Saussure, que se mantém no estruturalismo diacrônico através da visão da história da língua como uma sucessão de sistemas homogêneos e unitários (que corresponderiam aos estados de língua) entremeada de períodos de instabilidade e mudança. (LUCCHESI, 2004, p. 174)

Quer dizer, então, que a mudança não é discreta, as formas antigas não são abruptamente substituídas pelas novas; mas ela se dá de forma contínua: há fases intermediárias em que as variantes coexistem e concorrem. Aos poucos, o uso de uma variante em relação à outra vai diminuindo, até que a mudança se complete.

Além de justificada estruturalmente, uma mudança não ocorre de forma abrupta. As evidências acumuladas ao longo dos anos mostram que a instalação de uma nova variante é progressiva e que, entre dois estágios de uma língua, podem ser identificados sistemas transicionais que suscitam questões sobre a forma

como uma variante passa de um indivíduo para outro e de um contexto estrutural para outro. A apreensão ou postulação desses estágios intermediários, como admitem os autores [WLH], pode contribuir muito mais para a formulação de uma teoria da mudança do que o estudo dos pontos inicial e final. (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 141)

Para identificar a existência de uma mudança linguística, deve-se observar em gerações sucessivas de falantes, que tenham características sociais comparáveis, se essas gerações representam estágios na evolução da língua da comunidade de fala.

Há algumas formas de atestar os estágios do processo da mudança, como a expansão dos contextos linguísticos, a transmissão de uma geração para a outra e a difusão de um grupo social a outro. Neste trabalho, focaremos na transmissão de uma geração para a outra, mas falaremos brevemente de todos esses estágios nos próximos parágrafos.

Coelho et al. (2015), ao comentarem sobre a expansão dos contextos linguísticos, dizem que, durante o período de mudança, na medida em que as formas variantes vão se alternando, os contextos linguísticos de uso de uma forma em relação à outra vão se expandindo gradativamente. Assim, os contextos vão rompendo restrições linguísticas e se espalham de um para outro.

Dentro desse tipo de expansão, há dois princípios de mudança linguística, opostos entre si, que podem ser retomados: o princípio da regularidade mecânica e o princípio da difusão lexical.

O princípio da regularidade mecânica é uma hipótese dos neogramáticos que prevê o som, condicionado por fatores fonéticos, como sendo a unidade da mudança. A intenção seria dizer que as mudanças são foneticamente graduais e lexicalmente repentinas, ou seja, todas as palavras formadas de determinado som são atingidas da mesma maneira e ao mesmo tempo. Coelho et al. trazem como exemplo do PB a monotongação do ditongo decrescente [ow], como nas palavras *roupa* > *ropa*, *pouco* > *poco*, *trouxe* > *troxe*, *vou* > *vô* etc., considerando que não há restrições lexicais que impeçam essa mudança.

O princípio da difusão lexical é uma hipótese de Wang e Cheng (1977, *apud* COELHO et al., 2015) que afirma que é a palavra a unidade da mudança. E isso implicaria dizer que as mudanças sonoras é que são foneticamente abruptas. Quanto ao léxico, seria atingido

gradualmente: primeiro um item (ou classe de palavras), depois outro, e assim sucessivamente. O exemplo trazido pelos autores, nesse caso, é sobre o fenômeno da queda do [r]. Os resultados sobre a frequência de uso parecem indicar que os infinitivos (*andar* > *andá*, *comer* > *comê*, *partir* > *parti*) foram as formas atingidas primeiramente na língua, seguidos de nomes derivados (*namorador* > *namorado*) e nomes simples (*doutor* > *douto*, *mar* > *má*). Aqui, a mudança atinge gradualmente categorias gramaticais.

Outro estágio do processo da mudança é a transmissão de uma geração para a outra. Estudos apontam para o fato de que as crianças adquirem primeiramente o vernáculo de seus pais ou cuidadores (cf. LABOV, 1974). Anos mais tarde, há uma reorganização vernacular, e elas passam a se identificar com seus pares (amigos adolescentes). Essa reorganização dura até a fase da adolescência, que é quando o sistema linguístico do indivíduo se estabiliza. Tal processo vai acontecendo de geração em geração. Espera-se, portanto, a diferença de vernáculos entre pais e filhos.

A hipótese clássica sobre a mudança linguística na sincronia, a mudança em tempo aparente, diz que os indivíduos preservam durante toda a vida o sistema vernacular que foi adquirido entre o período da infância até a adolescência. Um falante hoje com 70 anos de idade, portanto, usa a língua que era falada há mais de 50 anos atrás. Assim, se compararmos as falas de informantes mais jovens com a de informantes mais velhos, podemos perceber indícios de mudança linguística em progresso. Esse tipo de análise, então, considera os dados de apenas um período de tempo levando em conta a variável idade. A proposta é analisar diferentes faixas etárias e visualizar entre elas as mudanças que existem.

Segundo essa hipótese, num determinado tempo *t*, falantes de diferentes faixas etárias representam diferentes estados da língua: a variante inovadora, ausente ou mais incipiente na fala dos mais velhos, aumenta sua frequência nas faixas mais jovens da população. Dentre as variáveis sociais, as diferenças etárias são o indicador social primário, embora não absoluto, de mudanças em progresso na língua. (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 141-142)

Essa possibilidade de captar empiricamente uma mudança em curso é um grande pressuposto teórico de WLH, pois vai de encontro ao postulado saussureano de que a mudança só poderia ser observada diacronicamente. Além disso, WLH estão afirmando com essa teoria o caráter heterogêneo e ordenado do sistema linguístico visto sincronicamente em evolução.

Segundo Coelho et al. (2015), podemos atestar duas dimensões de mudança quando consideramos a variável faixa etária: mudança no indivíduo e mudança na comunidade. Essa relação ainda não está totalmente explicada, mas atualmente, Naro (2008, *apud* COELHO ET AL., 2015) traz duas posições teóricas que se propõem a dar conta dessa relação.

A primeira delas é a hipótese clássica, citada há pouco, de que, no decorrer dos anos, o indivíduo não muda seu vernáculo que foi adquirido entre o período da infância até a puberdade. A mudança pode ser atestada, nesse caso, na comparação entre as diferentes faixas etárias (e não na fala de um mesmo indivíduo). Temos, então, variação na comunidade e estabilidade no indivíduo. Por outro lado, além de a fala do indivíduo permanecer estável, a comunidade também pode refletir essa estabilidade. Nessa primeira posição teórica, portanto, há duas possibilidades de processo: a) a fala do indivíduo permanece estável e a comunidade muda; b) a fala do indivíduo permanece estável e a comunidade também permanece estável.

A segunda posição teórica trazida por Naro é a de que a fala do indivíduo pode sim mudar com o passar do tempo. Isso é atestado quando o comportamento linguístico de indivíduos mais velhos é igual ao de indivíduos mais jovens e esse comportamento se contrasta com o da população de meia idade, especialmente aquela que estiver no mercado de trabalho (esses indivíduos que estão no mercado de trabalho costumam usar uma linguagem mais monitorada e mais próxima às variedades cultas). Nesse caso, o indivíduo muda seu comportamento linguístico durante a sua vida, mas a comunidade à qual pertence permanece estável. Mas ainda há, da mesma forma, casos em que, além de a fala do indivíduo mudar, a comunidade também reflete essa mudança. Resumindo, nessa segunda posição teórica, há outras duas possibilidades de processo: c) a fala do indivíduo muda e a comunidade permanece estável; d) a fala do indivíduo muda e a comunidade também muda.

É importante lembrar que o estudo em tempo aparente nos oferece apenas *indícios* de mudança. Labov (1994) diz que os problemas que surgem na análise em tempo aparente poderão ser resolvidos através de observações em tempo real, outra forma de atestar a transição no tempo/geracional. A análise da mudança em tempo real considera dados de períodos afastados e visualiza a mudança real ocorrida entre dois ou mais períodos de tempo. Essa análise nos fornece evidências mais robustas de um processo de mudança, permitindo que se verifiquem estágios mais ou menos avançados desse processo.

O estudo da mudança em tempo real (de curta ou longa duração) permite recobrir aspectos que não podem ser detectados pelo estudo em tempo aparente, distinguindo mudanças que se produzem de forma gradual em toda a comunidade linguística daquelas que podem caracterizar a trajetória de comportamento linguístico do indivíduo ao longo da sua vida. Em tempo real de curta duração, essa distinção pode ser apreendida através do que Labov (1994) denominou ‘estudo de painel’ [panel study] e ‘estudo de tendência’ [trend study], que, se intercomplementando, podem fornecer evidências mais seguras acerca do estatuto dos padrões de variação em um dado momento de uma língua. (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 17)

Um estudo de longa duração irá observar diacronicamente as mudanças ocorridas em certa variedade da língua. Como não temos disponíveis gravações em áudio da língua falada de séculos atrás, esse tipo de estudo se baseia em análise de amostras de textos escritos de diferentes épocas afastadas uma da outra, visualizando a mudança real ocorrida entre várias décadas ou séculos.

Quando se faz um estudo de curta duração, há, segundo Labov, duas abordagens básicas para a análise em tempo real: i) o estudo de painel, que é mais elaborado, exigindo que o pesquisador regresse à comunidade de fala depois de um período de tempo e repita o mesmo estudo, com os mesmos informantes; ii) o estudo de tendência, que é mais simples e eficiente, fazendo com que o pesquisador volte à comunidade em questão, buscando informantes com as mesmas estratificações sociais do primeiro estudo, a fim de comparar os resultados com os atuais.

O estudo de painel seria a comparação de amostras de fala do mesmo indivíduo, em diferentes momentos no tempo.

[Esta abordagem] esquiva o problema de replicar o método de amostragem do estudo prévio usando a amostra original. Um estudo de painel intenta localizar os mesmos indivíduos que foram sujeitos do primeiro estudo e controla quaisquer mudanças em seu comportamento submetendo-os ao mesmo questionário, entrevista ou experimento. (LABOV, 1994, p. 76, tradução livre¹⁰)

A fala de um informante é gravada em um momento e depois, anos mais tarde, o entrevistador faz uma nova gravação com a mesma pessoa. Esse estudo pode atestar estabilidade ou mudança no comportamento linguístico do indivíduo. Uma limitação dessa abordagem é a perda da aleatoriedade de escolha dos indivíduos que representam a comunidade de fala, não podemos levar em conta apenas resultados de uma pesquisa como essa para apontar variação na comunidade.

O estudo do tipo tendência compara, em dois momentos distintos do tempo, amostras aleatórias de fala da mesma comunidade.

O tipo mais simples de réplica é o estudo de tendência. Enumeramos a população em geral da mesma maneira, obtemos os dados e os analisamos do mesmo modo – mas em um número x de tempo depois. Se estamos tratando de uma população urbana grande, é muito provável que a nova amostra inclua qualquer um dos mesmos indivíduos. Mas, se seguimos os mesmos procedimentos controlados, a amostra será representativa, e produzirá o tipo de réplica mais confiável. (LABOV, 1994, p. 76, tradução livre¹¹)

¹⁰ [This approach] sidesteps the problem of replicating the sampling method of the previous study by using the original sample. A panel study attempts to locate the same individuals that were the subjects of the first study, and monitors any changes in their behavior by submitting them to the same questionnaire, interview, or experiment.

¹¹ The simplest type of replication is a trend study. We enumerate the general population in the same way, draw the sample population in the same way, obtain the data and analyse them in the same way – but x number of years later. If we are dealing with a large urban population, it is highly unlikely that the new

Em uma época são gravadas entrevistas aleatórias e, anos mais tarde, na mesma comunidade de fala e seguindo a mesma estratificação social, o entrevistador grava a fala de novos informantes, aleatoriamente. Essas duas amostras são comparadas entre si e podem apontar “em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, na estabilização ou no recuo de processos de mudança” (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 17)

Sobre a difusão da mudança de um grupo social a outro, Coelho et al. (2015) dizem que é preciso ficar atento às características sociais dos falantes e ao valor atrelado às formas linguísticas em variação. Os autores entendem por grupo social tanto aqueles que constituem uma dada comunidade de fala, como aqueles que se distribuem geograficamente em localidades distintas.

As formas linguísticas que possuem mais prestígio na sociedade costumam acelerar a difusão da mudança. Essas formas geralmente pertencem ao repertório linguístico de classes mais dominantes. Assim sendo, chamam-se mudanças “de cima para baixo”. Essas mudanças apresentam um certo nível de consciência social e aparecem primeiro no estilo de fala mais monitorada. Coelho et al. trazem como exemplo da mudança vinda “de cima para baixo”, a difusão da palatalização do /s/ na fala carioca, que alguns estudiosos atribuem à influência da fala trazida de Portugal pela família real no século XIX.

Há também a possibilidade de mudança “de baixo para cima”, que é quando a forma inovadora deriva de formas vernaculares, abaixo do nível de consciência dos falantes, ou seja, essas formas costumam não possuir estigma na sociedade. Elas podem ser introduzidas por qualquer classe social e normalmente são associadas a traços identitários do grupo. O exemplo trazido pelos autores é o do pronome *a gente* que antes era de uso apenas na fala casual e agora está se difundido para contextos de maior formalidade.

Ainda podemos identificar difusão da mudança de uma localidade à outra. A propagação de novas variantes tem mais chance de ocorrer quando o número populacional das localidades é expressivo, quando são geograficamente próximas e quando há densidade de interações verbais

sample will include any of the same individuals. But if we follow the same controlled procedures, the sample will be representative, and it will produce the most reliable type of replication.

mediante contato. Mas não quer dizer que as localidades em contato vão manter uniformidade linguística. Os autores citam Faraco (2005: 196): “[...] a difusão da mudança, tanto no interior da língua, quanto no espectro social e no espaço geográfico, não se dá uniformemente, mas em ritmos e direções diferenciados”.

Em nosso trabalho, comparando os dados de fala da *Amostra 1990* com os dados da *Amostra 2010*, faremos um estudo em tempo real de curta duração do tipo tendência: analisaremos a fala de indivíduos aleatórios da mesma comunidade de fala, Florianópolis, em momentos afastados do tempo. Trabalharemos, então, nas seguintes perguntas relacionadas ao problema da transição: i) Podemos apontar uma mudança em tempo real na fala de Florianópolis, em relação ao nosso objeto de estudo, comparando a *Amostra 1990* com a *Amostra 2010*? ii) Será que podemos apontar uma mudança em tempo aparente, comparando o uso dos objetos anafóricos acusativos entre falantes mais jovens e mais velhos da *Amostra 1990*? E em relação à *Amostra 2010*?

1.2.2 Repensando o Problema do Encaixamento

O estudo desse problema pressupõe progredir no entendimento das causas e efeitos da mudança. Lucchesi (2004) diz que, em grande parte, esse problema se apoia na teoria do estruturalismo diacrônico de que uma mudança só poderia ser compreendida se considerarmos a sua inserção no sistema linguístico que ela afeta. O problema disso, segundo o autor, é resolver questões relacionadas à *natureza* e à *extensão deste encaixamento*.

As questões sobre a natureza do encaixamento referem-se ao modo de conceber a mudança dentro da estrutura linguística, e, conseqüentemente, ao modo de conceber a própria estrutura linguística. Já as questões sobre a extensão do encaixamento revolvem os limites da análise linguística: ela deve ser confinada ao plano das relações internas ao sistema linguístico, ou o encaixamento deve ser estendido ao plano da interação desse sistema com a estrutura social da comunidade de fala? Na resposta a essa questão, situam-se as grandes diferenças e os importantes avanços da concepção sociolinguística da mudança em relação à concepção estrutural-funcionalista. (p. 175)

O Problema do Encaixamento está relacionado a duas partes essenciais: o encaixamento estrutural e o encaixamento social.

WLH dizem que o encaixamento na estrutura linguística envolve as relações com outros elementos da estrutura da língua que favorecem a mudança.

Se a teoria da evolução linguística quiser evitar notórios mistérios dialetais, a estrutura linguística em que os traços mutantes se localizam tem de ser ampliada para além do idioleto. O modelo de língua proposto aqui tem (1) estratos discretos, coexistentes, definidos pela co-ocorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por covariação com elementos linguísticos e extralinguísticos. A mudança linguística, ela mesma, raramente é um movimento de um sistema inteiro para outro. Em vez disso, descobrimos que um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro. As variantes das variáveis podem ser contínuas ou discretas; em qualquer dos casos, a variável mesma tem um espectro contínuo de valores, já que ele inclui a frequência de ocorrência de variantes individuais na fala estendida. O conceito da variável como um elemento estrutural torna desnecessário ver flutuações no uso como externas ao sistema, pois o controle de tal variação faz parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala. (WLH, 2006 [1968], p. 123)

No encaixamento linguístico, as variáveis internas se correlacionam com a variável dependente. O sistema linguístico é situado na comunidade de fala e se caracteriza por sua heterogeneidade estruturada. No processo de mudança, não há uma alteração de um sistema inteiro para outro; há, sim, conjuntos limitados de variáveis que alteram seus valores continuamente de um estado para outro. Quer dizer que “[...] os fenômenos em mudança *se encaixam* no sistema sem que ele precise mudar por completo, ou seja, o sistema continua estruturado

enquanto muda, de forma que os falantes continuam se comunicando sem prejuízo.” (COELHO et al., 2015, p. 70)

WLH dizem que o encaixamento social pode ser observado através das relações entre o fenômeno linguístico que está em mudança e o perfil sociolinguístico da comunidade de fala.

A estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. Na explicação da mudança linguística, é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema como um todo; mas a significação social não é equitativamente distribuída por todos os elementos do sistema, nem tampouco todos os aspectos do sistema são equitativamente marcados por variação regional. No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais. Assim, a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato. (WLH, 2006 [1968], p. 122-123)

Fazer uma análise considerando o encaixamento na estrutura social é um dos importantes avanços dos modelos teóricos de mudança linguística. Lucchesi (2004) comenta que uma visão mais abrangente e adequada do processo histórico da língua é o reconhecimento de que somente a abordagem linguística seria incapaz de dar conta do processo de mudança; é preciso levar em conta, segundo ele, a variação inerente ao sistema através da covariação com os fatores sociais.

A mudança aqui é vista como encaixada num complexo social, correlacionada com mudanças sociais – as variações sociais e geográficas são intrínsecas à estrutura linguística. No decorrer do desenvolvimento de uma mudança, dependendo do estágio em que se encontra, podemos atestar pouca ou muita correlação com fatores sociais. O linguista deve, então, atestar a motivação social e também

determinar o grau de correlação social que há em certa mudança linguística.

Muitos trabalhos têm mostrado que só conseguimos explicar os condicionadores da mudança se entendermos como a estrutura linguística e a estrutura social estão encaixadas nos fenômenos em variação e mudança. O linguista que não considerar os fatores sociais que influenciam a mudança não avançará muito nas explicações de suas causas: “[...] existe uma matriz social em que a mudança está encaixada, tanto quanto uma matriz linguística. Relações dentro do contexto social não são menos complexas do que as relações linguísticas [...], e técnicas sofisticadas são exigidas para sua análise.” (WLH, 2006 [1968], p. 114)

Labov, quando fez o estudo em Martha’s Vineyard, pôde atestar o encaixamento sociolinguístico de sua variável – a centralização dos ditongos (ay) e (aw) – ao explicar que a variante conservadora e estigmatizada era a mais frequente naquela comunidade. A alta centralização dos ditongos foi mais frequente na fala dos pescadores de meia idade que moravam na zona rural, que gostavam da ilha e ali pretendiam ficar. Essa era a forma de os nativos resistirem à invasão dos veranistas que vinham para a ilha todos os anos: marcando sua identidade local por meio da língua.

Além do encaixamento na estrutura linguística e social, há casos de uma mudança ser vista como encaixada numa matriz de outras mudanças, como quando mudanças em certos terrenos da gramática desencadeiam mudanças em outras partes da mesma gramática, como se fosse uma cadeia. Um exemplo de uma situação de variação causada por outro sistema em variação pode ser visto em Tarallo (2000).

Pensando nos pronomes de terceira pessoa em função de objeto de verbo, o autor nos mostra que são diferentes as respostas possíveis para perguntas como:

“Você conhece **aquele homem**?” (SN animado)

1. Eu **o** conheço.
2. Eu conheço **ele**.
3. Eu conheço Ø.

Ou “Você comprou **aquele carro**?” (SN inanimado)

1. Eu **o** comprei.
2. Eu comprei **ele**.
3. Eu comprei Ø.

Tarallo comenta que nosso sistema gramatical rege o fenômeno da pronominalização através de um cruzamento semântico com o traço

[+ ou – animado] do SN referente: SNs referentes [+animado] favorecem sua posterior pronominalização na fala. Ao substituírmos os clíticos na fala, usamos a anáfora zero, acelerando ainda mais o processo de sua implementação no sistema quando o SN pronominalizável (aquele que foi usado anteriormente e que deveria ser retomado como pronome) for [-animado].

Nas orações relativas com correferente objeto direto, o SN da oração principal – na realidade, sintagma núcleo da relativa –, aparece na relativa sob forma zero quando segue a norma padrão, como em:

- Aquele meu amigo que você vê \emptyset muito no bar é ótimo.

A forma não padrão tem uma forma pronominal correferente ao SN da principal sendo usada na relativa:

- Aquele meu amigo que você vê *ele* muito no bar é ótimo.

Isso mostra que é exatamente em objeto direto que a anáfora zero ocorre com mais frequência do que a forma pronominal no sistema geral de referência: sobre o clítico *o* (praticamente inexistente na fala) e à forma nominativa *ele*, a anáfora zero assume a liderança absoluta (não categórica).

Também no âmbito da variação em relativas encontramos estes resultados: a forma não padrão, expressa por pronome, em relativa com correferente objeto direto é a menos frequente da escala sintática. Esse é um importante exemplo de encaixamento linguístico em cadeia: uma situação de variação (as relativas) causada por outro sistema de variação (anáfora nas orações declarativas).

Pensando em nosso objeto de estudo, vamos nos debruçar sobre as seguintes questões relacionadas ao problema do encaixamento: i) Como a variação do objeto anafórico acusativo está encaixada nas estruturas linguísticas e sociais? ii) Quais os condicionadores linguísticos e extralinguísticos do uso dessa variação na variedade de fala de Florianópolis? iii) Qual o papel do ‘tempo e modo verbal’ e da ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’ na variação das formas do acusativo? E os papéis da ‘animacidade do constituinte retomado’, da ‘forma de realização do constituinte retomado’, da ‘função sintática do constituinte retomado’, da ‘topicalização do constituinte retomado’ e da ‘especificidade do constituinte retomado’? iv) Há distinção de variação do objeto anafórico acusativo entre os falantes mais jovens e mais velhos? E entre os sexos masculino e feminino? Essa variação está relacionada à questão da escolaridade dos

informantes? Buscaremos responder a essas e outras perguntas até o final deste trabalho.

1.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos o aparato teórico que será utilizado neste trabalho. Refletimos sobre o cenário de surgimento da Sociolinguística, os pressupostos fundamentais da Teoria da Variação e Mudança e os problemas empíricos imbricados a ela. Todas essas discussões são importantes para nos auxiliarem a traçar os caminhos de nossa pesquisa, buscando respostas sobre o objeto estudado.

A seguir, iniciaremos o capítulo II desta dissertação, em que detalharemos nosso objeto de pesquisa.

CAPÍTULO II – DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO, QUESTÕES E HIPÓTESES

Apresentaremos neste capítulo a descrição do nosso objeto de pesquisa, o objeto anafórico acusativo. Começaremos discorrendo brevemente sobre a definição desse objeto. Depois, falaremos a respeito de alguns trabalhos que descrevem e analisam a variação do objeto anafórico acusativo e que se utilizam do aparato teórico da Sociolinguística em suas pesquisas para explicar esse fenômeno variável. Por fim, traremos nossas principais questões e hipóteses de pesquisa.

2.1 O OBJETO DE ESTUDO

Nosso objeto de estudo é formado por variantes que exercem a função sintática de objeto anafórico acusativo nas sentenças do português, o que significa dizer que são formas linguísticas que os falantes utilizam para retomar constituintes já mencionados.

Entendemos por anáfora a coindexação entre dois elementos de uma sentença, ou seja, há um processo em que certo elemento retoma um referente já citado anteriormente no texto.

(5) Na porta, apareceu um menino_i. O garotinho_i estava usando pijama e olhava para mim.

No exemplo, o SN [o garotinho] está retomando um elemento que já havia sido mencionado no discurso: [um menino]. Os dois sintagmas, [um menino] e [o garotinho], estão coindexados e dizem respeito à mesma referência no texto. Este é, portanto, um processo anafórico.

Em nosso estudo, levaremos em conta apenas anáforas que recebem o caso acusativo, ou seja, que exercem a função sintática de objeto direto:

(6) *O garotinho_i* estava usando pijama e olhava para mim. A mãe *o_i* chamou para dentro de casa.

Em (6), o pronome clítico [o], que possui função sintática de objeto direto do verbo *chamar*, está retomando o constituinte [*o garotinho*], citado anteriormente no mesmo discurso.

Nosso objetivo aqui neste trabalho, então, é analisar a variação das formas do objeto acusativo que está retomando anaforicamente algum elemento, na fala de informantes de Florianópolis.

Os **constituintes retomados dessas anáforas** poderão exercer qualquer função sintática e estarão na forma de um SN ou de uma sentença:

(7) Não, mas eu, tem gente que está brigando porque (inint), por causa de dinheiro. Não sei, mas é que também, coitado, onde é que ele ia arrumar **dinheiro**? (MASC/VEL/FUND/9)

(8) E um carioca tem e um paulista tem, argentinos também vêm pra cá pegar um pedacinho de terra lá em cima deles lá. (...) Por quê? Porque o ilhéu não fazia **isso**. (MASC/JOV/SUP/9)

No exemplo (7), o objeto anafórico acusativo [**dinheiro**] está retomando o SN citado anteriormente [*dinheiro*] que, por sua vez, está exercendo a função sintática de complemento nominal de [por causa de]. Assim como aponta esse exemplo, os constituintes retomados de nosso trabalho poderão estar exercendo qualquer função sintática, como complemento nominal, adjunto adnominal, sujeito, objeto indireto, objeto direto, etc. Podem até mesmo ser uma oração inteira, como no exemplo (8), em que a sentença [*vêm pra cá pegar um pedacinho de terra lá de cima deles lá*] é retomada pelo objeto anafórico acusativo [**isso**].

O **objeto anafórico acusativo** se apresentará como duas diferentes variantes: objeto nulo ou objeto preenchido (podendo se realizar, neste segundo caso, nas formas de pronome clítico, pronome reto, ou SN – SN pleno, SN com determinante modificado, sinônimos ou descrições definidas, demonstrativo *isso*).

(9) **Objeto nulo** - Eu usei muito de *futebol de salão*. (...) Pratiquei **o** muito. (MASC/JOV/FUND/9)

(10) **Pronome clítico** - A *Taís*, eu ajudei muito. Porque ela foi pra creche pequeninha, pro berçário e os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah mas eu tenho tempo, deixa ela ficar comigo uns tempinho, até ela ficar maiorzinha”, danada! Ajudei alfabetizá-**la**, porque ela ia pro colégio Imaculada Conceição ou Coração de Jesus e ela tinha que saber muita coisa que no jardim não aprendia. (FEM/VEL/SUP/2)

(11) **Pronome reto** - Uma vez, quando eu estudava, na, eu acho que eu tava na oitava série, é na minhas férias todas eu passei trabalhando com o meu irmão. Ele me convidou, *o meu irmão* trabalha numa oficina de carro e perguntou “Queres trabalhar assim tal, tal?”. Aí eu trabalhei. Ajudava ele a montar os carro, lavava o carro quando ficava pronto do serviço, que eles lá, eles trabalham de pintura, essas coisa no carro. (MASC/JOV/FUND/2)

(12) **SN pleno** - Eu não suportava *matemática*, mas depois que eu aprendi realmente matemática, eu fiquei gostando de matemática. (MASC/VEL/SUP/9)

(13) **SN com determinante modificado** - E hoje que o shopping já tá aí, qual é *a opinião da senhora*?

Não tenho opinião nenhuma, porque nunca nem fui lá visitar aquele shopping. (FEM/VEL/FUND/2)

(14) **Sinônimos ou descrições definidas** - Quando eu fiquei grande, que eu fui conhecer *o Rio Vermelho*. (inint) Foi depois, agora, de grande. O meu filho mais velho me trouxe e me levou lá pra mim conhecer. Ele disse: “Oh, mãe, vou levar a senhora pra senhora conhecer a terra onde a senhora nasceu”. (FEM/VEL/FUND/9)

(15) **Pronome demonstrativo isso** - Mas gostava de ler *gibi*. Eu adorava. Tinha um monte. Vivia lendo isso. (FEM/JOV/FUND/9)

Sabemos que nem todas as formas possíveis do objeto anafórico acusativo que iremos analisar costumam ser previstas na tradição gramatical como sendo próprias para exercerem a função sintática de objeto direto da sentença. Dos objetos preenchidos, geralmente, o SN e o pronome clítico são apontados como algumas (senão as únicas) formas das possíveis para exercerem essa função sintática.

Um dos trabalhos que revisita detalhadamente a tradição gramatical é o de Pereira (2011). A autora cita em seu estudo diversas visões de gramáticos em relação ao objeto direto anafórico, destacando os fatos de (i) muitos autores prescreverem como uso indevido pronomes retos na função de objeto direto e (ii) nem se reportarem ao objeto nulo. Os gramáticos argumentam, segundo Pereira, que, na linguagem culta, os únicos pronomes que devem ser utilizados no caso acusativo são os clíticos. Apesar dessa prescrição, muitos trabalhos de sociolinguística estão mostrando que o pronome clítico é bem pouco utilizado no português atual, que o pronome reto é estigmatizado e que o

objeto nulo se mostra cada vez mais atuante. Falaremos mais sobre essa variação nas próximas seções.

2.2 BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE O OBJETO ANAFÓRICO ACUSATIVO

Retomaremos nesta seção alguns trabalhos sociolinguísticos que já analisaram o objeto anafórico acusativo em amostras empíricas do português: Omena (1978), Duarte (1986; 1989), Cyrino (1997), Marafoni (2004, 2010), Oliveira (2007), Pereira (2011), Costa (2011) e Duarte e Ramos (2015). Baseando-nos nesses estudos, também especularemos algumas hipóteses que poderão nos apontar possíveis influências internas e externas que condicionam a variação em questão na fala de Florianópolis.

2.2.1 Análise diacrônica de dados de escrita

Cyrino (1997) fez um estudo diacrônico da não realização do objeto direto (objeto nulo) no Brasil dos séculos XVI ao XX. Foram coletados 300 dados de cada século em textos que foram considerados brasileiros (como peças teatrais, cantigas, modinhas e poesias satíricas). A variável dependente analisada pela autora se realizou na forma de duas variantes: a posição do objeto direto vazia e a posição de objeto direto preenchida. As variáveis independentes analisadas foram as seguintes: tipo de antecedente; tipo de antecedente se o objeto for nulo; forma de realização se o objeto for preenchido; modo verbal; tipo de oração em que ocorre; tipo de verbo quando elipse sentencial ou “o” neutro; animacidade. Citaremos aqui apenas os resultados mais relevantes para o nosso trabalho.

A autora observou que o objeto nulo apareceu em todos os séculos, mas houve diferença em suas frequências. O número de objetos preenchidos decaiu no decorrer dos séculos. No século XVI, o percentual era de 89,3% e, no século XX, era de 20,9%, enquanto que a ocorrência de objeto nulo foi crescendo no decorrer dos tempos (10,7% no século XVI e 79,1% no século XX).

Tabela 1: Frequência de objeto anafórico acusativo nulo e preenchido em dados do PB, segundo a variável ‘século’.

Século	NULAS		PREENCHIDAS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
XVI	31	10,7%	259	89,3%	290	100
XVII	37	12,6%	256	87,4%	293	100
XVIII	53	18,5%	234	81,5%	287	100
XIX	122	45,0%	149	55,0%	271	100
XX	193	79,1%	51	20,9%	244	100

Fonte: Adaptada de Cyrino (1997, p. 172)

Com esses resultados, podemos perceber claramente o problema da transição atuando ao verificar que há mudança linguística em tempo real, de longa duração, ocorrida entre cinco séculos do PB e o problema da implementação de uma nova variante – o objeto nulo – que era usada com baixa frequência nos séculos iniciais da amostra. Em relação ao problema do encaixamento, a autora constatou condicionadores linguísticos influenciando a ocorrência de objeto nulo no decorrer dos séculos: em destaque as variáveis ‘animacidade’ e a ‘especificidade’.

Segundo Cyrino, o objeto nulo, com antecedente SN [+ específico], começou a aparecer no século XIX e esse aumento se deu apenas em contextos de objeto nulo com antecedente [- animado]. A autora observou que o traço [- animado] conduz ao aumento do objeto nulo cujo antecedente é um SN [+ específico]; já quando o antecedente era SN [- específico], a frequência de objeto nulo aumentou somente no século XX, e, para esse século, o ‘traço animacidade’ não foi o mais importante. A autora concluiu, então, que o aumento foi causado pelo traço [- específico].

Costa (2011) estudou o comportamento do objeto nulo, diacronicamente, em peças teatrais de autores lisboetas e florianopolitanos dos séculos XIX e XX.

A variável controlada – o objeto anafórico em sentenças declarativas – é binária, formada pelas variantes: objeto nulo e objeto preenchido. As variáveis independentes controladas nesse trabalho foram: i) variedade do português – português brasileiro ou português europeu; ii) século de nascimento do autor; iii) estatuto da oração; iv) pessoa do discurso; v) animacidade do referente; vi) especificidade do referente; vii) forma de realização do objeto; viii) ordem do objeto; ix)

elemento entre o verbo e o objeto; x) estatuto do referente; xi) estrutura da oração.

Para a análise desse fenômeno, uma rodada estatística preliminar foi realizada por Costa, em que foram considerados o preenchimento e o não preenchimento do objeto dos dados do PB e do PE juntos. Tanto no PB (66%) quanto no PE (61%), o percentual de objetos preenchidos foi maior do que o de nulos. Das variáveis mais significativas para o nosso trabalho, os resultados da autora apresentaram maior tendência ao objeto nulo quando o referente era [- animado] (0,77 de peso relativo, contra 0,13 para os [+ animados]) e percebeu-se que a 3ª pessoa era a grande favorecedora para a elipse (0,53 de peso relativo, contra 0,28 da 2ª pessoa). No século XX, a frequência de objeto nulo foi maior do que o dobro daquela observada no século XIX (54% para o século XX e 23% para o século XIX).

Depois dessa rodada preliminar, a autora realizou duas outras rodadas. Em cada uma delas, considerou uma variedade do português (PB ou PE). Traremos aqui apenas os resultados referentes ao PB e às variáveis mais relevantes para nosso trabalho.

Os fatores considerados mais importantes para o PB, encontrados por Costa, segundo o programa VARBRUL, foram de ordens linguísticas e sociais: ‘animacidade do referente’, ‘século de nascimento do autor da peça’, ‘estatuto do referente’ e ‘pessoa do discurso’.

A hipótese para o fator ‘animacidade do referente’ levava em conta os estudos de Cyrino (2007). Esperava-se encontrar no PB uma maioria de objetos nulos com antecedente inanimado. O traço [- animado] do referente favoreceu o objeto nulo (0,77), o que fez com que a hipótese fosse atestada. A autora destaca que Cyrino (2007) explica o fato de que, com base na hierarquia da referencialidade, o objeto tende a ser nulo quando o referente é de 3ª pessoa e tem traço [- animado], enquanto que referentes com traço [+ animado] tendem a dar origem a objetos preenchidos.

Já para o século de nascimento do autor, era esperado que, à medida que se aproximava do século XX, houvesse maior tendência no PB ao apagamento do objeto (cf. CYRINO, 1990; TARALLO, 1983; *apud* COSTA, 2011).

Tabela 2: Frequência e peso relativo de objeto anafórico acusativo nulo em dados do PB, segundo a variável ‘século’.

Século de nascimento do autor da peça	Apl/Total	%	Peso Relativo
XIX	65/390	17%	0,33
XX	139/224	62%	0,77

Fonte: Adaptada de Costa (2011, p. 194).

Registrou-se o aumento do objeto anafórico elíptico na medida em que se aproximava do século XX (0,33 para o século XIX e 0,77 para o século XX). A autora atestou sua hipótese, que envolve a mudança em tempo real de longa duração.

Por fim, a expectativa para o fator ‘pessoa do discurso’ era a de que haveria diferença de percentual de objetos nulos entre as pessoas. O maior percentual de objeto nulo seria encontrado na 3ª pessoa, por conta do desaparecimento de seus clíticos no PB (cf. CYRINO, 2003; RAPOSO, 2004; KATO, 2003; *apud* COSTA, 2011). A hipótese foi atestada, pois a 3ª pessoa se mostrou a mais favorecedora do objeto nulo (0,56 de peso relativo, contra 0,17 para a 2ª pessoa). No PB não é comum a omissão de objetos de 1ª e de 2ª pessoas.

2.2.2 Análise sincrônica de dados de escrita

Oliveira (2007) realizou uma pesquisa a partir de 88 textos espontâneos de crianças que cursavam, entre os anos de 2002 e 2006, as séries iniciais do Ensino Fundamental (de 1ª a 4ª série) em escolas públicas de Curitiba. A autora analisou o uso de variantes do objeto direto anafórico a fim de verificar se havia evidências de uma mudança paramétrica para essas posições de objeto direto. A variável dependente se realizou de quatro diferentes formas: a) objeto direto nulo; b) pronome tônico *ele/ela*; c) SN anafórico pleno; d) clítico acusativo de 3ª pessoa.

Segundo a autora, os grupos de fatores que condicionaram a variação foram: (i) grupos linguísticos de natureza semântica, como animacidade do antecedente, especificidade e referencialidade do referente; (ii) grupos linguísticos de natureza morfológica, como o uso de tempos verbais simples ou compostos: [Aux + inf], [Aux + part] ou [Aux + ger]; (iii) grupos linguísticos de natureza sintática, como a

posição do clítico (próclise ou ênclise); e (iv) grupos de fatores sociais, como a escolaridade: 1ª, 2ª, 3ª ou 4ª série.

Dos 174 dados coletados pela autora, 91 (52%) foram de objeto nulo, 39 (23%) de pronome tônico, 14 (8%) de SN anafórico e 30 (17%) de clítico acusativo.

O objeto nulo foi o mais usado pelas crianças, apresentando a seguinte distribuição: 54% apareceram nos textos de 1ª e 2ª séries e 46% nos textos de 3ª e 4ª séries. 69% dos objetos nulos eram de referente [-animado] e 52% dos casos de objeto nulo aconteceram com verbos em tempo simples.

O pronome tônico foi a segunda variante usada pelas crianças. Dos 39 dados de pronome tônico, 18 foram utilizados pelas séries iniciais e 21 pelas 3ª e 4ª séries. 32% dos objetos [+animado] e 24% dos objetos [+específico/referencial] eram de pronome tônico. As crianças associavam os pronomes *ele/ela* exclusivamente a seres animados e/ou concretos. Em 28% dos casos de tempo simples o pronome tônico se revelou ser o mais importante.

Dos 14 dados de SN anafórico, 79% foram extraídos das séries iniciais e 21% das 3ª e 4ª séries. Quando o antecedente era [-animado], o uso de SN anafórico foi favorecido com 15%, contra 4% de [+animado]. O tempo simples se mostrou relevante para a ocorrência do SN anafórico.

O clítico anafórico ocorreu 30 vezes (11 nas séries iniciais e 19 nas finais). O percentual baixo (8%) dessa variante para as crianças da 1ª série e o aumento para 34% nas crianças da 4ª série mostram que os clíticos são adquiridos com o ensino formal e não fazem parte da gramática nuclear da criança. As crianças parecem associar também o objeto clítico anafórico a seres concretos e/ou animados, já que o traço [+animado] e o traço [+específico/referencial] apareceram com 21% e 18%, respectivamente. A forma composta [Aux + Infinitivo] influenciou em 94% para o uso da ênclise. Já a forma mais simples do verbo influenciou em 86% para a ocorrência de clíticos antepostos ao verbo.

Pereira (2011) fez um estudo das formas anafóricas do acusativo em textos de alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental de quatro escolas públicas de Florianópolis. A variável dependente se realizou na forma de cinco variantes: objeto nulo, pronome oblíquo, “o mesmo”, pronome demonstrativo e pronome reto. A autora deu ênfase para as realizações em 3ª pessoa, embora também tenha controlado as outras pessoas do discurso. As variáveis independentes controladas foram: i)

pessoa do discurso; ii) ordem do anafórico; iii) modo verbal; iv) animacidade do objeto; v) sexo; vi) faixa etária; vii) escolaridade. A autora realizou três diferentes rodadas quando fez a análise de seus resultados: a) na primeira delas, foram consideradas três das variáveis dependentes: pronome reto, pronome oblíquo e objeto nulo (o pronome demonstrativo e o “o mesmo” tiveram que ser retirados por terem pouca frequência); b) na segunda rodada, a autora levou em conta apenas os dados de pronomes retos e oblíquos; c) para a terceira rodada, foram considerados os objetos preenchidos e os objetos nulos.

Na primeira rodada ternária, olhando apenas para a 3ª pessoa, os percentuais foram de 76% para o objeto nulo, 30% para o pronome reto e 7% para o oblíquo. Foram relevantes para essa rodada, as variáveis: ‘sexo’, ‘pessoa do discurso’ e ‘animacidade’. O pronome oblíquo foi mais recorrente na escrita de mulheres (com 29%, contra 16% na dos homens), enquanto o pronome reto apresentou porcentagens semelhantes nos dois sexos (29% para o feminino e 30% para o masculino). O uso do objeto nulo teve a maior frequência entre as variantes e foi mais utilizado por homens (55%) do que pelas mulheres (41%). Sobre a ‘pessoa do discurso’, o pronome de 3ª pessoa apareceu como clítico em apenas 7% das ocorrências, seguido pelo pronome reto com 30% e pelo objeto nulo com 63%. Em relação à ‘animacidade’, o objeto nulo alcançou 99% dos casos em que o referente era [- animado].

Na segunda rodada estatística, em que a autora deixou de lado o objeto nulo e considerou apenas os pronomes reto e o oblíquo, o pronome reto se apresentou mais frequente na posição de objeto (55%), em relação ao pronome oblíquo (45%). O programa VARBRUL selecionou como fatores condicionadores para o uso do pronome reto na função de acusativo as variáveis ‘pessoa do discurso’, ‘sexo’ e ‘escolaridade’, respectivamente. Os resultados apontaram a 3ª pessoa como a mais favorecedora do uso de pronome reto na função do acusativo com 0,81 de peso relativo. A 1ª pessoa teve 0,21 de peso relativo, e a 2ª pessoa, 0,15. O pronome oblíquo foi o mais recorrente na escrita das mulheres (49%) do que na dos homens (36%). O pronome reto teve peso relativo 0,72 entre os homens, contra 0,38 entre as mulheres. Na 6ª série do Ensino Fundamental, o peso relativo no uso do pronome reto foi de 0,71 contra 0,56 na 5ª série, 0,41 na sétima e 0,28 na 8ª série, representando uma quebra da ordem crescente na 6ª série. Verificando os resultados, a autora resolveu fazer o cruzamento entre as variáveis ‘escolaridade’ e ‘faixa etária’ para confirmar a possibilidade

de os alunos com maior idade estarem enviesando os resultados. E foi o que aconteceu: alguns alunos da 6ª série possuíam entre 14 e 15 anos, acima da faixa etária regular. O número expressivo de alunos que estavam acima da faixa etária convencional da sexta série fez com que o resultado final fosse influenciado. Mesmo assim, pode-se dizer que a tendência geral é a de que falantes mais escolarizados utilizam mais a variante padrão do que os menos escolarizados.

Na terceira e última rodada, a autora considerou o objeto nulo (que teve 46% de frequência) e o objeto preenchido (54%). Apenas a variável ‘animacidade’ foi relevante para o programa VARBRUL. A probabilidade do objeto nulo [+ animado] foi de 0,04 contra 0,98 do objeto [- animado]. A autora afirma que os resultados estão quase em distribuição complementar, tamanha é a diferença entre as variantes.

2.2.3 Análise sincrônica de dados de fala

Omena (1978) fez um trabalho pioneiro sobre o objeto direto anafórico do português brasileiro. A autora analisou a fala de quatro adultos (dois homens e duas mulheres), indivíduos da classe social baixa do Rio de Janeiro em fase de alfabetização (alunos do MOBREAL¹²). Foram gravadas sete entrevistas por indivíduo, totalizando 28 horas de gravação. A autora elegeu como variável dependente o pronome pessoal de terceira pessoa acusativa, podendo se realizar em três diferentes formas: elíptica, pronome sujeito (ele(s), ela(s)), ou pronome objeto (o(s), a(s)). As variáveis independentes consideradas no estudo eram de ordem linguística: i) pronome com ou sem dupla função; ii) posição do pronome objeto; iii) classe de palavra do antecedente; iv) traço semântico do antecedente; v) distância entre o antecedente e o conseqüente; vi) função sintática do antecedente; vii) profundidade entre o antecedente e o conseqüente; viii) presença de um ou mais candidatos ao papel de antecedente.

Foram computados 1.415 dados, distribuídos da seguinte maneira: 0% de pronome objeto, 24% de pronome sujeito e 76% de objeto nulo. Os fatores linguísticos mais relevantes para o estudo,

¹² MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) é um projeto do governo federal, criado em 1967, com a proposta de alfabetização funcional de jovens e adultos.

segundo a autora, foram: o ‘traço semântico do antecedente’, a ‘função sintática do antecedente’ e o ‘pronome com ou sem dupla função’.

Em relação ao ‘traço semântico do antecedente’, a autora constatou que os antecedentes [- animado] são os que mais favorecem o apagamento do objeto. Entre os indivíduos de sua amostra, o antecedente [- animado] teve pesos relativos entre 0,73 a 0,83 para o objeto nulo.

Sobre a ‘função sintática do antecedente’, os dados foram classificados em complemento (função sintática igual à de objeto direto), outras funções, ou sujeito (funções sintáticas diferentes à de objeto direto). Os resultados apontaram para a função sintática igual à de objeto direto como a favorecedora do objeto nulo. Os pesos relativos entre os indivíduos variaram entre 0,53 e 0,72.

Para a variável ‘pronome com ou sem dupla função’, a autora classificou os dados em pronomes com dupla função sintática e pronomes com uma função sintática. Os resultados apontaram os pronomes com uma função sintática como os favorecedores do objeto nulo. Entre os indivíduos, os pesos relativos de objeto nulo foram entre 0,53 e 0,75.

A autora concluiu que a regra do pronome clítico não é bem estabelecida na competência linguística do falante não escolarizado do Rio de Janeiro, considerando que não encontrou nenhuma ocorrência desse pronome na fala em sua amostra.

Duarte (1986; 1989) procurou analisar as forças que estão influenciando a variação do objeto anafórico na fala de paulistas e em linguagem coletada na televisão. Na amostra de fala natural (entrevistas sociolinguísticas), foram considerados o ‘nível de escolaridade’ e a ‘faixa etária dos falantes’. Na amostra de fala veiculada pela televisão, foram analisadas 4 horas de episódios de novelas e mais 4 horas de entrevistas.

A variável dependente se realizou em diferentes variantes com os seguintes percentuais: clítico acusativo (4,9%); pronome lexical (15,4%); SNs anafóricos realizados em forma de: SNs lexicais plenos, ou SNs lexicais com determinante modificado, ou demonstrativo *isso* (17,1%); categoria vazia objeto (62,6%).

Na investigação desse fenômeno, Duarte controlou fatores linguísticos de ordem morfológica, sintática e semântica que condicionam a variação.

Em relação ao condicionamento morfológico, a autora analisou a ‘forma em que se encontra o verbo da oração que ocorre o objeto direto anafórico’. Os clíticos se apresentaram antes do verbo quando o tempo verbal tinha forma simples do indicativo (notadamente o presente e o passado dos verbos *ver* e *conhecer*), com 40,2%. Os outros 59,8% eram ênclises que se apresentaram basicamente seguindo verbos no infinitivo (revelando assim a preferência do *lo* sobre *o*). O objeto nulo superou as demais variantes, independentemente da forma verbal, perdendo apenas para os SNs anafóricos nas construções com gerúndio.

Para o condicionamento sintático, discorreu-se sobre a ‘regência e a estrutura projetada pelo verbo’. O objeto nulo se apresentou com mais frequência em quase todas as estruturas, superando a realização fonológica. Somente em duas estruturas o pronome lexical superou o objeto nulo: na bitransitiva, em que havia um objeto direto simples, seguido de um objeto indireto oracional (os percentuais foram de 39,1% para o pronome lexical e 30,4% para o objeto nulo); e na transitiva, em que havia um objeto direto simples, seguido de infinitivo ou gerúndio (em que houve 71,9% de pronome lexical e 19,3% de objeto nulo).

Em relação ao condicionamento semântico, Duarte analisou o ‘traço de animacidade do objeto’ e percebeu que essa é uma variável extremamente importante para a motivação do uso das variantes. O uso do clítico e do pronome lexical (com 78,4% e 92,4 %, respectivamente) foram condicionados pelo traço [+ animado] do objeto. Já o SN anafórico e o objeto nulo (com 70,7% e 76,3%, respectivamente) ocorreram com objetos [- animado].

Além desses fatores linguísticos, foram analisados condicionadores extralinguísticos, como a ‘faixa etária’, a ‘escolaridade’ e ‘estilo de fala’.

Sobre a ‘idade’ e a ‘escolaridade’ dos informantes, a autora percebeu a ausência absoluta de clíticos na fala dos mais jovens (de 15 a 17 anos), enquanto que, para os outros grupos, o uso de clíticos cresce na medida em que aumenta o grau de escolaridade e é variável na medida em que aumenta a faixa etária.

Tabela 3: Frequências das variantes, segundo a variável ‘faixa etária’.

Faixa etária dos Informantes	Pronome Clítico	Pronome Lexical	SN	Objeto nulo
De 15 a 17 anos	0%	23,5%	10,7%	65,8%
De 22 a 23 anos	5,0%	20,7%	13,5%	60,8%
De 34 a 46 anos	3,0%	16,1%	13,3%	67,6%
Acima de 46 anos	5,7%	15,1%	18,0%	61,2%

Fonte: Adaptada de Duarte (1986; 1989, p. 27).

Quando se tratou do uso do pronome lexical, os mais jovens apresentaram 23,5% e o uso entre as faixas etárias mais velhas foi decrescendo, chegando a 15,1% nos falantes com mais de 46 anos. O SN fez o percurso inverso: na medida em que se aumentou a faixa etária, aumentou também o uso dessa variante (10,7% para os mais jovens e 18,0% para os mais velhos. O objeto nulo foi o mais frequente em todas as faixas etárias, passando de 60%, o que aponta, segundo a autora, o estágio de implementação dessa variante no sistema linguístico.

Em relação ao condicionamento estilístico, Duarte comparou o estilo das falas natural (entrevistas sociolinguísticas), de novelas e de entrevistas realizadas na TV. Os resultados apontaram uma semelhança entre a fala natural e a fala da novela: nos dois estilos a preferência foi pelo uso de objetos nulos (63,6% e 66,5%, respectivamente) e de pronomes lexicais (17,8% e 11,7%, respectivamente). Já os entrevistados na TV foram os que mais utilizaram os clíticos (11,4%). Esse percentual baixo do uso de clíticos até mesmo no estilo mais formal de fala aponta, segundo a autora, o desaparecimento dessa variante. Os entrevistados na TV ainda evitaram o pronome lexical (1,1%) e preferiram, no entanto, os SNs anafóricos (40,3%), competindo com a categoria vazia (47,2%).

Marafoni (2004) fez um estudo sobre a variação do objeto anafórico acusativo de 3ª pessoa, controlando quatro variantes: o clítico acusativo, o pronome lexical, o SN anafórico e o objeto nulo. Sua análise foi baseada na mudança em tempo real do tipo painel, a partir de uma amostra de 16 indivíduos gravados em dois momentos separados por cerca de 20 anos, na década de 1980 e no ano 2000 (entrevistas oriundas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - PEUL). A pretensão de analisar a fala de um mesmo informante tinha o objetivo de

investigar: (a) se eles mudaram ou não seu comportamento linguístico nesse período, independentemente da mudança no nível de escolaridade e (b) se as restrições ao uso do objeto nulo se mantinham ou se o efeito tinha enfraquecido.

Os resultados gerais da autora mostraram estabilidade entre os anos e se deram da seguinte forma: 66,1% de objeto nulo na década de 1980 e 68,4% no ano 2000; 19,1% e 18,9% de SN anafórico; 14,4% e 11,6% de pronome lexical e 0,4% e 1,1% de pronome clítico. Foram selecionadas pelo programa VARBRUL as seguintes variáveis independentes: i) indivíduo; ii) função sintática do antecedente; iii) traço semântico do antecedente; iv) estrutura projetada pelo verbo; e v) topicalização do antecedente – essa selecionada apenas na década de 1980.

Com respeito à variável ‘indivíduo’, dos 16 entrevistados, seis aumentaram seu grau de escolaridade. Nos resultados desses indivíduos, houve uma quebra de hierarquia das ocorrências das variantes: eles preferiram utilizar objetos nulos (73,7%) e pronomes lexicais (15%) em suas falas, em vez do SN anafórico (9,6%). O pronome clítico foi o menos utilizado, conforme esperado pela autora, com 1,7% de frequência. Marafoni acredita que o índice alto de pronomes lexicais deve ser em decorrência do fato de os informantes que aumentaram o nível de escolaridade estarem situados nas faixas etárias mais jovens de sua amostra. Sobre os indivíduos que mantiveram seus graus de instrução, os índices se deram na sequência esperada: objeto nulo (64,2%), SN (23,4%), pronome lexical (12,1%) e clítico (0,3%).

Quanto à ‘função sintática do antecedente’, a função igual (à de objeto direto) favoreceu o uso de objeto nulo anafórico em 0,58 de peso relativo para a década de 1980 (contra 0,36 para a função sintática diferente) e 0,53 para o ano 2000 (contra 0,43 para o antecedente diferente). Entretanto, Marafoni percebeu que a diferença de peso relativo entre os dois fatores é de 0,22 na primeira amostra e essa diferença cai para 0,10 no ano 2000, revelando a variante objeto nulo sendo fortalecida também em ambientes em que os antecedentes têm outras funções sintáticas que não sejam a de objeto direto. A autora nos revela ainda que o SN segue os resultados de objeto nulo para a variável ‘função sintática do antecedente’, preferindo também antecedentes com a mesma função sintática. Já os pronomes clítico e lexical ocorrem mais com antecedentes diferentes.

Em relação ao grupo de fatores ‘traço semântico do antecedente’, a autora dividiu-os em três diferentes tipos: antecedentes [+animado], [-animado] ou antecedentes oracionais. A oração foi a que mais favoreceu o objeto nulo na década de 1980, com 0,87 de peso relativo. O traço [+animado] nessa década teve 0,41 de PR e o [-animado] teve 0,53. Já no ano 2000, o traço [-animado] do antecedente foi o que condicionou o uso do nulo, com 0,56 de peso relativo, seguido da oração, com 0,45 e o traço [+animado], com 0,33.

Sobre a variável ‘estrutura projetada pelo verbo’, as estruturas que apresentavam verbos com apenas um complemento (objeto direto) foram as condicionadoras do objeto nulo, tanto na década de 1980, como no ano 2000 (com peso relativo 0,55 nas duas amostras). As estruturas com dois complementos simples (objeto direto e indireto, ou objeto direto e complemento circunstancial) receberam peso relativo de 0,43 e 0,48 nos anos 1980 e no ano 2000, respectivamente. As estruturas complexas foram as menos favorecedoras do objeto nulo, com pesos relativos de 0,38 e 0,23.

Em relação à ‘topicalização do antecedente’, o antecedente não topicalizado desfavoreceu a ocorrência de objeto nulo, com 0,49 de peso relativo na década de 1980 e 0,48 no ano 2000. Já o antecedente topicalizado foi o que condicionou o uso de objeto nulo, quando apontou 0,70 e 0,63 de pesos relativos.

Gostaríamos de citar ainda nesta seção o trabalho de Duarte e Ramos (a sair em 2015) que fez uma recapitulação de trabalhos que trataram da variação das realizações do objeto no português brasileiro, em relação aos sistemas linguístico e social. Além das variantes anafóricas acusativas de terceira pessoa (que focaremos aqui nesta resenha), as autoras também sintetizaram trabalhos que tratam da função dativa em dados de terceira pessoa e das funções acusativa e dativa em dados de primeira e segunda pessoas do discurso.

As autoras começam o estudo percorrendo sobre os trabalhos de Omena (1978) e Duarte (1986; 1989), já citados aqui nesta seção, e prosseguem trazendo outros autores que, a partir do trabalho de Duarte, atestaram a ausência do clítico acusativo nos dados de aquisição e sua tímida recuperação via escolarização (ou contato com textos escritos). Comparando as regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, os resultados apresentam, no geral, a mesma hierarquia que parte de baixos índices do clítico, sempre seguido do pronome lexical, do SN anafórico e do objeto nulo.

Tabela 4: Frequências das variantes do objeto anafórico acusativo, em diferentes pesquisas (realizadas em oito estados brasileiros).

Pesquisas	OMENA 1978 - RJ	PARÁ 1997 – RJ	F. SILVA 2004 - BA
Instrução	analf.	analf.	analf.
Clítico	0%	0%	0%
Pronome reto	24%	14%	12%
SN	-	24%	16%
Objeto nulo	76%	63%	72%
Total	100%	100%	100%

Pesquisas	MALVAR 1992 - DF	BALTOR 2003 – PB	MARAFONI 2004 - RJ	MATOS 2005 - SE
Instrução	2 níveis	2 níveis	2 níveis	2 níveis
Clítico	1%	4%	0,7%	0%
Pronome reto	25%	28%	13,1%	9,4%
SN	28%	22%	19%	22,3%
Objeto nulo	46%	46%	67,2%	68,3%
Total	100%	100%	100%	100%

Pesquisas	DUARTE 1986 - SP	LUÍZE 1997 - SC	AVERBURG 1998 - RJ	MENDONÇA 2004 - AL
Instrução	3 níveis	3 níveis	3 níveis	3 níveis
Clítico	4,9%	1%	0,3%	10%
Pronome reto	15,4%	9%	15,1%	20%
SN	17,1%	36%	41,5%	30%
Objeto nulo	62,6%	54%	43,1%	40%
Total	100%	100%	100%	100%

Pesquisas	FREIRE 2000 - RJ	NEIVA 2007 - BA
Instrução	superior	superior
Clítico	3%	3%
Pronome reto	4%	3%
SN	34%	32%
Objeto nulo	59%	62%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptada de Duarte e Ramos (a sair em 2015).

Segundo Duarte e Ramos, a diferença maior entre os trabalhos está relacionada ao SN: Luíze (1997), Averborg (1998), Mendonça (2004), Freire (2000) e Neiva (2007) atestaram um percentual acima ou igual a 30% para os SNs (o percentual de SN no trabalho de Averborg chega a 41,5%), mostrando um equilíbrio entre as ocorrências de SN e objeto nulo.

Fica claro também o desaparecimento do pronome clítico na fala do PB. Quanto ao pronome reto, o baixo índice de frequência vem confirmar, segundo as autoras, a robustez do objeto nulo em estruturas SVO. O pronome reto, em compensação, aparece mais em estruturas complexas, em que há uma sobreposição de funções de objeto direto e sujeito.

É chamada a atenção para o trabalho de Neiva (2007), um estudo em tempo real de curta duração que comparou falas da década de 1970 com as da década de 1990. Além de mostrar a diminuição do clítico de uma amostra para a outra, a análise também apontou o aumento de SNs e de objetos nulos.

Com essa pesquisa, as autoras esperam estimular novos estudos a fim de preencherem lacunas, como o refinamento de certas variáveis, como a ‘função do antecedente’ e a ‘estrutura sintática projetada pelo verbo’ (que permite separar, de um lado, os objetos diretos, e, de outro, os sujeitos marcados com caso acusativo – os falsos objetos diretos).

O conhecimento de todos esses trabalhos citados nos últimos parágrafos nos deu uma visão mais acurada de nosso objeto de estudo e uma base para a delimitação da metodologia de nossa pesquisa. Partindo dessas resenhas, traçaremos nossos objetivos e selecionaremos as variáveis que serão controladas em nosso trabalho. Além disso,

formularemos as hipóteses que nos auxiliarão na busca de nossos resultados.

2.2.4 Síntese das resenhas

Trouxemos na seção anterior resenhas de alguns trabalhos que descreveram a variação do uso do objeto anafórico acusativo na língua falada e escrita do PB.

Com o objetivo de tomarmos esses estudos como base de nossa pesquisa, achamos prudente retomar e sintetizar, no quadro a seguir, os pontos principais dos trabalhos resenhados:

Quadro 1: Variáveis dependentes, variáveis independentes controladas, variáveis independentes relevantes e resultados mais importantes de trabalhos anteriores sobre a variação do objeto anafórico acusativo.

AUTOR (ANO)	CYRINO (1997)
Variável dependente e suas variantes	<p>Preenchimento do objeto direto de 3ª pessoa do discurso.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objeto vazio; - Objeto preenchido.
Amostra utilizada	<p>Textos do PB (ou que pudessem ser considerados brasileiros) dos séculos XVI ao XX</p>
Variáveis independentes controladas	<ul style="list-style-type: none"> - Tipo de antecedente; - Forma de realização se o objeto for nulo; - Forma de realização se o objeto for preenchido; - Modo verbal; - Tipo de oração em que ocorre; - Tipo de verbo quando elipse sentencial ou “o” neutro; - Animacidade.
Variáveis independentes selecionadas	<p>Não calculou probabilidades na análise de seus resultados</p>

Resultados mais significativos para nosso trabalho	<p>Dados 1.500 dados dos séculos XVI ao XX (300 de cada século). O número de objetos preenchidos decaiu no decorrer dos séculos - século XVI, 89,3%; século XX, 20,9%. Enquanto que a ocorrência de objeto nulo foi crescendo no decorrer dos tempos - século XVI, 10,7%; século XX, 79,1%.</p> <p>‘Animacidade’ O objeto nulo [- animado] que possui o antecedente SN [+específico] começa a surgir com mais frequência no século XIX, com 49,3%, atingindo 86,5% no século XX.</p> <p>Já quando o objeto nulo possui o antecedente SN [+ específico], sua frequência aumenta somente no século XX, independentemente da animacidade: o objeto [+animado] tem 57,1% de frequência e o [- animado] tem 93,1%.</p>
AUTOR (ANO)	COSTA (2011)
Variável dependente e suas variantes	<p>Objeto anafórico em sentenças declarativas (todas as pessoas do discurso):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objeto nulo; - Objeto preenchido.
Amostra utilizada	<p>28 peças teatrais do português do Brasil e do português europeu, sendo:</p> <p>14 de Florianópolis (6 do século XIX e 8 do século XX)</p> <p>14 de Lisboa (6 do século XIX e 8 do século XX)</p>

Variáveis independentes controladas	<ul style="list-style-type: none"> - Variedade do português (PE ou PB); - Século de nascimento do autor; - Estatuto da oração; - Pessoa do discurso; - Animacidade do referente; - Especificidade do referente; - Forma de realização do objeto; - Ordem do objeto; - Elemento entre o verbo e o objeto; - Estatuto do referente; - Estrutura da oração.
Variáveis independentes selecionadas	<p>Programa estatístico VARBRUL</p> <p>Para os dados do PB:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Animacidade do referente; - Século de nascimento do autor da peça; - Estatuto do referente; - Pessoa do discurso.
Resultados mais significativos para nosso trabalho	<p>Dados 614 dados do PB. O percentual de objetos preenchidos foi maior do que o de nulos: 66%.</p> <p>‘Animacidade do referente’ O traço [-animado] favoreceu o objeto nulo com 0,77 de peso relativo. Quando o referente era [+animado], houve quase unanimidade de objetos preenchidos, 96%.</p>

	‘Século de nascimento do autor da peça’ O objeto nulo ocorreu mais no século XX (0,77 de peso relativo), do que no século XIX (0,33).
AUTOR (ANO)	OLIVEIRA (2007)
Variável dependente e suas variantes	<p>Objeto direto anafórico de 3ª pessoa do discurso:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objeto direto nulo; - Pronome tônico; - SN anafórico pleno; - Clítico acusativo.
Amostra utilizada	88 textos de alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, de escolas públicas de Curitiba.
Variáveis independentes controladas	<ul style="list-style-type: none"> - Animacidade do antecedente; - Especificidade e referencialidade do referente; - Uso de tempos verbais simples ou compostos; - Posição do clítico; - Escolaridade.
Variáveis independentes selecionadas	Não calculou probabilidades na análise de seus resultados

Resultados mais significativos para nosso trabalho	<p>Dados Dos 174 dados coletados, 91 (52%) eram de objeto nulo, 39 (23%) de pronomes tônicos, 14 (8%) de SN anafórico e 30 (17%) de clítico acusativo.</p> <p>‘Animacidade do antecedente’ O objeto nulo (69%) e o SN (15%) foram favorecidos pelo traço [- animado] do antecedente. O traço [+ animado] favoreceu o clítico (21%) e o pronome reto (32%), o que mostra a associação que as crianças fazem entre esses pronomes e seres concretos e/ou animados.</p> <p>‘Uso de tempos verbais simples ou compostos’ Os verbos do tempo simples influenciaram o uso do pronome tônico na função de acusativo e os verbos auxiliar+infinitivo influenciaram o uso dos clíticos. Houve grande ocorrência do objeto nulo, independentemente da forma verbal, alcançando seu pico nas formas de auxiliar+gerúndio.</p> <p>‘Escolaridade’ Foi atestado que os clíticos não fazem parte da gramática nuclear da criança, mas sim são aprendidos com o ensino formal. Na primeira série do Ensino Fundamental, os clíticos tiveram 8% de frequência. Já na 4ª série, tiveram 34%.</p>
AUTOR (ANO)	PEREIRA (2011)
Variável dependente e suas variantes	<p>Formas anafóricas no acusativo (todas as pessoas do discurso com ênfase para a 3ª pessoa):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objeto nulo; - Pronome oblíquo; - “o mesmo”; - Pronome demonstrativo; - Pronome reto.

Amostra utilizada	Textos de alunos de 5 ^a a 8 ^a série do Ensino Fundamental de quatro escolas públicas de Florianópolis.
Variáveis independentes controladas	<ul style="list-style-type: none"> - Pessoa do discurso; - Ordem do anafórico; - Modo verbal; - Animacidade do objeto; - Sexo; - Faixa etária; - Escolaridade.
Variáveis independentes selecionadas	<p>Programa estatístico VARBRUL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pessoa do discurso; - Sexo; - Escolaridade; - Animacidade.
Resultados mais significativos para nosso trabalho	<p>Dados 237 dados, distribuídos em: 110 objetos nulos (46%), 70 pronomes retos (30%) e 57 pronomes oblíquos (24%). As outras duas variantes, demonstrativo e “o mesmo” tiveram que ser excluídas dos resultados por terem ocorrido com baixa frequência.</p> <p>-Rodada em que foram considerados o pronome reto e o oblíquo:</p> <p>‘Sexo’ O pronome oblíquo foi o mais utilizado entre as mulheres (49%) do que entre os homens (36%). O pronome reto teve 0,72 de peso relativo para os homens e 0,38 para as mulheres.</p>

	<p>‘Escarlidade’ A tendência geral é a de que falantes mais escolarizados utilizem mais a variante pronome oblíquo do que os menos escolarizados. O pronome reto foi o mais utilizado na 6ª série, com 0,71 de peso relativo e na 8ª série teve 0,28.</p> <p>-Rodada em que foram considerados os pronomes preenchidos e os nulos:</p> <p>‘Animacidade’ O objeto nulo [+ animado] teve apenas 0,04 de peso relativo. Já o peso relativo para o [- animado] foi de 0,98.</p>
AUTOR (ANO)	OMENA (1978)
Variável dependente e suas variantes	<p>Pronome pessoal de terceira pessoa acusativa, podendo se realizar em três diferentes formas:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Elíptica; -Pronome sujeito (ele(s), ela(s)); -Pronome objeto (o(s), a(s)).
Amostra utilizada	28 horas de gravação de fala de quatro adultos (dois homens e duas mulheres) em fase de alfabetização
Variáveis independentes controladas	<ul style="list-style-type: none"> -Pronome com ou sem dupla função; -Posição do pronome objeto; -Classe de palavra do antecedente; -Traço semântico do antecedente; -Distância entre o antecedente e o conseqüente;

	<ul style="list-style-type: none"> -Função sintática do antecedente; -Profundidade entre o antecedente e o consequente; -Presença de um ou mais candidatos ao papel de antecedente.
Variáveis independentes selecionadas	<p>Programa estatístico VARBRUL</p> <ul style="list-style-type: none"> -Traço semântico do antecedente; -Função sintática do antecedente; -Pronome com ou sem dupla função.
Resultados mais significativos para nosso trabalho	<p>Dados 1.415 dados, distribuídos em: 0% de pronome objeto, 24% de pronome sujeito e 76% de objeto nulo.</p> <p>‘Traço semântico do antecedente’ Antecedentes [- animado] são os que mais favorecem o apagamento do objeto. (pesos relativos entre 0,73 a 0,83 para o objeto nulo.)</p> <p>‘Função sintática do antecedente’ A função sintática igual à de objeto direto foi a favorecedora do objeto nulo (pesos relativos entre 0,53 e 0,72 para o objeto nulo).</p>
AUTOR (ANO)	DUARTE (1986; 1989)
Variável dependente e suas variantes	<p>Objeto direto anafórico de 3ª pessoa do discurso.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clítico acusativo; - Pronome lexical;

	<ul style="list-style-type: none"> - SNs anafóricos (SNs lexicais plenos, ou SNs lexicais com determinante modificado, ou demonstrativo isso); - Categoria vazia objeto.
Amostra utilizada	Analisa a fala de 50 informantes de São Paulo, além de 8 horas de gravação de programas de TV (4 horas de entrevistas e 4 horas de novela).
Variáveis independentes controladas	<ul style="list-style-type: none"> - Forma verbal; - Regência e estrutura projetada pelo verbo; - Traço de animacidade do objeto; - Idade; - Escolaridade; - Estilo.
Variáveis independentes selecionadas	Não calculou probabilidades na análise de seus resultados
Resultados mais significativos para nosso trabalho	Dados 1.974 dados, distribuídos em: clítico, 97 (4,9%); pronome lexical, 304 (15,4%); nulo, 1235 (62,6%); SN, 338 (17,1%). ‘Animacidade’ Foram condicionados pelo traço [+animado] o clítico, 78,4% e o pronome lexical, 92,4 %. Já pelo traço [- animado] foram condicionados o SN, 70,7% e o Nulo, 76,3%.

	<p>‘Idade’ O clítico esteve ausente na faixa etária mais jovem, variável nas faixas etárias de 22 a 46 anos (5% e 3,9%) e mais frequente na fala dos mais velhos (5,7%).</p> <p>O pronome lexical diminuiu seu percentual na medida em que aumentava a faixa etária (23,5% para os mais jovens, chegando a 15,1% na fala dos mais velhos).</p> <p>O SN aumentou sua frequência de uma idade para a outra entre 10,7% para os mais jovens e 18% para os mais velhos, mas ficou variável nas faixas etárias medianas – 13,5% de 22 a 23 anos, e 13,5% de 34 a 46 anos.</p> <p>O objeto nulo teve mais de 60% em todas as faixas etárias, o que mostra o estágio de implementação dessa variante.</p> <p>‘Escolaridade’ O clítico não apareceu na fala dos mais jovens com o 1º grau e foi aumentando sua frequência na medida em que a escolaridade aumentava (3,4% para os mais velhos do 1º grau, 3,6% para o 2º grau e 6,4% para o 3º grau).</p> <p>A tendência do pronome lexical foi diminuir conforme aumentava o grau de escolaridade, tendo 23,5% nos jovens do 1º grau e 9,8% nos falantes do 3º grau (o índice ficou variável entre o 1º e o 2º graus - os mais velhos do 1º grau tiveram 21% de pronome lexical e os falantes do 2º grau tiveram 21,6%).</p> <p>O uso do SN aumentou junto com o grau de escolaridade. Os mais jovens com o 1º grau tiveram 10,7% de frequência e os mais escolarizados tiveram 18,8%.</p> <p>O objeto nulo teve mais de 60% de frequência em todas as escolaridades, o que mostra mais uma vez a sua implementação no PB.</p> <p>‘Estrutura projetada pelo verbo’ O objeto nulo foi frequente em quase todas</p>
--	---

	<p>as estruturas. Somente nas estruturas mais complexas é que o pronome lexical superou o objeto nulo: na bitransitiva, em que havia um objeto direto simples, seguido de um objeto indireto oracional (39,1% de pronome lexical); e na transitiva, em que havia um objeto direto simples, seguido de infinitivo ou gerúndio (71,9% de pronome lexical).</p> <p>‘Forma verbal’ Os clíticos se apresentaram em grande frequência quando o tempo verbal tinha forma simples do indicativo, ou com verbos no infinitivo. O objeto nulo superou as demais variantes, independentemente da forma verbal, perdendo apenas para os SNs anafóricos nas construções com gerúndio.</p>
AUTOR (ANO)	MARAFONI (2004)
Variável dependente e suas variantes	<p>Objeto anafórico acusativo de 3ª pessoa</p> <ul style="list-style-type: none"> -Clítico acusativo; -Pronome lexical; -SN anafórico; -Objeto nulo.
Amostra utilizada	16 indivíduos gravados em dois diferentes momentos: na década de 1980 e no ano 2000 (entrevistas oriundas do PEUL).
Variáveis independentes controladas	<ul style="list-style-type: none"> -Indivíduo; -Estrutura Projetada pelo Verbo; -Tipo sintático da oração;

	<p>-Função Sintática do Antecedente; -Traço Semântico do Antecedente; -Topicalização do Antecedente; -Especificidade do antecedente.</p>
Variáveis independentes selecionadas	<p>Programa estatístico VARBRUL</p> <p>-Indivíduo; -Função Sintática do Antecedente; -Traço Semântico do Antecedente; -Estrutura Projetada pelo Verbo; -Topicalização do Antecedente – selecionada apenas na década de 1980.</p>
Resultados mais significativos para nosso trabalho	<p>Dados Os resultados gerais mostraram estabilidade entre os anos: 66,1% e 68,4% de objeto nulo na década de 1980 e no ano 2000, respectivamente; 19,1% e 18,9% de SN anafórico; 14,4% e 11,6% de pronome lexical e 0,4% e 1,1% de pronome clítico.</p> <p>Função Sintática do Antecedente Quando havia um antecedente exercendo igualmente a função sintática de objeto direto, houve um nítido favorecimento em direção à variante objeto nulo: peso relativo de 0,58 para a década de 1980 (contra 0,36 para a função sintática diferente) e 0,53 para o ano 2000 (contra 0,43 para o antecedente diferente).</p> <p>Traço Semântico do Antecedente Na década de 1980, o antecedente oracional influenciou mais o uso de objeto nulo, com 0,87 de peso relativo (o traço [+animado] teve 0,41 e o [-animado] teve 0,53). Já no ano 2000, o traço</p>

	<p>[- animado] do antecedente condicionou o uso do nulo, com 0,56 de peso relativo (o traço [+animado] teve 0,33 e a oração teve 0,45).</p> <p>‘Estrutura projetada pelo verbo’ Estruturas de apenas um complemento e estruturas com dois complementos simples (objeto direto e indireto, ou objeto direto e complemento circunstancial) foram as condicionadoras do objeto nulo (as de um complemento com mais frequência). Já as estruturas complexas, foram as que tiveram mais tendência ao preenchimento.</p> <p>‘Topicalização do antecedente’ O antecedente não topicalizado desfavoreceu a ocorrência de objeto nulo. Quando o antecedente era topicalizado o uso de objeto nulo foi significativo.</p>
AUTOR (ANO)	DUARTE E RAMOS (a sair em 2015)
	Pelo fato de o estudo já ser uma síntese, decidimos não trazê-lo no presente quadro.

2.3 QUESTÕES E HIPÓTESES

Como já foi dito, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a variação das formas de (não) realização do objeto anafórico acusativo em duas amostras de fala de Florianópolis (*Amostra 1990* e *Amostra 2010*), bem como analisar os fatores internos e externos da língua que condicionam os usos variados deste objeto. Consideramos, a partir dos estudos apresentados, que as formas anafóricas do objeto acusativo - pronome clítico, pronome reto, SN e objeto nulo - são variantes de uma mesma variável e, assim, elencamos algumas questões e hipóteses que nos ajudarão a investigar os condicionadores da variação dos usos dessas formas.

(a) Qual a distribuição das formas variantes do acusativo nas *Amostras 1990 e 2010*?

(b) Os resultados indicam uma mudança em tempo real na fala de Florianópolis, de objeto anafórico preenchido para objeto nulo, comparando a *Amostra 1990* com a *Amostra 2010*?

(c) Os resultados indicam uma mudança em tempo aparente, de objeto anafórico preenchido para objeto nulo entre falantes mais velhos e mais jovens da *Amostra 1990*? E em relação à *Amostra 2010*?

(d) Como a variação do objeto anafórico acusativo está encaixada nas estruturas linguísticas e sociais? Quais os condicionadores linguísticos e extralinguísticos do uso dessa variação na variedade de fala de Florianópolis? Qual o papel do ‘tempo e modo verbal’ e da ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’ na variação das formas do acusativo? E os papéis da ‘animacidade do constituinte retomado’, da ‘forma de realização do constituinte retomado’, da ‘função sintática do constituinte retomado’, da ‘topicalização do constituinte retomado’ e da ‘especificidade do constituinte retomado’? Há distinção de variação do objeto anafórico acusativo entre os falantes mais jovens e mais velhos? E entre os sexos masculino e feminino? Essa variação está relacionada à questão da escolaridade dos informantes?

Baseando-nos em estudos sociolinguísticos que apresentamos na seção anterior, acreditamos que seja possível encontrarmos as seguintes respostas a essas questões:

(A) Acreditamos que teremos, de modo geral, uma frequência balanceada de objetos preenchidos e nulos em nossos resultados, com uma tendência um pouco mais acentuada ao apagamento do objeto (cf. DUARTE, 1986, 1989; CYRINO, 1997, COSTA, 2011).

Sobre o apagamento do objeto anafórico acusativo, esperamos encontrar mais objeto nulo de SN do que de sentença. Acreditamos também encontrar mais objeto nulo de SN nas entrevistas da década de 2010 do que nas entrevistas da década de 1990. Cyrino (1997) atestou que o objeto nulo de SN é uma forma inovadora, e que a tendência é aumentar sua frequência na língua com o passar dos anos. Já a elipse sentencial (ou o objeto nulo de sentença), vem acontecendo desde o século XVI, segundo a autora.

Cremos que, quando o objeto direto anafórico estiver preenchido, é provável que encontremos com mais frequência a forma de SN, seguida do pronome reto e, por último, do clítico.

Imaginamos, então, que os percentuais tenderão a se dar nessa sequência, do maior para o menor uso: Objeto nulo > SN > Pronome reto > Pronome clítico, conforme atestaram Duarte e Ramos (a sair em 2015).

(B) Considerando os estudos que mostram uma queda do clítico e um aumento do objeto nulo ao longo dos séculos XIX e XX, acreditamos que os resultados possam apontar uma mudança em tempo real comparando a *Amostra 1990* com a *Amostra 2010*. Temos a expectativa de encontrar, nesse pouco intervalo de tempo (1990 para 2010), um aumento dos usos do objeto nulo e do pronome reto e uma queda do uso do pronome clítico.

(C) Considerando a transição no tempo/geracional, em que o comportamento da língua em certa geração de falantes é transmitido para a geração seguinte à primeira, sabemos que a ‘idade’ é uma variável importante para atestar a mudança linguística. Esperamos que os resultados apontem também uma mudança em tempo aparente em cada uma das amostras, comparando o uso dos objetos anafóricos acusativos entre falantes mais velhos e mais jovens da *Amostra 1990* e da *Amostra 2010*. Nossa expectativa é de que os mais velhos usem uma frequência mais significativa de pronomes clíticos e os mais jovens usem mais pronomes nulos e pronomes retos.

(D) cremos que a variação do objeto anafórico acusativo está condicionada por variáveis tanto linguísticas quanto sociais. Temos a expectativa de que a ‘animacidade do constituinte retomado’ e a ‘função sintática do constituinte retomado’ sejam os condicionadores mais importantes dessa variação (cf. DUARTE, 1986, 1989; CYRINO, 1997; PEREIRA, 2011; COSTA, 2011; e MARAFONI, 2004; 2010). Esperamos que as variáveis sociais ‘idade’, ‘sexo’ e ‘escolaridade’ também se revelem condicionadoras das formas variadas do acusativo: acreditamos que os mais velhos apresentarão maior frequência de pronomes clíticos em suas falas, em relação aos mais jovens; enquanto que os jovens tenderão a utilizar mais objetos nulos e pronomes retos, em relação aos mais velhos; é possível que, nas duas faixas etárias, o SN tenha grande frequência; acreditamos que, se houver o pronome clítico, ele estará na fala das mulheres, enquanto que os homens possivelmente apresentarão mais pronomes retos na função de acusativo; o objeto nulo e o SN devem aparecer nas falas dos dois sexos; Novamente, se houver ocorrência de clíticos, acreditamos que serão mais frequentes na fala dos mais escolarizados e é provável que estes utilizem com menos frequência o pronome reto; ainda sobre os mais escolarizados, acreditamos que eles tenderão a utilizar mais SNs e uma ligeira redução de objetos nulos em relação aos menos escolarizados; pode ser que os menos escolarizados não utilizem os clíticos de 3ª pessoa em suas falas e tenham alta frequência de pronome reto e objeto nulo, em relação aos mais escolarizados.

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste segundo capítulo, apresentamos nosso objeto de pesquisa trazendo brevemente o conceito de anáfora que estamos levando em conta neste trabalho. Depois, passamos a tratar do fenômeno em variação retomando estudos sociolinguísticos realizados em diferentes regiões do Brasil. Tais estudos nos ajudaram a elencar algumas hipóteses que foram trazidas também neste capítulo. Passemos agora à delimitação da metodologia desta pesquisa, no capítulo III.

CAPÍTULO III – MATERIAL E MÉTODOS

Traremos neste terceiro capítulo o material e o método que utilizaremos na presente pesquisa, a constituição das amostras e as variáveis que serão analisadas. As hipóteses específicas de cada variável independente também aqui serão apresentadas, bem como a descrição do pacote estatístico que usaremos para a análise dos resultados.

3.1 OS AXIOMAS METODOLÓGICOS

Como temos mostrado nesta dissertação, Labov traz contribuições teóricas e metodológicas importantes para tratar da heterogeneidade sistemática e nos explica como devemos buscar dados empíricos para análise. Em sua obra de 2008 [1972] (p. 243), ele nos apresenta os axiomas metodológicos que devemos levar em consideração antes de se fazer um estudo empírico de fenômenos em variação, a saber:

- Alternância de estilo: todos os falantes alternam seus estilos conforme mudam o contexto social em que estão inseridos e o tema discutido no momento da fala. Alguns informantes alternam seus estilos mais do que os outros, mas não há falante de estilo único.

- Grau de atenção prestado à fala: Labov acredita que o falante não presta muita atenção à sua própria fala quando pronuncia enunciados em que há mais emoção envolvida – fala mais excitada. E presta mais atenção à sua fala quando faz avaliação sobre a língua, ou avaliação crítica sobre assuntos polêmicos, por exemplo.

- Vernáculo: é o estilo de fala em que se presta pouca atenção ao monitoramento. É esse estilo que está mais propício a nos oferecer dados desejados para as análises dos sociolinguistas, já que oferece dados sistemáticos da estrutura linguística. Ao se envolver com o assunto de seu enunciado, o falante presta menos atenção ao seu estilo, revelando o seu vernáculo.

- Formalidade: mesmo sendo mais informal e estando à vontade no momento da entrevista, o falante nem sempre utiliza a fala mais informal que ele tem. O sociolinguista deve ter consciência de que há sempre um estilo mais informal no qual a pessoa se diverte com os amigos, ou conversa com sua família, por exemplo.

- Bons dados: são aqueles oriundos de entrevistas individuais gravadas, em um ambiente próprio e que normalmente envolvem relatos

pessoais. São mais espontâneos e naturais os dados recolhidos em locais públicos, como ônibus, balcões de lanchonetes, ou bilheterias, mas o problema desse tipo de dado é a qualidade da gravação que pode ficar muito baixa e com ruídos externos, o que pode enviesar os resultados das análises.

Mencionando os axiomas metodológicos para uma pesquisa sociolinguística, Labov chega ao paradoxo do observador: o objetivo da Sociolinguística é, através de observações sistemáticas, descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas. Mas, para conseguirmos um conjunto de dados representativos, precisamos gravar a fala dos informantes, através de uma observação sistemática. Por ser contraditório, o autor dá algumas sugestões, como tentar romper com o constrangimento que a situação de entrevista sugere, desviando a atenção do falante, envolvendo-o com perguntas que recriem emoções pessoais, a fim de fazê-lo revelar o seu vernáculo. Se não tentarmos deixar o falante mais relaxado, teremos dados duvidosos, sem relação com o processo comunicativo que reconhecemos ser a língua. Em geral, nessas narrações, o falante se preocupa mais com *o quê dizer* do que com o *como dizer*.

Nosso estudo utiliza dados de fala de entrevistas realizadas nos moldes labovianos, em que os entrevistadores levaram em conta, na medida do possível, os axiomas metodológicos propostos por Labov. Este trabalho possui duas amostras: a *Amostra 1990*, que contém entrevistas dessa década, pertencentes ao Banco Base do Núcleo VARSUL (Variação Linguística da Região Sul do Brasil); e a *Amostra 2010*, que é composta de entrevistas realizadas na década de 2010 e compõe a Amostra Floripa, pertencente ao mesmo Núcleo. Aqui, neste estudo, estamos realizando uma análise diacrônica da língua: focamos nosso objeto em dois diferentes períodos de tempo – a década de 1990 e a década de 2010 – da fala de Florianópolis. As mudanças relacionadas ao nosso objeto de pesquisa, se houver, poderão ser visualizadas através de uma análise em tempo real, em que o foco recairá sobre a comparação entre as duas amostras da mesma comunidade de fala, estratificadas nos mesmos parâmetros sociais, só que realizadas em dois diferentes momentos no tempo.

3.2 CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS

O *corpus* utilizado em nossa análise é constituído de dados de sentenças com verbos transitivos diretos ou bitransitivos que têm como complemento interno um objeto direto anafórico na terceira pessoa do discurso – ou seja, esse objeto está retomando algum elemento citado anteriormente pelo informante, ou algum elemento de conhecimento compartilhado.

Para a constituição de nossas amostras, contamos com entrevistas sociolinguísticas de Florianópolis oriundas do Banco Base do Núcleo VARSUL e também de entrevistas da Amostra Floripa, pertencente ao mesmo Núcleo, agência de Santa Catarina.

O VARSUL foi criado em 1982 com a pretensão de desenvolver pesquisas na linha do Projeto Censo de Variação Lingüística do Estado do Rio de Janeiro, conhecido atualmente como PEUL. O propósito do projeto sulista é oferecer: (i) subsídios para a descrição do português falado e escrito no Brasil; (ii) condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; (iii) condições para formação de novos pesquisadores; (iv) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas.

As universidades participantes do VARSUL são dos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul: UFPR, UFSC, UFRGS e PUC-RS (esta última instituição se juntou ao projeto em 1990).

A metodologia do levantamento de dados do projeto se dá na linha laboviana, analisando a língua como sistema heterogêneo. O Banco Base (construído no período de 1988 a 1996¹³) é constituído de 288 entrevistas, distribuídas igualmente entre os três estados, sendo 24 por município: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja); Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati). Todas as entrevistas foram realizadas em zonas mais urbanas dos municípios.

As características sociais levadas em conta para a realização das entrevistas desse Banco Base foram: sexo (feminino, masculino), escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível

¹³ Os dados de Florianópolis do Banco Base do VARSUL foram coletados entre 1990 e 1995. Por isso, o recorte que faremos neste trabalho, nós chamaremos de *Amostra 1990*.

fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade¹⁴) e idade (de 25 até 50 anos e acima de 50), que combinados resultam em 12 células sociais (dois informantes em cada célula). Além dessas características, os informantes deveriam falar apenas português (exigência para os entrevistados nas capitais, mas não nas áreas bilíngues), ter morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida e não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa.

Nos anos de 2009 e 2012, alunos da disciplina de *Sociolinguística e Dialetoлогия*, da Pós-Graduação em Linguística da UFSC, realizaram entrevistas em diferentes bairros de Florianópolis para cumprirem um dos objetivos da disciplina. O intuito dessa atividade era fazer com que os alunos vivenciassem a coleta de dados nos moldes labovianos, buscando a fala mais próxima do vernáculo de cada informante. Para tanto, os alunos da disciplina formularam juntos um questionário prévio com possíveis perguntas a serem incluídas na conversa com o informante, para que houvesse maior envolvimento entre entrevistador e entrevistado. Os assuntos envolviam família, bairro, trabalho, política, lazer, estudo, costumes, crenças, situações de risco, entre outros. Em sua maioria, as entrevistas foram gravadas em aparelho digital e armazenadas em programas de computador. Essas entrevistas hoje compõem a Amostra Floripa, que pertence ao Núcleo VARSUL, agência de Santa Catarina.

A Amostra Floripa é constituída de 39 entrevistas, divididas por bairros do município de Florianópolis considerados menos urbanos: Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa, Ratones e Santo Antônio de Lisboa; e mais urbanos: Trindade, Coqueiros e Ingleses¹⁵. Na época da coleta, os informantes tinham que possuir as seguintes características: terem nascido e residido no bairro até os 14 anos de idade; após os 14 anos

¹⁴ As entrevistas dos informantes de Florianópolis com ensino superior (mais de 12 anos de escolaridade), que utilizaremos neste trabalho, fazem parte de uma amostra complementar ao Banco Base do Núcleo VARSUL e foram realizadas em 1995.

¹⁵ Ingleses foi considerado como sendo um bairro mais urbano, baseado em Monguilhott (2009), que justifica essa classificação por conta da alta densidade demográfica e da alta arrecadação que há na localidade com a atividade comercial. Além disso, o bairro é de fácil acesso, com pistas duplicadas pela SC-401. A autora também argumenta que há um movimento entre os moradores em prol da emancipação do bairro.

poderiam ter residido até dois anos fora da região; os pais deveriam ser nativos do bairro/arredores. Além disso, eles foram estratificados levando-se em consideração as seguintes variáveis: sexo (masculino e feminino), idade (menos de 37 anos e mais de 40 anos), escolaridade (ensino primário e ensino superior) e diazonalidade (mais ou menos urbano).

O *corpus* selecionado para o presente estudo é constituído de duas amostras de zonas mais urbanas de Florianópolis, uma da década de 1990 e outra da década de 2010, a saber:

a) Primeiros trinta minutos de oito entrevistas do Banco Base do VARSUL, da década de 1990 - *Amostra 1990*;

b) Primeiros trinta minutos de oito entrevistas da Amostra Floripa, da década de 2010¹⁶ - *Amostra 2010*.

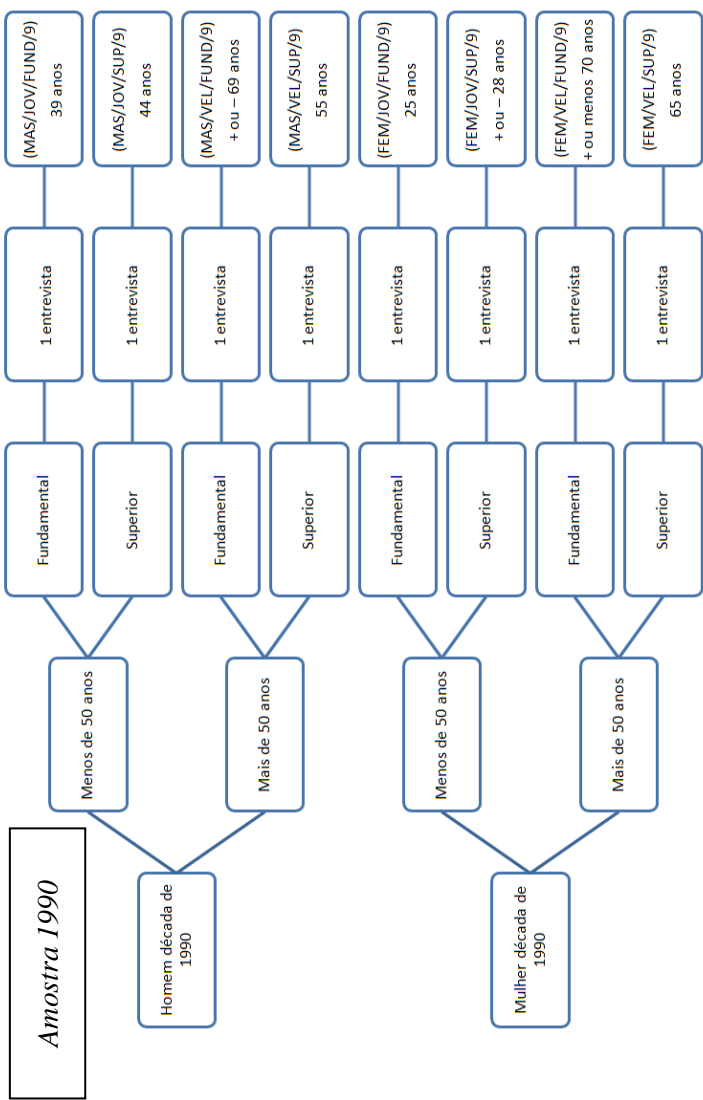
Trouxemos um diagrama representativo das 16 entrevistas, que são estratificadas segundo as variáveis ‘sexo’, ‘idade’¹⁷ e ‘escolaridade’, formando 16 células sociais quando combinadas (um informante por célula):¹⁸

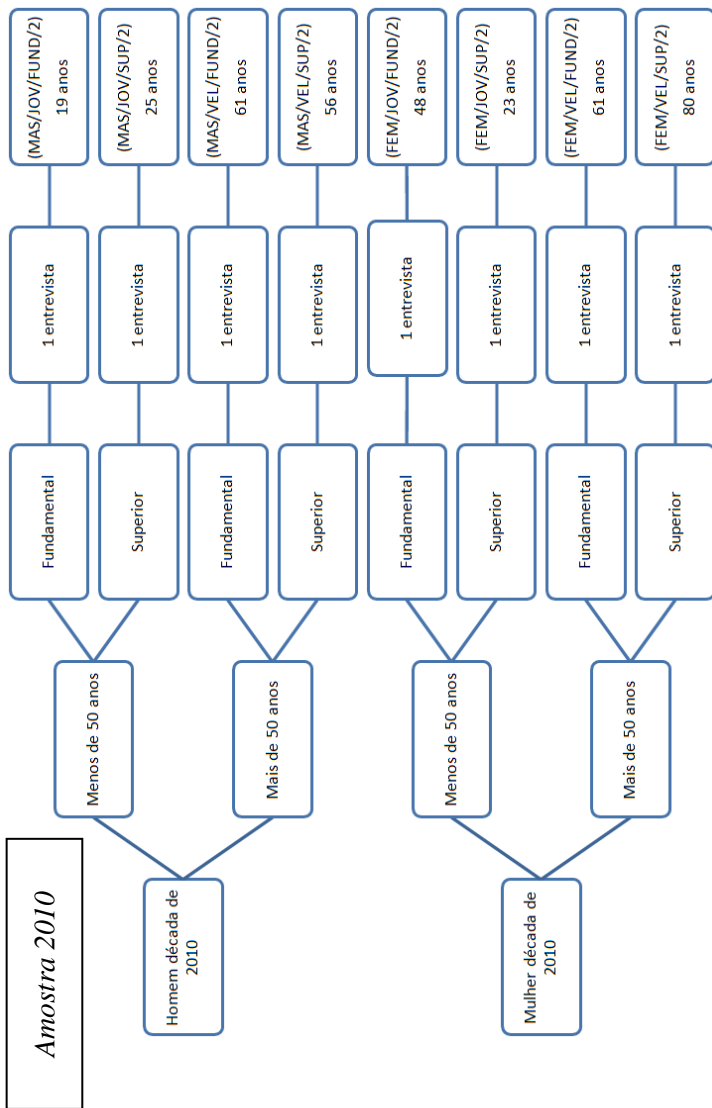
¹⁶ Neste trabalho, não levaremos em conta as entrevistas da Amostra Floripa que foram realizadas em 2009, apenas consideraremos as do ano de 2012 (década de 2010). Além disso, a fim de compararmos as *Amostras 1990 e 2010* do nosso trabalho, e para sermos fiéis à comunidade de fala das entrevistas realizadas na década de 1990 (do Banco Base do VARSUL), consideraremos apenas entrevistas da Amostra Floripa que correspondem à zona urbana – Bairros Trindade e Coqueiros. Por conta dessa restrição, somente seis entrevistas da Amostra Floripa de 2012 farão parte do nosso *corpus*. Complementamos a *Amostra 2010* com mais duas entrevistas que realizamos em janeiro de 2015. Ao todo, temos oito entrevistas na *Amostra 2010*, que chamaremos de década de 2010, Amostra Floripa.

¹⁷ Alguns indivíduos possuem idade muito próxima do limite por nós determinado, conforme apresentamos no diagrama. Por conta disso, é preciso relativizar a leitura os resultados relacionados à variável ‘idade dos informantes’.

¹⁸ Nosso *corpus* é, na verdade, formado de dois informantes por célula; um informante por célula para cada uma das amostras a serem investigadas. Na seção de análise dos resultados, traremos os percentuais de uso de cada indivíduo. Em trabalho futuro, pretendemos ampliar essas amostras, a fim de trazermos resultados mais representativos da comunidade de fala.

Figura 1: Diagrama com a estratificação dos informantes das amostras que serão investigadas.





3.2.1 Critérios de seleção dos dados

Os critérios a seguir foram estabelecidos a partir do estudo focado em nossos dados e a partir dos critérios de seleção utilizados em trabalhos anteriores já mencionados no capítulo II, principalmente os de Duarte (1986; 1989).

Vale lembrar que averiguamos todas as sentenças com verbos transitivos diretos ou bitransitivos que tinham como complemento interno um objeto direto anafórico na terceira pessoa do discurso. Nossos procedimentos metodológicos para a seleção desses dados e os contextos de restrição estão apresentados a seguir.

- Os constituintes retomados são aqueles que aparecem na forma de SN ou sentença e estão explícitos. Dessa forma, estando mencionados no texto, podemos categorizá-los a partir das variáveis linguísticas: ‘forma de realização’, ‘função sintática’, ‘animacidade’, ‘especificidade’ e ‘topicalização’.

No exemplo que segue, inferimos que [estudar], [assimilar] e [ler] têm como objeto [a matéria da aula], mas o referente não está explícito no texto. Por isso, não consideramos dados desse tipo.

(16) Mas, como os professores eram os mesmos, e o meu caderno, tudo que eles falavam eu anotava, tudo. Eu escrevia muito rápido. Então, o meu caderno passava pela turma inteira. Tinha gente que faltava "Ah, não tem problema, pega o caderno da Stella, está tudo lá anotado". Eu anotava tudo. E assim, ó, tenho boas notas não porque eu seja, é, inteligente, não, eu tenho que estudar \emptyset muito, eu não consigo assimilar **as coisas** com muita facilidade, eu tenho que ler \emptyset muito, tenho que estudar \emptyset muito pra tirar nota boa, entendeu? (FEM/JOV/SUP/9)

(17) Gosta de ir ao cinema?

A minha mulher gosta muito, mas eu acompanho.

O senhor prefere assistir em casa?

Não, em casa eu não me concentro na televisão. Eu gosto de ver \emptyset é no cinema. (MAS/VEL/SUP/9)

Em (17), inferimos que o verbo [ver] tem como complemento o SN [filme], mas esse referente não está explícito no texto. Por isso, não consideramos esse dado.

• Só foram computadas as ocorrências de objeto direto preenchido que admitem também a coocorrência com a forma nula do objeto¹⁹.

(18) Geralmente, ia a pé e voltava de *ônibus*. Mas só, a gente utilizava mais **o ônibus** em dia de chuva, né, que era mais ruim de andar a pé. (MAS/JOV/FUND/2)

Em (18), o objeto anafórico acusativo [**o ônibus**] poderia ser substituído por um objeto nulo e a sentença continuaria a ter sentido completo.

Dados como os que seguem, foram excluídos de nosso trabalho, por não covariarem com o objeto nulo:

(19) Queria falar igual ao *Pato Donald*. Queria imitar **ele** falando, mas não dava certo.²⁰ (FEM/JOV/FUND/9)

(20) E daí, *o pessoal ali do Monte Cristo, Chico Mendes*, eles vêm pra essa nossa praia aqui, que essas nossas praias hoje são nossa paisagem.

Só pra admirar.

É, admirar o pôr do sol. E eles não. Verão, eles já vêm de manhã, passam grande parte do dia ali e voltam à noite. Então, se tu for comprar pão, dependendo do horário, tu vê **eles**, ou indo ou voltando, né? Então, é um fluxo dessas pessoas. (MAS/JOV/SUP/2)

Tanto em (19), como em (20), fica ‘estranha’ a ocorrência do objeto nulo no lugar de [**ele**] e [**eles**], respectivamente, conforme representamos em (21) e (22):

¹⁹ Em alguns momentos, tivemos dúvidas se certos dados poderiam covariar com a variante nula. Para considerarmos esses dados com mais segurança, aplicamos testes de atitude com falantes do PB e, somente a partir da avaliação positiva desses falantes é que passamos a levar em conta esses dados que por nós eram duvidosos.

²⁰ Chegamos a considerar dados deste tipo em uma primeira rodada a fim de comparação com os estudos de Duarte (1986) e Marafoni (2004), mas posteriormente, preferimos excluí-los por conta da não covariação com o objeto nulo.

(21) Queria falar igual ao *Pato Donald*. Queria imitar \emptyset falando, mas não dava certo.

(22) E daí, *o pessoal ali do Monte Cristo, Chico Mendes*, eles vêm pra essa nossa praia aqui [...]. Então, se tu for comprar pão, dependendo do horário, tu vê \emptyset , ou indo ou voltando, né?

- Casos de repetição da mesma estrutura foram computados como uma ocorrência apenas:

(23) Depois que está tudo pregado ali, aí coloca *o forro*. Coloca **o forro**. Coloca o forro e tudo. (FEM/VEL/FUND/9) (uma ocorrência)

Neste exemplo, a sentença [coloca o forro] é repetida três vezes. Consideramos o sintagma [**o forro**] da segunda estrutura como estando retomando o SN [*o forro*] da primeira estrutura e desconsideramos a terceira estrutura. Sendo assim, temos uma ocorrência de objeto anafórico acusativo retomando um SN.

- Sentenças interrompidas por problemas na gravação, ou mesmo quando o informante muda de assunto após pronunciar o verbo, não foram computadas.

(24) O que eu faço pra passar o tempo? Ah, tem vez que eu trato a minha cebolinha, lá atrás. Molho as plantinhas, lá. Molho a minha graminha aí. A mulher precisa vir me (inint), né? pra mim molhar \emptyset . (MAS/VEL/FUND/9)

(25) A senhora se lembra como é que a senhora conheceu *o seu marido*?

Ah, **o meu marido** eu conheci, me lembro sim. (FEM/VEL/FUND/9)

- Em estruturas com objeto topicalizado, nós não interpretamos como sendo objeto nulo, como em:

(26) *As prendas ganhadas*, aquilo tudo, a gente levava \emptyset pra igreja. (FEM/VEL/FUND/9)

Ao contrário disso, interpretamos como sendo objeto preenchido e anteposto ao verbo:

(27) As prendas ganhadas, aquilo tudo, a gente levava pra igreja. (FEM/VEL/FUND/9)

• Não consideramos neste trabalho dados em que havia identidade entre o verbo do referente e o verbo do objeto nulo anafórico:

(28) A única coisa que eu não gosto muito é passar roupa, mas passo Ø. (FEM/JOV/SUP/9)

(29) O senhor costuma ler jornal?
Eu leio Ø lá uma vez ou outra. (MAS/VEL/FUND/9)²¹

Segundo Cyrino (2000), esse não é um objeto nulo verdadeiro. Trata-se de uma elipse do VP inteiro (e não apenas elipse do nome [roupa] ou do nome [jornal], como nos exemplos que citamos). Para este trabalho, decidimos seguir a autora e retiramos de nossas rodadas dados desse tipo. Pretendemos voltar a estudar estruturas de elipse de VP futuramente.

3.2.2 Variáveis

Vamos, a seguir, apresentar a variável dependente deste estudo e as variáveis independentes controladas como possíveis condicionadores da variação em questão.

3.2.2.1 Variável dependente

A variável dependente deste estudo é a variação da (não) realização do objeto anafórico acusativo, de terceira pessoa do discurso, na variedade de fala de Florianópolis, podendo se apresentar através de duas diferentes variantes – objeto preenchido e objeto nulo.

Objeto preenchido – ocorre nas formas de:

- Pronome reto – ele(s), ela(s)

Exemplo:

²¹ Encontramos em nosso *corpus* um total de 118 dados de elipse de VP como esses exemplos. Todos esses dados foram retirados da presente análise.

(30) Mas *esse ajudante* era completamente louco, era completa-, ele tinha sido internado e tudo, já. (...) Até hoje, de vez em quando, eu encontro ele. (FEM/JOV/FUND/9)

- Pronome clítico - o(s), a(s)

Exemplo:

(31) A *Taís*, eu ajudei muito. Porque ela foi pra creche pequenininha, pro berçário e os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah mas eu tenho tempo, deixa ela ficar comigo uns tempinho, até ela ficar maiorzinha”, danada! Ajudei alfabetizá-la, porque ela ia pro colégio Imaculada Conceição ou Coração de Jesus e ela tinha que saber muita coisa que no jardim não aprendia. (FEM/VEL/SUP/2)

- Sintagma Nominal – SN pleno, SN com determinante modificado, Sinônimos ou descrições definidas, demonstrativo *isso*.

Exemplos:

(32) Mas aí com *o fusca* a gente deu de entrada, né? Vendi o fusca e com o dinheiro do fusca a gente deu de entrada, a gente comprou o apartamento no Itambé. (MASC/VEL/SUP/2)

(33) Têm pessoas que moram por aqui, de vez em quando, vem aqui tomar uma cervejinha, jogar *um dominó*. Vocês vão passar daqui pra lá. Vocês vão passar em frente de dois bar que vai tá assim ó de gente jogando dominó. (MASC/VEL/FUND/2)

(34) E eu fui comprar pão, era um, não me lembro o horário até. Realmente não me lembro. E daí, eu voltei com o troco, e daí me cercaram e falaram assim: “ou tu dá o troco do pão ou a gente vai levar o teu relógio”. Daí eu dei *o troco do pão* e não levaram *o meu relógio*, né? Ainda foram gente boa, poderiam ter levado tudo, né? Inclusive o pão! (MASC/JOV/SUP/2)

(35) Eu sinto *bastante falta do colégio* e eu pensei que nunca ia sentir isso. (MASC/JOV/FUND/2)

Objeto nulo – ocorre nas “não formas” de:

- Objeto nulo que retoma sentença

Exemplo:

(36) E em relação à viagem, tu gostas de *viajar*?
Adoro ø. (FEM/JOV/SUP/9)

- Objeto nulo que retoma SN

Exemplo:

(37) A gente deu estudo pra eles. Quem não tem *estudo* é porque não quis ø. (MASC/VEL/FUND/9)

A expectativa inicial é a de que a frequência de objetos preenchidos e nulos será balanceada, mas haverá uma tendência um pouco mais acentuada ao apagamento do objeto.

Acreditamos que o objeto nulo de SN seja mais frequente do que o nulo de sentença. Esperamos também encontrar mais objeto nulo de SN na década de 2010 do que em 1990, considerando que o objeto nulo de SN é uma forma inovadora. Já a elipse sentencial, vem acontecendo desde o século XVI, segundo Cyrino (1997).

Imaginamos que os percentuais tenderão a se dar nessa sequência, da maior para a menor frequência: Objeto nulo > SN > Pronome reto > Pronome clítico.

3.2.2.2 Variáveis independentes

A partir de estudos já realizados (DUARTE, 1986, 1989; CYRINO 1997; OLIVEIRA 2007; MARAFONI, 2004, 2010; PEREIRA 2011; COSTA 2011), selecionamos algumas variáveis intra e extralinguísticas que podem condicionar a variação na (não) realização do objeto anafórico acusativo:

Variáveis intralinguísticas

- (i) Forma de realização do constituinte retomado

- SN

Exemplo:

(38) Mas a primeira coisa que o artista faz, contratado pela televisão, eles fazem: "Nós já compramos um apartamento na Vieira Souto. Eu já tenho também **um apartamento** no Guarujá e outro lá na Copacabana". (MASC/JOV/SUP/9)

- Sentença inteira

Exemplo:

(39) Você sabia que esse bairro aqui era chamado de bairro Traz do Morro?

Nunca tinha ouvido **isso**. (FEM/JOV/SUP/2)

Esperamos que os referentes de sentença influenciarão o uso de objeto nulo em grande frequência, conforme já mostraram os estudos de Marafoni (2004) e Costa (2011).

- (ii) Função sintática do constituinte retomado

- Função igual à função de objeto direto

Exemplo:

(40) Eu jogava muito futebol, gostava muito. [...] naquela época, não tinha esse movimento todo que tem hoje em Florianópolis. Então, pra passar carro numa rua era raro. Então, dava até pra jogar **bola** na rua. (MASC/VEL/SUP/9)

- Função diferente da função de objeto direto

Exemplo:

(41) Então, essa professora me marcou muito, foi muito querida. Me marcou o (inint) que começou a dar aula de inglês e eu não aprendi **nada**. (MASC/JOV/SUP/9)

Essa variável foi atestada como condicionadora do objeto nulo acusativo no trabalho pioneiro de Omena (1978), quando a autora mostrou que havia grande frequência de antecedentes que possuíam a mesma função sintática do objeto nulo anafórico. Marafoni (2004) atestou em seus dados que o objeto nulo tem um índice de ocorrência maior em estruturas em que o antecedente exerce igualmente a função de objeto direto, além de atestar que há também ocorrência do objeto nulo mesmo em estruturas em que seu antecedente exerce função diferente da de objeto, embora em menor frequência.

Em nossos resultados, acreditamos que, quando o objeto for nulo, o constituinte retomado terá preferencialmente sua mesma função

sintática, ou seja, a de objeto direto. Pode ser que haja sim ocorrência de objeto nulo com antecedente que possui função sintática diferente, mas imaginamos que essa frequência seja menor.

(iii) Traço de animacidade do constituinte retomado

- [+ animado]

Exemplo:

(42) Eu disse que logo que eu casasse eu queria, eu queria ter um filho. [...] eu tinha uma prima que trabalhava na Carmela Dutra e ela me ligou, três vezes ela me ligou pra perguntar se eu não queria adotar \emptyset . (FEM/JOV/FUND/2)

- [- animado]

Exemplo:

(43) É, enquanto não fizesse um metro de renda, a gente não saía pra brincar ou fazer outra atividade, não. Tinha que fazer **aquela renda**. (FEM/VEL/FUND/2)

A ‘animacidade do constituinte retomado’ é uma grande condicionadora da variação do objeto anafórico acusativo, levando em consideração os resultados de Omena (1978), Duarte (1986; 1989), Cyrino (1997), Marafoni (2004), Pereira (2011) e Costa (2011). Acreditamos que os antecedentes [- animado] influenciarão a ocorrência de objeto nulo. Em compensação, o constituinte retomado [+animado] provavelmente influenciará as ocorrências dos pronomes clítico e reto.

(iv) Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo
Verbos com um complemento:

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e o objeto direto retoma um SN simples.

Exemplo:

(44) Nós, a minha vó tinha engenho de fazer *cachaça*, ela fazia **cachaça**, sabe? (FEM/VEL/FUND/2)

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e o objeto direto retoma uma sentença.

Exemplo:

(45) *A minha bisavó, por exemplo, já não suportava igreja.*
A minha mãe falava **isso**, assim. (MASC/JOV/SUP/2)

Verbos com dois complementos simples:

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e o objeto direto retoma um SN simples, seguido por um complemento circunstancial.²²

Exemplo:

(46) Eu tinha *uma pessoa que não tinha como criar* e perguntou pra mim, né? Porque, naquela época, assim, era mais fácil, né? Agora não dá mais. [...] Ah, aí, comecei a acompanhar ela, a levar **ø** no médico, tal. (FEM/JOV/FUND/2)

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e indireto e o objeto direto retoma um SN simples, seguido por um objeto indireto simples.

Exemplo:

(47) É, até por coincidência, a minha esposa, a Rosilda, ela fez *uma nota* e mandou **ø** pro jornal. (MASC/VEL/SUP/2)

Estruturas complexas:

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e indireto e o objeto direto retoma um SN simples, seguido por um objeto indireto sentencial.

Exemplo:

(48) *Meu pai*, na verdade, quem ensinou **ele** a ler e escrever foi eu. (MASC/VEL/FUND/2)

²² Segundo Rocha Lima, complemento circunstancial é um termo de natureza adverbial, tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais. (cf. Duarte, 2009)

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e o objeto direto retoma um SN simples, seguido por um predicativo do objeto.

Exemplo:

(49) Então, as entrevistas, a popularidade da Cultura, como essa do Saramago. É *Saramago*, neh? O português, lá. Fizeram uma entrevistinha rápida lá com ele, com o cara, era pra fazer uma entrevista de duas horas, pô, sugar tudo o que ele tinha, entende? Quando entregar, tem que entregar **ele** seco. (MASC/JOV/SUP/9)

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e o objeto direto retoma uma sentença, seguido por um predicativo do objeto.

Exemplo:

(50) Quando eu morava lá, eu me lembro que, quando eu era menor, parecia a casa ser tão grande, daí às vezes eu passo lá, as casa tão pequena... Parecia ser grande e hoje é diferente. Daí, tu *fica se lembrando das coisa que, que a gente vivia lá*, eu acho legal **isso**. (MAS/JOV/FUND/2)

- O verbo do objeto anafórico acusativo é transitivo direto e indireto e o objeto direto retoma uma sentença, seguido por um objeto indireto simples.

Exemplo:

(51) *Aí, chegaram aqui, (inint) foram pro Hospital de Caridade. Lá, eles morreram. Morreu primeiro o meu avô, depois morreu minha avó.* (...) Mas **isso** a minha tia que me contava. (FEM/VEL/FUND/9)

Acreditamos que tanto estruturas mais simples de um complemento, como estruturas com dois complementos terão grande influência para a ocorrência de objeto nulo. Duarte (1986; 1989) atestou um percentual bem alto de objeto nulo nesses contextos, tanto nos casos em que retomava um SN simples, como nos casos em que retomava sentença.

Creemos, porém, que as estruturas complexas terão seus objetos mais preenchidos e estes serão preferencialmente pronomes retos. Marafoni (2004) explica que, nessas construções, o constituinte retomado é, geralmente, [+ animado], daí então a preferência pelo pronome reto.

(v) Topicalização do constituinte retomado

- Topicalizado²³

Exemplo:

(52) *A minha areazinha de serviço* já abriram, arrombaram
ø, entraram, roubaram os vinhos, roubaram roupa. (FEM/VEL/SUP/2)

- Não topicalizado

Exemplo:

(53) E a minhas vizinha sempre tinham criança pequena, assim. Aí, eu ganhei um monte de roupa, ganhei carrinho, ganhei um monte de coisa. Mas tudo a minha intenção dá ø pra ela, claro, né? (FEM/JOV/FUND/2)

Conforme Marafoni (2004), acreditamos que, quanto mais o SN do constituinte retomado estiver em posição de tópico da sentença, maior será a tendência de ocorrer objeto anafórico acusativo nulo.

(vi) Forma verbal - Forma em que se encontra o verbo do objeto anafórico acusativo (Tempo/Modo)

- Indicativo

Exemplo:

(54) Era *uma sala grande*, onde o meu irmão quebrou muito dente limpando.

Limpando?

Como ela era muito grande, dava pra limpar com mangueira. Aí, a mãe lavava ø com mangueira e ele inventava de ir ajudar. A hora que

²³ Nós consideraremos como constituinte retomado [+ topicalizado] aquele referente que estiver em primeira posição na sentença.

ele tava passando a espuma, ele caiu e deu-lhe com os dente e quebrou os dente. (FEM/JOV/SUP/2)

- Subjuntivo

Exemplo:

(55) Mas eu acho que *as ruas* seriam bem interessante se eles arrumassem \emptyset , até porque volta e meia tem uns buraco que tu não vê, às vezes acaba causando um acidente, isso e aquilo. (MAS/JOV/FUND/2)

- Infinitivo simples

Exemplo:

(56) Falavam em bruxaria, que a criança era embruxada, né, que tinha que fazer aquela simpatia de botar *uma camisinha com alfinete* e socar \emptyset no pilão (FEM/VEL/SUP/2)

- Infinitivo com locução

Exemplo:

(57) Quando eu fiz *a universidade*, eu já... já tinha vinte anos de serviço no magistério. Eu fiquei só no primário até 72. Depois fui fazer a licenciatura. (FEM/VEL/SUP/9)

- Imperativo

Exemplo:

(58) Mas aí, ela me ensinou *uma oração que eu nunca esqueci*. [...] “Quando você for botar as crianças na cama, você reza essa oração que ela [a bruxa] não vai na tua casa”. (FEM/VEL/FUND/9)

- Gerúndio

Exemplo:

(59) Mas *rádio*, ouvir é difícil. Até porque no meu outro emprego a gente trabalhava ouvindo rádio, né? Aí, a gente tava sempre informado nas música que tocava, nas notícia, mas agora no outro serviço a gente não pode ouvir. (MAS/JOV/FUND/2)

- Gerúndio com locução

Exemplo:

(60) *Trinta e um créditos* era o limite que eu podia fazer.
Estava fazendo \emptyset e trabalhando no banco. (FEM/JOV/SUP/9)

- Particípio com locução²⁴

Exemplo:

(61) Tu perdeste *dinheiro*?
 Não. Não, porque eu não tinha guardado \emptyset . (MAS/JOV/FUND/9)

Conforme os resultados de Duarte (1986; 1989) e Marafoni (2004), acreditamos que as formas verbais com infinitivo (formas simples ou com locução) favorecerão a ocorrência do pronome clítico. O pronome reto provavelmente aparecerá com todas as formas verbais, mas imaginamos que será com mais frequência nos tempos simples e nas formas do gerúndio e do imperativo. Ainda conforme os resultados das autoras, acreditamos que o objeto nulo apareça com grande frequência, independentemente da forma verbal.

- (vii) Especificidade do constituinte retomado

Sem determinantes:

- SNs sem determinante [- específicos]

Exemplo:

(62) Agora, o bom mesmo, quando a gente vai pra Pinheira, pra praia lá, né? Aonde a minha sogra mora, (inint) fazem doces lá, muito especial lá, lá sai peixe muito bom.

Quem faz?

Lá elas preparam \emptyset , assam \emptyset . (MAS/VEL/SUP/2)

Com determinantes:

- SNs com determinantes (artigos, demonstrativos ou possessivos) [+específicos]

Exemplo:

²⁴ Não houve dados com particípio sem locução em nosso *corpus*.

(63) Em 60 é que começou a universidade aqui, né, de Santa Catarina. Começou a construção. Acho que foi em 60. Aí, eu já tinha filhos. Esperei eles crescer pra depois fazer **a faculdade**, neh? (FEM/VEL/SUP/9)

• SNs com outros determinantes (determinantes indefinidos, interrogativos, numerais, adjetivos) [+específicos]

Exemplo:

(64) Tinha alguma história que seus avós contavam?

Ah, os avós contavam **essas histórias** pra gente, pra esse tipo de coisa, pra botar medo na gente. Entendesse? (MAS/VEL/FUND/2)

A nossa hipótese para essa variável, baseada em Marafoni (2004), é a de que os referentes SNs sem determinante e [- específicos] influenciarão o uso de objeto nulo.

Variáveis extralinguísticas

(viii) Idade - menos de 50 anos e mais de 50 anos.

Temos a expectativa de apontar mudança em tempo aparente em cada uma das amostras separadas, comparando a fala dos mais velhos com a fala dos mais jovens.

Em relação à *Amostra 1990*, esperamos encontrar um uso mais frequente da forma de prestígio (pronomes clíticos) na fala dos informantes mais velhos, pois acreditamos que, por terem adquirido sua língua antes da década de 1950, tais falantes conservem um maior grau do padrão da língua. Os falantes mais jovens deverão apresentar frequência de objeto nulo e de pronome reto maior em relação aos mais velhos, mas essas frequências provavelmente não serão maiores do que as dos mais jovens da *Amostra 2010*.

Na *Amostra 2010*, temos a expectativa de encontrar ainda um vestígio de pronome clítico na fala dos informantes mais velhos, considerando que adquiriram sua língua antes da década de 1970 e conservem mais o padrão da língua do que os jovens dessa amostra (mas é esperado que esse uso não seja maior do que o dos falantes mais velhos da *Amostra 1990*). Os mais jovens da *Amostra 2010* provavelmente apontarão maiores frequências de objeto nulo e de

pronome reto do que as outras faixas etárias das duas amostras investigadas.

Em relação à variante SN, acreditamos que em qualquer uma das faixas etárias, nas duas amostras, o SN tenha a maior frequência entre os objetos preenchidos.

(ix) Sexo – masculino e feminino.

Essa variável desempenha um importante papel na evolução das línguas, segundo Labov. “Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens (Labov, 1966) e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio.” (LABOV, 2008 [1972], p. 281). Labov (2001) ainda diz que, quando a mudança inicia, as mulheres são mais sensíveis à reivindicação de prestígio local que é simbolizada pela mudança. Em fases posteriores da mudança, quando as reações negativas já tiverem sido institucionalizadas, as mulheres são mais sensíveis do que os homens ao prestígio simbolizado nacionalmente pela negação da mudança.

É possível que, em nossos resultados, o pronome reto na função de acusativo apareça mais na fala dos homens, enquanto que o pronome clítico apareça mais na fala das mulheres. Imaginamos que o objeto nulo e o SN aparecerão na fala tanto dos homens quanto das mulheres, por serem mais neutros na avaliação social.

(x) Escolaridade – até 8 anos de escolaridade e mais de 12 anos de escolaridade

A variável social ‘escolaridade dos informantes’ tem grande importância quando se trata do pronome clítico. Estudos como os de Duarte (1986; 1989), Oliveira (2007) e Pereira (2011) apontam que, por ser aprendida na escola e não ser adquirida na fase de aquisição da linguagem, essa variante de prestígio aparece com mais frequência na fala de informantes mais escolarizados. Omena (1978) acredita que a regra do pronome clítico não é bem estabelecida na competência linguística do falante não escolarizado do Rio de Janeiro, considerando que não encontrou nenhuma ocorrência desse pronome na fala de seus informantes, alunos do MOBRAL.

Possivelmente, o uso da variante de prestígio (pronome clítico de 3ª pessoa) aparecerá somente na fala dos sujeitos que tiverem mais tempo de escolaridade. Ainda sobre os mais escolarizados, acreditamos que estes utilizem com menos frequência o pronome reto e que tenderão

a utilizar mais SNs e uma ligeira redução de objetos nulos em relação aos menos escolarizados (cf. Marafoni, 2004). O pronome reto e o objeto nulo devem aparecer com mais frequência na fala dos menos escolarizados.

(xi) Década da amostra – 1990 e 2010

Com base no estudo de Cyrino (1997) e Costa (2011), cujos resultados mostraram que, na medida em que se avança no tempo, há mais variação na forma de realização do objeto anafórico acusativo, acreditamos que iremos atestar uma mudança em tempo real comparando os dados da *Amostra 1990* com os da *Amostra 2010*.

Temos a expectativa de que haverá mais objeto nulo na década de 2010 do que na década de 1990. Além disso, cremos que a frequência de objeto nulo de SN aumentará de uma década para a outra, afirmando também a implementação desse tipo de apagamento do objeto, em comparação com o objeto nulo de sentença.

Em relação ao objeto preenchido, imaginamos que haverá mais clítico na década de 1990 e mais pronome reto na década de 2010. Acreditamos que o SN será frequente nas duas décadas.

(xii) Indivíduo

Pode ser que haja variação de um indivíduo para outro nas escolhas das variantes, mas cremos que, no geral, os informantes seguirão a tendência de utilizar frequências balanceadas de objeto nulo e objeto preenchido, com uma tendência um pouco mais acentuada para o apagamento.

3.2.3 Tratamento Estatístico

As variáveis independentes citadas foram relacionadas à variável dependente através do programa Goldvarb, que nos forneceu as frequências e os pesos relativos associados a cada variável.

Realizamos três etapas na análise estatística de nossos dados:

1. Consideramos todos os dados de nosso *corpus* (aqueles que tinham como referente uma sentença e também os que tinham um SN como referente). Nesta etapa, analisamos as frequências e os percentuais das ocorrências, realizando apenas uma análise unidimensional.

A fim de entendermos melhor os contextos dos objetos nulos que retomam SN e dos objetos nulos que retomam sentença, separamos esses contextos para verificarmos se há diferença de comportamento entre as variáveis independentes. Realizamos, então, mais duas etapas:

2. Consideramos apenas os dados que tinham como referente uma sentença e realizamos análises multivariadas;

3. Consideramos apenas os dados que tinham um SN como referente e realizamos análises multivariadas.

3.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Apresentamos neste capítulo a metodologia que utilizamos no estudo e a estratificação dos informantes que fazem parte de nossas amostras. Explicamos também a nossa variável dependente, as independentes e suas hipóteses específicas. A seguir, iniciamos o quarto capítulo, que nos traz os principais resultados estatísticos deste estudo, seguidos de descrição e análise.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS DESTE ESTUDO

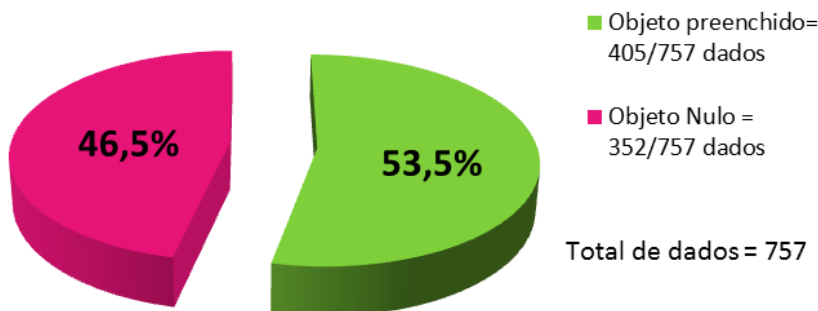
Neste capítulo, trataremos dos resultados da análise da variação do objeto anafórico acusativo na cidade de Florianópolis. Primeiramente, traremos a análise geral que fizemos, considerando todos os dados de nosso *corpus*. Depois, separamos os dados que tinham como referente uma sentença dos que tinham como referente um SN e realizamos rodadas estatísticas individuais. Na última seção deste capítulo, retomaremos os resultados, observando especialmente as hipóteses relacionadas à mudança em tempo aparente e mudança em tempo real.

4.1 RESULTADOS GERAIS

Para darmos início à análise, realizamos uma rodada preliminar em que foram considerados todos os dados de nosso *corpus*, que tinham como referente um SN, ou que tinham como referente uma sentença.

Os gráficos a seguir apresentam os resultados gerais das variantes do objeto anafórico acusativo, a fim de visualizarmos melhor os percentuais encontrados nas duas amostras de fala florianopolitana. Conforme podemos observar, foram computados 757 dados no total, sendo que 352 eram nulos (46,5%) e 405 eram preenchidos (53,5%).

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados de objetos nulos e preenchidos.



Nossa expectativa inicial era a de que teríamos uma frequência balanceada de objetos preenchidos e nulos em nossos resultados, com uma tendência um pouco mais acentuada ao apagamento do objeto. A

frequência de objetos nulos foi alta, conforme esperávamos (46,5%), mas não podemos atestar totalmente a nossa hipótese, considerando que tivemos um percentual maior de objetos preenchidos (53,5%). Os exemplos a seguir dão luz aos nossos resultados.

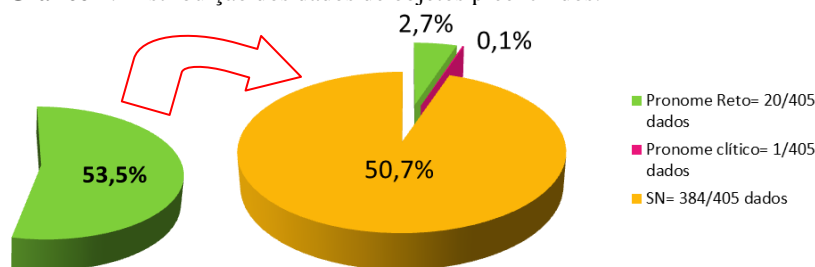
(65) Era *um filho*, um atrás do outro. E daí, assim, ela perguntou se a minha mãe não queria \emptyset , porque ela não tinha filho. Na verdade só tinha outra, né, que já era grande. Aí, ela disse que queria \emptyset . (FEM/JOV/FUND/2)

(66) A gente só ganhava *roupa* na época do natal. Era a única época que a gente ganhava **roupa**. (FEM/JOV/SUP/9)

Em (65), temos dois exemplos de objetos nulos anafóricos acusativos que retomam o SN [*um filho*]. Já em (66), o exemplo é de objeto preenchido: o objeto [**roupa**] está retomando o SN [*roupa*], que já havia sido mencionado no mesmo discurso.

Quando o objeto estivesse preenchido, nossa hipótese era a de que encontraríamos mais o pronome reto do que o clítico. Acreditávamos também encontrar grande frequência de SN. Os 405 dados de objetos preenchidos que encontramos estavam distribuídos da seguinte maneira, atestando nossa hipótese:

Gráfico 2: Distribuição dos dados de objetos preenchidos.



53,5% de objetos preenchidos

Total = 405 dados

Em relação ao percentual de objetos anafóricos acusativos representados por SNs, nossos resultados estão bem próximos daqueles cinco trabalhos citados por Duarte e Ramos (a sair em 2015) - Luíze

(1997), Averborg (1998), Mendonça (2004), Freire (2000) e Neiva (2007) -, que revelaram frequências distantes entre esses SNs e as outras formas de objeto direto anafórico preenchido (clíticos e pronomes retos). Esse percentual de 50,7% de SN ultrapassa o de objeto nulo (que teve 46,5%) e esses dois índices quase se apresentam em igual distribuição.

Sobre o pronome reto, nosso percentual é baixíssimo (2,7%), comparado aos índices de outras pesquisas com dados de fala, apontados por Duarte e Ramos, que variam entre 9% e 28%. Somente dois trabalhos citados pelas autoras mostram um baixo percentual de pronome reto como no nosso: Freire (2000) e Neiva (2007), com 4% e 3% de pronome reto, respectivamente.

A baixa frequência de pronome clítico em entrevistas de língua falada já era esperada, conforme outros estudos têm mostrado. Tivemos, em todos os dados, apenas uma ocorrência (0,1%) de pronome clítico, apontando o desaparecimento dessa variante na fala de Florianópolis, do *corpus* investigado.

A seguir, elencamos exemplos de objetos diretos preenchidos encontrados:

(67) E a senhora costuma fazer alguma coisa com o seu marido também? Em casa? Assistir *televisão*?

Assisto **televisão** com ele. Ele não gosta muito de televisão, só vê o jornal e deu, não quer ver mais nada. (FEM/VEL/SUP/9)

Neste exemplo, o objeto direto é um SN, [**televisão**], e está retomando outro SN que já havia sido mencionado pelo entrevistador, [*televisão*].

(68) E a gente tinha, eu no caso, fazia parte da associação do ministério da fazenda, que era lá na Lagoa, não sei se vocês conhece. Chama-se ASSEFAZ. Então, eu reuni *meus colegas* aqui e levava **eles** pra lá, pra gente bater uma bola. (MAS/VEL/FUND/2)

Aqui, o objeto anafórico acusativo está na forma de um pronome reto, [**eles**], que está retomando o SN [*meus colegas*].

(69) A *Taís*, eu ajudei muito. Porque ela foi pra creche pequenininha, pro berçário e os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah mas eu tenho tempo, deixa ela ficar comigo uns

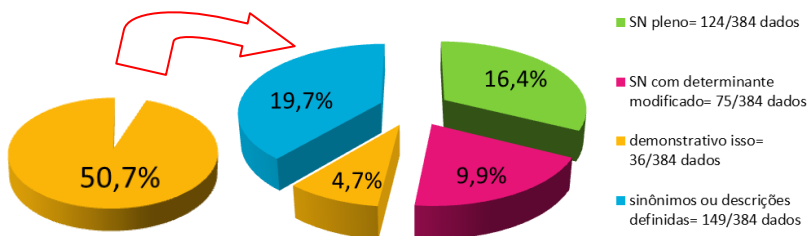
tempinho, até ela ficar maiorzinha”, danada! Ajudei alfabetizá-la, porque ela ia pro colégio Imaculada Conceição ou Coração de Jesus e ela tinha que saber muita coisa que no jardim não aprendia. (FEM/VEL/SUP/2)

Em (69), o pronome clítico é o objeto anafórico acusativo que está retomando o SN [*a Tais*], conforme já havíamos mencionado quando trouxemos esse mesmo exemplo.

No geral, imaginávamos que os percentuais tenderiam a se dar nessa sequência, do maior para o menor: Objeto nulo > SN > Pronome reto > Pronome clítico. Nossa hipótese foi parcialmente atestada, pois o percentual de SN (50,7%) foi maior do que o de objeto nulo (46,5%), o que não esperávamos. Mas, quanto aos percentuais relativos ao preenchimento, a sequência prevista se confirmou: SN (50,7%) > Pronome reto (2,7%) > Pronome clítico (0,1%).

Destrinchamos a seguir o percentual de SN para mostrar as frequências dos tipos de SNs controlados neste trabalho, conforme os resultados do Gráfico 3 apontam:

Gráfico 3: Distribuição dos dados de SN.



50,7% de dados de SN

Total = 384 dados

Dos 50,7% de SN, 19,7% são de sinônimos ou descrições definidas; 16,4% de SN pleno; 9,9% de SN com determinante modificado; e 4,7% de demonstrativo *isso*. Os exemplos a seguir ilustram esses casos.

(70) Até um dia, ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer **tudo**. (FEM/JOV/FUND/9)

O pronome indefinido [**tudo**] é o objeto anafórico acusativo desse exemplo e ele está retomando o SN [*dois cachos de banana*], como um resumitivo. Classificamos esse tipo de objeto como sendo um ‘SN sinônimo ou descrição definida’ ao constituinte retomado.

(71) Eu fiz *o curso superior*, né? Eu fiz supervisão escolar, mas eu fiz **o curso superior** depois de casada. (FEM/VEL/SUP/2)

Neste exemplo, por conta de o objeto acusativo [**o curso superior**] estar retomando anaforicamente um SN exatamente idêntico a ele, [*o curso superior*], chamamos o objeto de SN pleno.

(72) Carlos Alberto foi o técnico do Flamengo, chegou e disse: “Vocês só têm que mostrar *o futebol* que vocês têm.” [...] o Carlos Alberto, ele tem filho que joga **futebol**. (MAS/JOV/FUND/9)

Em (72), o objeto [**futebol**] está se diferenciando de seu constituinte retomado apenas pelo artigo definido, em [*o futebol*]. Neste caso, classificamos o objeto como sendo SN com determinante modificado.

(73) Tu vê alguma diferença na sua concepção assim, ah, ele é de Biguaçu, é marcado assim?

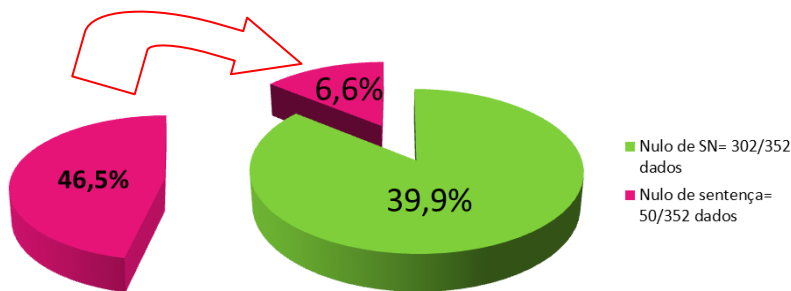
O pessoal de Biguaçu se defende um pouco mais, assim. Na minha sala eu percebo **isso**, assim. (MAS/JOV/SUP/2)

Nesse último exemplo, o objeto direto é o pronome demonstrativo [**isso**]. Está retomando a sentença inteira que já havia sido mencionada pelo informante: [*o pessoal de Biguaçu se defende um pouco mais*].

Vale ressaltar sobre o pronome demonstrativo *isso* que todos os 36 casos encontrados com esse fator retomam sentença, o que já era esperado, conforme apontaram os estudos de Marafoni (2004) e Costa (2011).

Em relação aos objetos nulos, os percentuais de nulo que retoma SN e nulo que retoma sentença estão expostos a seguir:

Gráfico 4: Distribuição dos dados de objetos nulos.



46,5% de objetos nulos

Total = 352 dados

Dos 352 objetos não pronunciados, equivalente a 46,5% dos dados totais, 302 são nulos que retomam SN (39,9%) e 50 retomam sentença (6,6%). Nossa hipótese de que haveria mais nulo retomando SN foi atestada. Trazemos, a seguir, exemplos de objeto nulo de SN e nulo de sentença, respectivamente.

(74) Mas, naquela época, foi a época da revolução, né, de 30. Aí, a querosene era dado pela prefeitura. Aí, o prefeito, que não era prefeito, era um intendente da Lagoa, que pegava *a querosene* e ia naqueles tonel grande e cada um ia pegar. Então tinha, cada pessoa tinha um tipo assim de um livro marcado os dias que as pessoas podiam vim buscar \emptyset . Formava aquela fila das pessoas pegar a garrafa de querosene pra usar. (FEM/VEL/FUND/2)

(75) Quando eu fiz 18 anos, tava na escola ainda, aí eu comecei a *trabalhar e estudar ao mesmo tempo*. Daí, começou a complicar, não conseguia \emptyset . (MAS/JOV/FUND/2)

No exemplo (74) o objeto nulo de [podiam vim buscar \emptyset] está retomando o SN [*a querosene*]. Já em (75), o objeto nulo de [não conseguia \emptyset] está retomando toda sentença [*trabalhar e estudar ao mesmo tempo*].

Em relação às nossas variantes objeto preenchido (pronomes reto, pronomes clíticos e SN) e objeto nulo, os resultados da tabela a seguir

mostram o percentual dos fatores da variável ‘forma de realização da retomada’ – SN ou sentença:

Tabela 5: Frequência das variantes, segundo a ‘forma de realização do constituinte retomado’.

	Forma de (não) realização do objeto	Referente de SN		Referente de sentença	
		Apl/Total	%	Apl/Total	%
Pronome reto	Ele ²⁵	10/10	100%	0/10	0%
	Eles	5/5	100%	0/5	0%
	Ela	5/5	100%	0/5	0%
Pronome clítico	A	1/1	100%	0/1	0%
SN	SN pleno	124/124	100%	0/124	0%
	SN com determinante modificado	75/75	100%	0/75	0%
	Isso	0/36	0%	36/36	100%
	Sinônimos ou descrições definidas	144/149	96,6%	5/149	3,4%
Objeto nulo	nulo	302/352	85,8%	50/352	14,2%
	Total:	666/757	88%	91/757	12%

Conforme os resultados da Tabela 5, dos 757 objetos anafóricos acusativos totais, 666 (88%) retomam SN e 91 (12%) retomam sentença.

Podemos perceber que o pronome clítico e o pronome reto retomam categoricamente antecedentes formados de SN. Isso já era esperado, se pensarmos o quão raro é ouvirmos na fala do PB dados como o exemplo a seguir, retirado de Costa (2011, p. 168), em que o anafórico retoma uma sentença:

²⁵ Nessa tabela apresentamos as formas que realmente ocorreram em nossos dados. Por isso não estão aqui o pronome reto *elas* e os pronomes clíticos *o*, *as* e *os*.

(76) Não vem. Isso são nove horas, e ainda que esteja rebentando por *se levantar*, só **o** fará às dez em ponto. (PE, João Batista de Matos Moreira, 1845, Guerra aos Nunes)

Observamos também que a grande maioria dos informantes, quando usa objeto direto representado por SN, recupera antecedentes não oracionais. Apenas dois tipos de SN retomam sentença: o pronome demonstrativo *isso* (que retoma, categoricamente, sentença), e os sinônimos e descrições definidas. Os exemplos estão elencados a seguir:

(77) Eu vejo é, *que vem muita gente de fora pra centros maiores e trazendo os filhos e eles já não têm onde ficar, já não têm o que fazer, não têm o que trabalhar, e largam os filhos por aí pra até como um meio de renda, né? De arrumar mais um trocado. Isso* acho que tem que começar a cortar na origem, né? (MAS/VEL/SUP/9)

(78) Eu não sei, pra mim, *sair daqui pra ir pra outro lugar*, eu acho que pra mim, eu acho que é meio difícil fazer **uma coisa dessas**, porque eu sou muito apegado com a minha e com o meu pai e com a minha família, mas eu acho super legal assim, o que ele fez. (MAS/JOV/FUND/2)

Em (77), o objeto que está retomando uma sentença é o pronome demonstrativo [**isso**]. Já em (78), o objeto é a descrição definida [**uma coisa dessas**].

Nessa rodada geral, vamos dar destaque aos resultados sobre o encaixamento de nossa variável dependente no sistema social²⁶, retomando algumas de nossas hipóteses relacionadas às variáveis extralinguísticas ‘sexo’, ‘escolaridade’, ‘década’ e ‘idade’.

Quanto ao ‘sexo dos informantes’, acreditávamos que o pronome clítico (se houvesse) apareceria com mais frequência na fala das mulheres, enquanto os homens utilizariam mais objetos formados de pronome reto.

Os resultados podem ser observados na tabela a seguir, com as frequências das variantes, segundo a variável ‘sexo’:

²⁶ Lembramos que foram analisadas 16 entrevistas neste trabalho e que temos apenas um informante por célula, se separarmos as amostras. Portanto, os resultados em relação às variáveis sociais devem ser relativizados e lidos neste contexto.

Tabela 6: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘sexo’.

Forma de (não) realização do objeto	Objeto nulo		Pronome reto		Pronome clítico		SN	
Sexo	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%
Feminino	212/456	46,5%	12/456	2,6%	1/456	0,2%	231/456	50,7%
Masculino	140/301	46,5%	8/301	2,6%	0/301	0%	153/301	50,9%
Total:	352/757	46,5%	20/757	2,7%	1/757	0,1%	384/757	50,7%

Coletamos 456 ocorrências de objeto anafórico na fala das mulheres e 301 na fala dos homens.

O único dado de pronome clítico de nosso *corpus* aparece na fala de uma mulher (0,2%, conforme a tabela), mas esse único dado não nos permite dizer que os resultados seguem a tendência geral de as mulheres usarem mais a forma padrão da língua. Além disso, o percentual de pronome reto entre os sexos foi o mesmo (2,6% tanto para os homens, como para as mulheres). Não podemos, portanto, atestar nossas hipóteses com relação a esses resultados.

Sobre o nulo e o SN, imaginávamos que fossem acontecer com grande frequência, independentemente do sexo dos informantes. As altas frequências atestaram nossa expectativa e se deram de forma praticamente idêntica em relação aos dois sexos: o objeto nulo se mostra com percentual de 46,5% tanto para os homens, quanto para as mulheres; e o SN, com 50,7% para as mulheres e 50,9% para os homens.

Em relação à ‘escolaridade dos informantes’, acreditávamos que os clíticos estariam mais presentes na fala dos indivíduos mais escolarizados, enquanto os menos escolarizados não usariam essa variante.

Tabela 7: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘escolaridade’.

Forma de (não) realização do objeto	Objeto nulo		Pronome reto		Pronome clítico		SN	
Escola-Ridade	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%
Até 8 anos	209/435	48%	16/435	3,7%	0/435	0%	210/435	48,3%
Mais de 12 anos	143/322	44,4%	4/322	1,3%	1/322	0,3%	174/322	54%
Total:	352/757	46,5%	20/757	2,7%	1/757	0,1%	384/757	50,7%

Foram coletadas 435 ocorrências de objeto anafórico na fala dos indivíduos com até 8 anos de escolaridade e 322 na fala dos indivíduos com mais de 12 anos de escolaridade.

Estávamos certos sobre o pronome clítico não aparecer na fala dos menos escolarizados. Só não imaginávamos que a frequência dessa variante na fala dos mais escolarizados fosse tão baixa: como já mencionamos, houve apenas um único dado de pronome clítico em nosso *corpus* e ele estava na fala de uma informante mais escolarizada.

Tínhamos previsto também que o pronome reto e o objeto nulo apareceriam com maior frequência na fala dos menos escolarizados do que na dos mais escolarizados e que o SN tenderia a ocorrer em maior número na fala dos mais escolarizados. E foi o que ocorreu. O pronome reto tem 3,7% de frequência na fala dos menos escolarizados, enquanto que os mais escolarizados têm 1,3% dessa variante. O objeto nulo também tem percentual maior na fala dos menos escolarizados, com 48% de frequência (contra 44,4% de objeto nulo para os mais escolarizados). O SN aparece na fala dos mais escolarizados com 54% de frequência, contra 48,3% para os menos escolarizados.

Nossa expectativa em relação à transição no tempo/geracional de nossa variável dependente era a de que poderíamos apontar uma mudança em tempo real comparando os dados da *Amostra 1990* com os da *Amostra 2010*. Acreditávamos que iríamos atestar a diminuição de pronome clítico de uma amostra para a outra e o aumento de pronome reto e de objeto nulo de uma amostra para a outra. Vejamos o que mostram os nossos resultados.

Tabela 8: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘década’.

Forma de (não) realização do objeto	Objeto nulo		Pronome reto		Pronome clítico		SN	
Década	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%
Década de 1990	185/416	44,5%	9/416	2,1%	0/416	0%	222/416	53,4%
Década de 2010	167/341	49%	11/341	3,2%	1/341	0,3%	162/341	47,5%
Total:	352/757	46,5%	20/757	2,7%	1/757	0,1%	384/757	50,7%

Foram coletadas 416 ocorrências de objeto anafórico na década de 1990 e 341 na década de 2010.

Quanto ao pronome clítico, não podemos atestar nossa hipótese, pois o único dado dessa variante ocorre na *Amostra 2010* e não na *Amostra 1990*, como esperávamos.

Houve um pequeno aumento no uso de pronome reto, embora pouco significativo: os percentuais passam de 2,1% para 3,2% de uma amostra para a outra, como tínhamos previsto.

Conforme esperávamos, há também um aumento do objeto nulo de uma amostra para a outra. Em 1990, o percentual de objeto nulo é de 44,5%, já em 2010, salta para 49%, o que atesta a implementação dessa variante, como já foi verificada nos trabalhos de análise diacrônica (cf. CYRINO, 1997; COSTA, 2011).

Outra hipótese que tínhamos era a de que apontaríamos uma mudança em tempo aparente em cada uma das amostras, comparando a faixa etária de cada década. Vejamos primeiramente os resultados da *Amostra 1990*.

Tabela 9: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘idade’, na década de 1990.

Forma de (não) realização do objeto	Objeto nulo		Pronome reto		Pronome clítico		SN	
Idade Década de 1990	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%
Mais de 50 anos	74/185	40%	7/185	3,8%	sem dados	--	104/185	56,2%
Menos de 50 anos	111/231	48%	2/231	0,9%	sem dados	--	118/231	51,1%
Total:	185/416	44,5%	9/416	2,2%	0/416	0%	222/416	53,3%

Sobre a *Amostra 1990*, foram coletadas 185 ocorrências de objeto anafórico na fala dos indivíduos com mais de 50 anos e 231 na fala dos indivíduos com menos de 50 anos.

Esperávamos encontrar uma frequência maior do uso de clíticos na fala dos indivíduos mais velhos, por eles serem mais conservadores. Os resultados não atestam essa hipótese, pois não houve dado de pronome clítico nessa década em nosso *corpus*, como já havíamos mencionado.

Imaginávamos também que os jovens apresentariam maior frequência de objeto nulo e pronome reto em relação aos mais velhos. Os jovens da *Amostra 1990* utilizam uma frequência mais acentuada de objetos nulos, de 48%, do que os mais velhos, que apresentam 40% de apagamento do objeto. Já quanto ao pronome reto, não podemos atestar a mesma tendência de mudança, pois a frequência maior é observada na fala dos informantes mais velhos (3,8%, contra 0,9% para os jovens).

Ainda tínhamos a expectativa de que as ocorrências de pronome reto e objeto nulo dos mais jovens da *Amostra 1990* não seriam maiores do que as ocorrências das mesmas variantes na fala dos mais jovens da *Amostra 2010*. Os jovens de 2010, conforme a Tabela 10, apresentam percentuais de nulo e pronome reto em 52,5% e 3,5%, respectivamente, o que atesta a nossa hipótese de que essas variantes estão se implementando na fala do PB com o passar dos anos (cf: CYRINO, 1997; COSTA, 2011), se compararmos com a fala dos jovens de 1990 que apresentam 48% de objeto nulo e 0,9% de pronome reto (cf. Tabela 9).

Tabela 10: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo a variável ‘idade’, na década de 2010.

Forma de (não) realização do objeto	Objeto nulo		Pronome reto		Pronome clítico		SN	
Idade Década de 2010	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%
Mais de 50 anos	62/141	44%	4/141	2,8%	1/141	0,7%	74/141	52,5%
Menos de 50 anos	105/200	52,5%	7/200	3,5%	0/200	0%	88/200	44%
Total:	167/341	49%	11/341	3,2%	1/341	0,3%	162/341	47,5%

Na *Amostra 2010*, coletamos 141 ocorrências de objeto anafórico na fala dos mais velhos e 200 na fala dos mais jovens.

Esperávamos encontrar ainda um vestígio de clíticos na fala dos informantes mais velhos, mas acreditávamos que esse número não seria maior do que o dos clíticos da *Amostra 1990*. Como já citamos, não podemos atestar essa hipótese, pois o único dado de clítico é observado na fala de uma senhora da década de 2010.

Acreditávamos ainda que os jovens da década de 2010 apresentariam uma frequência maior de objeto nulo do que em qualquer outra faixa etária das amostras (maior do que a frequência dos mais velhos das décadas de 1990 e 2010 e maior do que a dos mais jovens da década de 1990). Nossa hipótese foi atestada, considerando que os jovens da década de 2010 apresentam um percentual de 52,5% de objeto nulo e os mais velhos da mesma década um percentual de 44%. Na década de 1990, os jovens apresentam 48% de objeto nulo e os mais velhos dessa década apenas 40%.

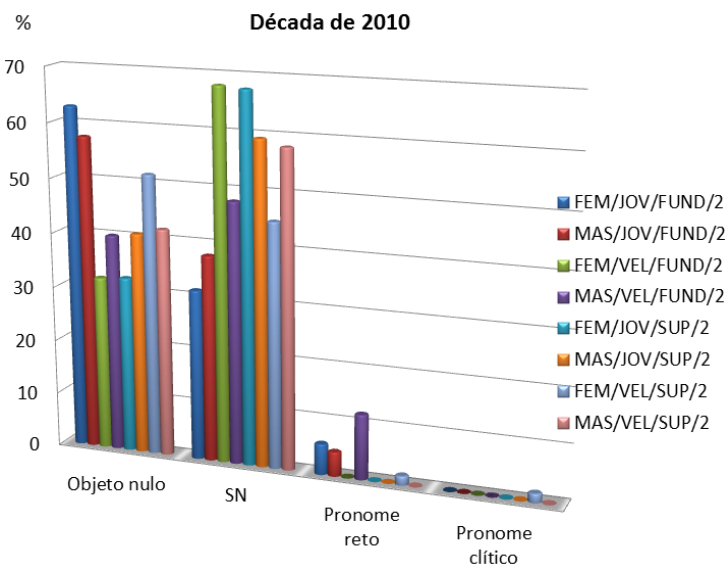
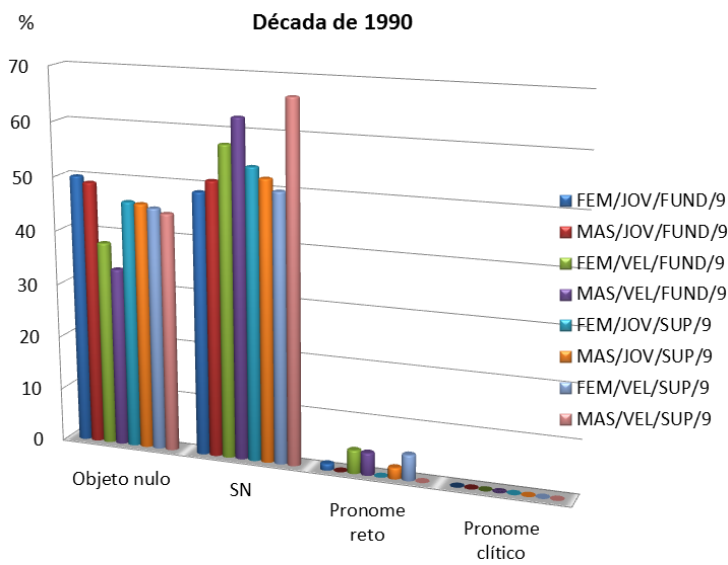
Podemos afirmar também que os jovens da *Amostra 2010* usaram pronomes retos com uma frequência um pouco maior do que os mais velhos da mesma década e do que os jovens da década de 1990. O que nos surpreendeu foi o fato de os informantes mais velhos da década de 1990 usarem um número significativo de pronome reto (3,8%, 7 ocorrências), basicamente se igualando ao número de pronomes retos usado pelos jovens da década de 2010 (3,5%, 7 ocorrências).

Considerando os SNs das duas amostras, observamos que nossa hipótese foi atestada. Acreditávamos que, em qualquer uma das faixas etárias, o SN teria a maior frequência dos objetos preenchidos. Os

percentuais de SN ficaram sempre acima de 44%. Interessante notar que, na década de 1990, os mais velhos utilizam 56,2% de SN. Esses índices atestam novamente o que disseram Duarte e Ramos (a sair em 2015) sobre o resultado de alguns trabalhos de variação do PB: parece que o uso de SN na função de objeto anafórico acusativo está se expandindo, criando em termos de frequência de uso quase um equilíbrio entre SNs e objetos nulos.

Os resultados sobre as variáveis sociais nos levaram à investigação dos percentuais de cada um dos informantes que compõe as amostras. O gráfico a seguir mostra a frequência das variantes objeto preenchido (SN, pronome reto, pronome clítico) e objeto nulo com referentes de SN e referentes de sentença, distribuídos segundo a variável ‘indivíduo’.

Gráfico 5: Frequências das variantes com referentes SN e sentença, segundo o a variável ‘indivíduo’.



Percebemos, com a leitura do gráfico, que a tendência de os indivíduos usarem o objeto anafórico acusativo nulo é, em sua maioria, maior do que 40%. Dois informantes (uma mulher e um homem, ambos jovens e menos escolarizados, da década de 2010) apresentam percentuais de nulo acima de 55%. A mulher, inclusive, chega aos 62,9% de objeto nulo em sua fala, conforme ilustra o exemplo a seguir, em que os objetos nulos estão retomando o SN [*as meninas*]:

(79) *As meninas* têm 12. [...]

E a mãe convive hoje em dia, não?

Não, não. Ela, às vezes, ela pode até tá em local que a gente tá, tudo, mas só que ela fala com elas como se fosse uma tia, uma, sabe assim? Nunca procurou \emptyset , nunca incomodou \emptyset , nunca... (FEM/JOV/FUND/2)

Apenas quatro informantes apresentam percentuais de objeto nulo abaixo de 40% (entre 32% e 38%): duas mulheres, mais velhas, menos escolarizadas, uma da década de 1990 e outra da década de 2010; um homem, mais velho, menos escolarizado, da década de 1990; e uma mulher, mais jovem, mais escolarizada, da década de 2010. Interessante notar que, desses quatro informantes, as duas mulheres da década de 2010 não utilizam nenhum dado de pronome reto e clítico, ou seja, quando se trata do objeto anafórico acusativo, elas apenas variam entre o objeto nulo e o SN. Elencamos alguns desses exemplos:

(80) É, é... eu aprendi a fazer *bordado*, minha vó ensinou. Mas depois aperfeiçoa \emptyset mais no colégio. (FEM/VEL/FUND/2)

(81) Sabe me falar de alguma coisa se existia pescador aqui ou se na época que existia o mangue, antes da construção do asfalto, se o pessoal pegava *caranguejo*?

Aham, pegava **caranguejo** ali em baixo.

Costumavam comer ou só vendiam?

Não, não comiam **caranguejo**. (FEM/VEL/FUND/2)

Esses dois exemplos são de uma mulher mais velha, com menos escolaridade, da década de 2010, e estão ilustrando os únicos tipos de objetos anafóricos acusativos utilizados por essa informante: objeto nulo e SN.

(82) Às oito horas da noite, nove horas, eu ia sozinha na banca. Ia lá, pegava *uma revistinha*, ia pra casa, lia *Ø*, comprava pão, comprava docinho, voltava pra casa. (FEM/JOV/SUP/2)

(83) Brincando de esconde-esconde dentro de casa, tinha um baú no corredor. Aí, a gente pegou, inventei de me esconder grudada no meu irmão. Dei-lhe com *a cabeça* no baú, cortou *a cabeça*. (FEM/JOV/SUP/2)

Da mesma forma que mostraram os exemplos citados anteriormente, (82) e (83) estão ilustrando os tipos de objetos (nulo e SN) utilizados pela informante que, desta vez, é mais jovem, mais escolarizada, da década de 2010.

Quando se trata do SN, os percentuais ficam acima dos 48%. Somente três informantes apresentam índices menores do que esse: aqueles mesmos dois indivíduos que utilizam objeto nulo acima de 55% - uma mulher e um homem, ambos jovens e menos escolarizados, da década de 2010; e uma mulher, mais velha, mais escolarizada, também de 2010 (essa, inclusive, é a senhora que utiliza o único dado de pronome clítico de nosso *corpus*).

Sobre o pronome reto, sete informantes nem sequer usam essa variante, todos eles variam apenas entre o objeto nulo e o SN. Os que utilizam pronome reto têm seus percentuais entre 1,2% e 5,7%, que vão de uma a quatro ocorrências por indivíduo (somente um informante possui seu percentual em 12%, mas é equivalente a três ocorrências de 25 dados totais, por isso um percentual tão alto).

Visto isso, nossa hipótese sobre a variável ‘indivíduo’ não pode ser atestada. Sabíamos que haveria variação de um falante para outro nas escolhas das variantes, mas acreditávamos que a tendência manifestada na fala da grande maioria dos informantes seria a de utilizar frequências balanceadas de objeto nulo e objeto preenchido, com uma tendência um pouco mais acentuada para o apagamento. Ao contrário disso, a maioria dos indivíduos utiliza percentuais de SN superiores aos de objeto nulo.

Focamos nosso olhar a seguir para o objeto nulo. Para entender melhor os contextos sintáticos dos nulos que retomam SN e dos nulos que retomam sentença, começamos trazendo resultados percentuais da variável ‘forma de realização do constituinte retomado’, por década.

Tabela 11: Frequência de objeto nulo, segundo a variável ‘forma de realização do constituinte retomado’, nas décadas de 1990 e 2010.

Década	Década de 1990		Década de 2010	
Forma de realização do constituinte retomado	Apl/Total	%	Apl/Total	%
SN	159/371	42,9%	143/295	48,5%
Sentença	26/45	57,8%	24/46	52,2%
Total:	185/416	44,5%	167/341	49%

A Tabela 11 mostra que, na década de 1990, das 371 ocorrências com referente de SN, 159 (42,9%) eram de objeto nulo; das 45 ocorrências com referente de sentença, 26 (57,8%) eram de objetos nulos. Na década de 2010, das 295 ocorrências com referente de SN, 143 (48,5%) eram de objeto nulos; e das 46 ocorrências com referente de sentença, 24 (52,2%) eram de objeto nulo.

Apresentaremos nas próximas seções a separação que fizemos desses contextos, realizando rodadas estatísticas multivariadas, a fim de verificar se há diferença de comportamento das variáveis que condicionam o objeto nulo.

4.2 RESULTADOS DOS OBJETOS QUE RETOMAM SENTENÇA

Consideramos, para esta rodada estatística em que todos os dados retomam sentença, as variáveis: ‘forma verbal’²⁷, ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, ‘sexo’, ‘idade’, ‘escolaridade’, ‘década’ e ‘indivíduo’.

Foram computados 91 dados de objetos que retomam sentença, sendo 50 dados de objeto nulo (54,9%) e 41 dados de objeto preenchido (45,1%), como nos exemplos abaixo:

²⁷ Muitos fatores dessa variável foram amalgamados por conta de o programa estatístico ter acusado knockout. Consideramos, então, para a ‘forma verbal’ os fatores: i) indicativo, imperativo e subjuntivo simples; ii) gerúndio e particípio com locução; iii) infinitivo simples; iv) infinitivo com locução.

(84) Eu sei que ela frita o peixe, *que ela não bota aquele peixe cru*. Aí, esses dias ela tava explicando \emptyset lá pra minha prima, que daí a minha prima tava dizendo: “Ah, daí tu já bota esse peixe direto?”. Aí, ela assim: “Não, esse é o problema, porque daí solta muita água”. (MAS/JOV/SUP/2)

(85) Você não pode *dizer pra pessoa: “Já estás morta.”*
Isso não se faz. (MAS/JOV/FUND/9)

Os dois exemplos que trouxemos estão retomando uma sentença mencionada anteriormente em cada um dos discursos. O primeiro exemplo se trata de um objeto anafórico nulo e o segundo de um objeto anafórico preenchido com o pronome demonstrativo *isso*.

A distribuição dos dados por década está ilustrada na tabela a seguir.

Tabela 12: Frequências das variantes objeto nulo e objeto preenchido com referente de sentença, segundo a variável ‘década’.

Dados que retomam sentença	Objeto nulo		Objeto preenchido	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Década de 1990	26/45	57,8%	19/45	42,2%
Década de 2010	24/46	52,2%	22/46	47,8%
Total:	50/91	55%	41/91	45%

Como podemos observar, quando se trata do objeto anafórico acusativo que retoma sentença, o objeto nulo é o mais utilizado entre os informantes (57,8% e 52,2%).

Dentre os 42,2% de objetos preenchidos da década de 1990, o demonstrativo *isso* é a forma mais utilizada, chegando a 37,8%. Os sinônimos ou descrições definidas ficam apenas em 4,4%.

Basicamente a mesma diferença percentual se observa na década de 2010: dentre os 47,8% de objetos preenchidos, 41,3% são de demonstrativo *isso* e apenas 6,5% de sinônimos ou descrições definidas.

Nesta etapa em que consideramos os dados que retomam sentença, fizemos duas rodadas diferentes: i) rodada com os dados da década de 1990; ii) rodada com os dados da década de 2010²⁸.

Para a década de 1990, o Goldvarb não selecionou nenhuma variável como condicionadora do objeto nulo que retoma sentença²⁹. Já para a rodada da década de 2010, o programa estatístico selecionou como variáveis mais importantes a ‘escolaridade’ e a ‘idade dos informantes’. Trazemos esses resultados expostos nas tabelas seguintes, inclusive com os percentuais referentes à década de 1990, para podermos fazer uma comparação entre os dois períodos.

A Tabela 13 apresenta os resultados referentes à ‘escolaridade dos informantes’:

Tabela 13: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘escolaridade dos informantes’, nas décadas de 1990 e 2010.

Década	Década de 1990		Década de 2010		
Escolaridade dos informantes	Apl/ Total	%	Apl/ Total	%	Peso Relativo
Até 8 anos de escolaridade	19/29	65,5%	19/27	70,4%	0,68
Mais de 12 anos de escolaridade	7/16	43,8%	5/19	26,3%	0,24
Total:	26/45	57,8%	24/46	52,2%	--

Nossa expectativa em relação ao objeto nulo era a de que os resultados de nossas amostras apontariam para o uso dessa variante pelos informantes menos escolarizados. Com a leitura da tabela, podemos perceber que o objeto nulo é a variante escolhida pelos informantes menos escolarizados do *corpus* investigado, atestando nossa hipótese. Os pesos relativos da década de 2010 têm diferença considerável: os menos escolarizados têm 0,68 de peso relativo de objeto nulo, contra 0,24 para os mais escolarizados.

²⁸ Fizemos também uma rodada com todos os dados juntos, mas a variável ‘década’, que se fosse significativa apontaria provavelmente um caso de mudança em tempo real, não foi selecionada pelo programa estatístico. Por isso, optamos por apresentar os dados separados.

²⁹ Chegamos a redistribuir os amálgamas feitos nos grupos de fatores, mas mesmo assim, nenhuma variável foi selecionada.

A diferença entre os percentuais referentes à década de 1990 não é tão significativa, mas mesmo assim conseguimos verificar a preferência dos menos escolarizados pelo apagamento do objeto, com 65,5% de frequência (contra 43,8% para os mais escolarizados), mantendo-se o mesmo padrão de uso.

Passamos a seguir a falar sobre a variável ‘idade dos informantes’, variável também importante para a ocorrência de objeto nulo com referente de sentença.

Tabela 14: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘idade dos informantes’, nas décadas de 1990 e 2010.

Década	Década de 1990		Década de 2010		
Idade	Apl/ Total	%	Apl/ Total	%	Peso Relativo
Mais de 50 anos	9/17	52,9%	4/14	28,6%	0,26
Menos de 50 anos	17/28	60,7%	20/32	62,5%	0,61
Total:	26/45	57,8%	24/46	52,2%	--

Esperávamos encontrar maiores frequências de objeto nulo na fala dos indivíduos mais jovens do que na fala dos mais velhos das duas amostras investigadas, e foi o que ocorreu, conforme podemos observar nos resultados expostos na tabela.

Na década de 2010, o objeto nulo com referente de sentença tem peso relativo de 0,61 para os falantes com menos de 50 anos, contra 0,26 de peso relativo para os mais velhos. Nossos resultados parecem corroborar o que apontam Paiva e Duarte (2003; 2006), conforme citamos no capítulo I deste trabalho: os falantes mais jovens estão utilizando mais a variante inovadora do que os mais velhos, que preferem conservar os objetos preenchidos (principalmente o pronome demonstrativo *isso*). A partir desses resultados da década de 2010, podemos apontar um indício de mudança em tempo aparente na fala de Florianópolis, do *corpus* investigado, em relação ao objeto anafórico acusativo nulo com referente de sentença.

Sobre a década de 1990, a diferença entre os percentuais não é tão grande, mas conseguimos perceber assim mesmo a preferência dos mais jovens pelo objeto nulo (percentual de 60,7%). É muito provável que a variável ‘idade’ não tenha sido significativa em 1990 por conta da alta ocorrência de objeto nulo também na fala dos mais velhos (52,9%).

Embora nenhuma variável intralinguística tenha sido selecionada em nosso trabalho, como condicionadora para a ocorrência de objeto nulo que retoma sentença³⁰, gostaríamos de chamar atenção para a variável ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, pois foi importante nas discussões de trabalhos anteriores.

Tabela 15: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, nas décadas de 1990 e 2010.

Década	Década de 1990		Década de 2010	
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Verbos com 1 complemento	20/36	55,6%	15/33	45,5%
Estruturas complexas	6/9	66,7%	9/13	69,2%
Total:	26/45	57,8%	24/46	52,2%

Esperávamos que as estruturas mais simples, em que o verbo tem apenas um complemento, seriam as grandes influenciadoras do objeto nulo, enquanto as estruturas complexas condicionariam o preenchimento do objeto (cf. DUARTE, 1986; 1989; MARAFONI, 2004). Na verdade, nossos resultados percentuais apontam para o contrário da hipótese das autoras: as estruturas complexas é que estão influenciando o uso do objeto nulo que retoma sentença nas duas décadas.

Os percentuais de objeto nulo em estruturas são de 66,7% e 69,2%, nas décadas de 1990 e 2010, respectivamente. Já as estruturas de verbos com um complemento alcançam 55,6% em 1990 e 45,5% em 2010. Alguns exemplos dessas estruturas:

Verbos com um complemento:

(86) E tu gostas de *ir no shopping*?

Gosto.

Gostas?

Mesmo que seja só pra olhar vitrine, adoro \emptyset . (FEM/JOV/SUP/9)

³⁰ No apêndice deste trabalho, elencamos tabelas com os resultados das variáveis que não foram selecionadas como condicionadoras do objeto nulo.

(87) Tipo assim, tinha que *ir pra uma lista de espera*, né? Mas, ela não queria \emptyset , porque também ela não queria dar [as crianças] pra outra pessoa, queria dar pra mim. (FEM/JOV/FUND/2)

Esses dois exemplos mostram objetos diretos que estão inseridos em estruturas simples, em que os verbos pedem apenas um complemento para ter sentido completo (adorar ____; querer ____).

Estruturas complexas:

(88) As figurinhas que tinham, eu *cortava as figurinhas todas*. Achava \emptyset lindo. (FEM/JOV/FUND/9)

(89) Eu aprendi *a fazer bordado*. Minha vó me ensinou \emptyset . (FEM/VEL/FUND/2)

Em (88) e (89), os objetos nulos estão inseridos em estruturas complexas. No primeiro caso, há o verbo *achar*, que pede como complemento um objeto direto e é seguido por um predicativo do objeto, [lindo]. No segundo caso, o verbo *ensinar* está exigindo dois complementos: ‘para quem é ensinado’ (me) e ‘o que é ensinado’ (fazer bordado).

Falaremos um pouco mais sobre essa variável na próxima seção, quando tratarmos dos dados que retomam SN.

4.3 RESULTADOS DOS OBJETOS QUE RETOMAM SN

Consideramos, nesta etapa, somente as ocorrências de SN como referente, deixando de lado os referentes sentenciais. Fizemos essa exclusão para verificarmos o comportamento de todas as variáveis, inclusive das que diziam respeito somente aos dados que retomavam SN, como a ‘função sintática’, a ‘animacidade’, a ‘especificidade’ e a ‘topicalização’ do constituinte retomado.

Foram computados 666 dados no total, sendo 302 dados de objeto nulo (45,3%) e 364 dados de objeto preenchido (54,7%), como nos exemplos que seguem:

(90) E *aquela [revista] Ciência Hoje?* Eu lembro que tinha...

É, de vez em quando vem algumas assim, esporadicamente. Mas que a gente tem assinatura, não. De vez em quando, alguém manda *ø* pra nós aqui, manda *ø* pra direção e a direção manda subir .

(91) Você tinha *moto de trilha*, então?

Tinha. Quando eu fiz... eu sempre tive. Desde pequeno assim, quando eu tinha doze, treze anos eu já tinha. Daí, quando eu fiz dezoito, a gente precisa tirar a carteira [...] Aí, vendi **ela**, tirei minha carteira, comprei uma moto. (MASC/JOV/FUND/2)

Esses dois exemplos retomam SNs citados anteriormente, em cada um dos discursos. No primeiro caso, o objeto anafórico é nulo e, no segundo, o objeto anafórico está preenchido pelo pronome reto [**ela**].

A distribuição dos dados por década está ilustrada na Tabela 16, a seguir.

Tabela 16: Frequências das variantes objeto nulo e objeto preenchido com referente de SN, segundo a variável ‘década’.

Dados que retomam SN	Objeto nulo		Objeto preenchido	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Década de 1990	159/371	42,9%	212/371	57,1%
Década de 2010	143/295	48,5%	152/295	51,5%
Total:	302/666	45%	364/666	55%

Quando se trata do objeto anafórico acusativo que retoma SN, podemos observar que a frequência de objeto nulo (que tem seus índices em 42,9% e 48,5%) perde para a de preenchimento.

Dentre os 57,1% de objetos preenchidos da década de 1990, o SN é a forma mais utilizada, chegando a 54,7%. O pronome reto fica apenas em 2,4%.

Na década de 2010, dentre os 51,5% de objetos preenchidos, 47,4% são de SN, 3,8% de pronome reto e apenas 0,3% de pronome clítico.

Nesta etapa em que consideramos apenas os dados que retomam SN, também fizemos duas rodadas diferentes: i) rodada com os dados da década de 1990; ii) rodada com os dados da década de 2010³¹.

Para a década de 1990, o Goldvarb selecionou duas variáveis como condicionadoras do objeto nulo: ‘função sintática do constituinte retomado’ e ‘animacidade do constituinte retomado’.

Já para a década de 2010, as variáveis selecionadas foram ‘função sintática do constituinte retomado’ e ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’.

Na tabela a seguir, observamos os resultados relativos à ‘função sintática do constituinte retomado’ das duas décadas.

Tabela 17: Frequência de objeto nulo com referente SN, segundo a variável ‘função sintática do constituinte retomado’, nas décadas de 1990 e 2010.

Década	Década de 1990			Década de 2010		
	Apl/Total	%	PR	Apl/Total	%	PR
Função sintática do constituinte retomado						
Diferente da função de objeto direto	101/167	60,5%	0,68	85/150	56,7%	0,57
Igual à função de objeto direto	58/204	28,4%	0,34	58/145	40%	0,42
Total:	159/371	42,9%	--	143/295	48,5%	---

Acreditávamos que houvesse ocorrência de objeto nulo com antecedente que tivesse função sintática diferente da de objeto direto, mas essa frequência seria menor do que a dos nulos que estivessem retomando objeto direto. Não atestamos, portanto, a nossa hipótese, considerando que função sintática diferente tem um alto peso relativo em 1990 (0,68) e em 2010 (0,57), como podemos observar na Tabela 17.

Essa mesma distribuição dos resultados se deu no estudo piloto que havíamos feito somente com a amostra da década de 1990. A função sintática igual à função de objeto direto teve o menor peso relativo comparado aos outros fatores (0,45). O objeto indireto foi o grande

³¹ Novamente, optamos por apresentar os dados separados por década, pois na rodada em que todos os dados estavam juntos, a variável ‘década’ (que, se fosse significativa, apontaria provavelmente uma mudança em tempo real) não foi selecionada pelo programa estatístico.

influenciador do objeto nulo, com 0,63 de PR; o sujeito teve 0,60 de PR; e, outros fatores amalgamados (vocativo, complemento nominal, adjuntos adnominal e adverbial, predicativo e oração) tiveram 0,53 de peso relativo para o objeto nulo.

No estudo de Marafoni (2004), nas duas amostras de fala, das décadas de 1980 e 2000, a função sintática igual à função do objeto direto é uma grande condicionadora do objeto nulo. Porém, a autora ressalta que a função sintática diferente possui um aumento do peso relativo de uma década para a outra, o que significa que o objeto nulo ganha terreno também quando seu antecedente exerce função sintática diferente da de objeto direto – o que também se observa em nossos resultados das duas décadas.

Segundo nossos resultados, parece que o uso de objeto nulo está se expandindo também para contextos em que os referentes não possuem função sintática de objeto direto. Pretendemos continuar a investigação desta variável em trabalhos futuros com o objetivo de buscarmos respostas mais concretas para essa diferença entre os nossos resultados e os de trabalhos anteriores.

Seguem exemplos de nossa amostra:

Função sintática diferente da função de objeto direto

(92) *Esse creme é pra comer sozinho?*

Não, não. Tu usas \emptyset pra, pra aves, comer \emptyset com galinha, né? Tu Colocas \emptyset , assim, por cima, fica bem gostoso. (FEM/JOV/FUND/9)

(93) *Era difícil eu gostar de alguma matéria.*

Não gostava?

É porque era difícil eu aprender \emptyset , quando eu aprendia \emptyset , eu gostava. (MAS/JOV/FUND/2)

O constituinte retomado em (92) está exercendo a função de sujeito da sentença [*esse creme*], ou seja, sua função é diferente da função de objeto direto. Em (93), o referente também é diferente de objeto direto. Trata-se, nesse caso, de um objeto indireto do verbo *gostar* [*de alguma matéria*].

Função sintática igual à função de objeto direto

(94) *Eu, inclusive, comecei engenharia mecânica, fiz \emptyset dois anos, parei \emptyset porque aqui em Florianópolis na época não tinha engenharia civil. (MAS/VEL/SUP/9)*

(95) Ah, essa adoção é porque eu sempre quis ter *uma filha* [...] E daí apareceu, assim, eu tinha uma pessoa que não tinha como criar e perguntou pra mim, né? (FEM/JOV/FUND/2)

Tanto [*engenharia mecânica*], como [*uma filha*] são constituintes retomados que exercem a função sintática de objeto direto de suas sentenças, ou seja, exercem a mesma função do objeto anafórico que está sendo analisado neste trabalho. No primeiro caso, o constituinte retomado é objeto direto do verbo *começar* e, no segundo, objeto direto do verbo *criar*.

Vejamos agora os resultados sobre a ‘animacidade do constituinte retomado’. Essa variável foi selecionada apenas na década de 1990, mas trouxemos também os percentuais da década de 2010, a fim de comparação.

Tabela 18: Frequência de objeto nulo com referente SN, segundo a variável ‘animacidade do constituinte retomado’, nas décadas de 1990 e 2010.

Década	Década de 1990			Década de 2010	
Animacidade do constituinte retomado	Apl/Total	%	PR	Apl/Total	%
[+ animado]	19/52	36,5%	0,35	45/84	53,6%
[- animado]	140/319	43,9%	0,52	98/211	46,4%
Total:	159/371	42,9%	--	143/295	48,5%

Nossa hipótese era a de que referentes [- animado] influenciariam em peso a ocorrência de objetos anafóricos acusativos nulos.

Sobre a década de 2010, os percentuais apontados na tabela estão muito próximos. Há um leve favorecimento ao objeto nulo quando os referentes são [+ animado] (53,6%), o que contrariaria nossas expectativas.

Já para a década de 1990, a tabela mostra que o objeto nulo é favorecido principalmente quando o referente é [- animado], com 0,52 de peso relativo, atestando a nossa hipótese. O traço [+ animado] influencia o preenchimento do objeto direto (com 0,35 de PR para os objetos nulos).

Esses resultados da década de 1990 corroboram estudos anteriores. Omena (1978), por exemplo, constatou a grande influência de referentes inanimados na ocorrência de objeto nulo. Duarte (1986; 1989) atestou que o traço [- animado] favorece o apagamento do objeto,

independentemente da estrutura sintática em que se encontra a sentença. Cyrino (1997) mostrou que, desde o século XVI, já havia objeto nulo na escrita do PB quando o antecedente era [+ específico/referencial, - animado]. Marafoni (2004) constatou que o traço [- animado] do antecedente condiciona o uso do nulo em sua amostra do ano 2000. Oliveira (2007) apontou que o uso do clítico acusativo e do pronome tônico estaria sendo condicionado pelo traço [+animado, +específico/referencial] de seu antecedente, enquanto o uso do objeto nulo e do SN anafórico estaria sendo condicionado pelo traço [-animado, +específico/referencial] de seu referente. Pereira (2011) mostrou que o objeto nulo é utilizado para se referir a antecedentes [-animado]. Por fim, Costa (2011) mostrou a grande influência dos referentes [- animado] para a ocorrência de objeto nulo nos dados do PB dos séculos XIX e XX.

Alguns exemplos de nossa amostra:

Referente [- animado]

(96) Queria que lesse outras coisas, já que eu gostava de ler e que lesse *alguns livrinhos*, né, *infantis*. Comprava \emptyset . (FEM/JOV/FUND/9)

O objeto nulo de [comprava \emptyset] está retomando o SN [*alguns livrinhos infantis*] que tem o traço [- animado].

Referente [+ animado]

(97) Eu peguei o bonde a burro ainda. (inint) Os estudantes pegaram *o burro*, jogaram \emptyset lá dentro do mar. (MAS/VEL/FUND/9)

Nesse exemplo, o objeto nulo de [jogaram \emptyset lá dentro do mar] está retomando o SN [*o burro*] que tem o traço [+ animado].

Ainda sobre a ‘animacidade’, acreditávamos que os referentes [+animado] estariam influenciando os usos de pronomes retos e pronomes clíticos em nosso *corpus*. Para verificar se podemos ou não atestar essa hipótese, trazemos resultados sobre as frequências de nossas variantes, segundo a variável ‘animacidade do constituinte retomado’, na década de 1990:

Tabela 19: Frequências das variantes com referente SN, segundo a variável ‘animacidade do constituinte retomado’, na década de 1990.

Forma de (não) realização do objeto	Objeto nulo		Pronome reto		Pronome clítico		SN	
Animaci-Dade Década de 1990	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%	Apl/Tot	%
[+ animado]	19/52	36,5%	9/52	17,3%	Sem dados	--	24/52	46,2%
[- animado]	140/319	43,9%	0/319	0%	Sem dados	--	179/319	56,1%
Total:	159/371	42,9%	9/371	2,4%	0/371	0%	203/371	54,7%

Como podemos observar, em nossa *Amostra 1990*, o objeto nulo e o SN ocorrem mais quando o referente tem o traço [- animado]. Já o pronome reto ocorre categoricamente quando o referente tem o traço [+animado].

Não podemos atestar o mesmo resultado para os pronomes clíticos, pois a única ocorrência dessa variante em todo o nosso *corpus* estava na *Amostra 2010*, como já mostramos. Mesmo assim, esse dado retomava um referente [+ animado].

Esses resultados, portanto, estão indo em direção à nossa hipótese de que os pronomes clíticos e retos de nosso *corpus* retomariam principalmente referentes [+ animado], opondo-se assim à variante objeto nulo, que retoma preferencialmente referentes [- animado].

Observamos a seguir os resultados estatísticos relativos à variável ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’. Essa variável foi selecionada como sendo importante para a ocorrência de objeto nulo na década de 2010 apenas, mas trouxemos também os percentuais da década de 1990 para podermos comparar os resultados.

Nossa hipótese para essa variável, baseada nos estudos de Duarte (1986; 1989) e Marafoni (2004), era a de que tanto estruturas mais simples de verbos com um complemento, como estruturas de verbos com dois complementos teriam grande influência para a ocorrência de objeto nulo. Já as estruturas complexas teriam seus objetos mais preenchidos, preferencialmente com pronome reto.

Tabela 20: Frequência de objeto nulo com referente SN, segundo a variável ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, nas décadas de 1990 e 2010.

Década	Década de 1990		Década de 2010		
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo	Apl/Total	%	Apl/Total	%	PR
Verbos com 1 complemento	139/326	42,6%	96/219	43,8%	0,45
Verbos com 2 complementos	14/36	38,9%	32/55	58,2%	0,58
Estruturas complexas	6/9	66,7%	15/21	71,4%	0,69
Total:	159/371	42,9%	143/295	48,5%	--

O único ponto de nossa hipótese que pode ser atestado é em relação às estruturas de verbos com dois complementos na década de 2010, conforme os exemplos em (98) e (99) ilustram. O objeto nulo nesse contexto apresenta 0,58 de peso relativo, corroborando resultados de estudos anteriores.

(98) Aí, aquilo foi me deixando assim, angustiada, porque daí, quando *a menina* ia embora, o meu marido e os meus filho ficavam chorando e eu também. Daí, ela saía final de semana com nós, a gente botava \emptyset no carro, botava \emptyset na cadeirinha, levava carro, abria carro, como se fosse nossa. Sabe assim? (FEM/JOV/FUND/2)

(99) Ah, a gente tinha mania de fazer *morcego* e pendurar \emptyset no fio, jogar no fio, pra assustar as mulheres. (FEM/JOV/SUP/2)

Nos dois exemplos acima, os objetos anafóricos acusativos nulos estão inseridos em estruturas de verbos que pedem dois complementos para terem sentido completo (botar _____, _____; pendurar _____, _____). Em (98), os verbos *botar* pedem objeto direto – que neste caso são nulos –, além dos complementos circunstanciais [no carro] e [na cadeirinha]. Em (99), o verbo *pendurar* exige dois complementos, ‘o que é pendurado’ e ‘onde esse “o que” é pendurado’. Neste exemplo, o primeiro complemento está representado pelo objeto nulo e o segundo complemento, por [no fio].

Sobre as estruturas de verbos com um complemento, realmente não esperávamos que a ocorrência de objeto nulo tivesse o menor peso relativo (0,45) dos três fatores, na década de 2010 (em 1990, seu percentual foi o segundo menor, em 42,6%). Pensávamos, na verdade,

que essas fossem as grandes influenciadoras do objeto nulo, conforme atestaram os trabalhos de Duarte (1986; 1989) e Marafoni (2004).

Seguem exemplos de nosso *corpus* com estruturas de verbos de um complemento:

(100) Porque eu, na época, trabalhava na receita federal. E a gente tinha, eu no caso, fazia parte *da associação do ministério da fazenda*, que era lá na Lagoa, não sei se vocês conhece Ø, chama-se ACEFAZ. (MAS/VEL/FUND/2)

(101) Gosta de ir ao cinema?

A *minha mulher* gosta muito, mas eu acompanho Ø. (MAS/VEL/SUP/9)

Os verbos *conhecer* e *acompanhar* pedem apenas um complemento: um objeto direto. No caso do primeiro exemplo, o objeto direto é um nulo que está retomando o SN [*da associação do ministério da fazenda*]. No segundo exemplo, o objeto anafórico acusativo também é nulo e está retomando o SN [*a minha mulher*].

Em relação às estruturas complexas, imaginávamos que fossem as menos condicionadoras do apagamento do objeto em nossos resultados, seguindo as hipóteses das autoras, mas foi ao contrário: essas estruturas influenciam o uso de objeto nulo em 0,69 de peso relativo em 2010 e percentual de 66,7% em 1990. Os exemplos de nosso *corpus* estão a seguir:

(102) Não gostava de *livro de história infantil*. Sempre achava Ø muito tolo. (FEM/JOV/FUND/9)

(103) Sabe como é que são *esses funcionários*, né, gente? Essa, essa qualidade, são pessoas que não estudaram muito, então tem que ensinar Ø a falar, ensinar Ø a atender às pessoas, ensinar Ø a ser educado, tudo isso ele faz. (FEM/VEL/SUP/2)

Esses dois casos tratam de estruturas complexas. Em (102), o verbo *achar* é complementado pelo objeto nulo, seguido pelo predicativo do objeto [muito tolo]. Em (103), os verbos *ensinar* pedem os complementos ‘quem é ensinado’ (objeto direto nulo) e ‘o que é ensinado’ (neste caso representado por objetos indiretos oracionais).

Cremos que o resultado das estruturas complexas tenha sido influenciado por termos retirado da rodada estatística os seis seguintes

dados, em que o verbo era transitivo direto e o objeto retomava um SN simples, seguido de gerúndio ou infinitivo:

(104) Queria falar igual ao *Pato Donald*. Queria imitar ele falando, mas não dava certo. (FEM/JOV/FUND/9)

(105) E daí a minha mãe falava assim: “não, mas *a tua vó* fez coisas incríveis” assim, porque a minha mãe viu ela curando uma série de coisas, viu ela fazendo uma série de coisas. (MAS/JOV/SUP/2)

(106) E daí, *o pessoal ali do Monte Cristo, Chico Mendes*, eles vêm pra essa nossa praia aqui, que essas nossas praias hoje são nossa paisagem.

Só pra admirar.

É, admirar o pôr do sol. E eles não. Verão, eles já vêm de manhã, passam grande parte do dia ali e voltam à noite. Então, se tu for comprar pão, dependendo do horário, tu vê eles, ou indo ou voltando né, então é um fluxo dessas pessoas. (MAS/JOV/SUP/2)

(107) A *Taís*, eu ajudei muito, porque ela foi pra creche pequeninha, pro berçário. E os pais vieram chorando. Eu tava me aposentando, “ah mas eu tenho tempo, deixa ela ficar comigo uns tempinho, até ela ficar maiorzinha”, danada! (FEM/VEL/SUP/2)

(108) Só o meu tio tem *quatorze filhos*, hoje. Tu Imaginas! Então, na época, eram muito pequeninhos ou nem existiam alguns, né? Então, só a minha mãe que teve *quatro*. Então, imagina isso tudo passando as férias na casa do avô! (FEM/JOV/FUND/9)

Conforme já mencionamos, preferimos retirá-los de nossa investigação, pois esses dados eram os únicos que se mostraram categoricamente preenchidos, ficando ‘estranha’ a covariação com o objeto nulo, indo na contramão dos nossos critérios de seleção das ocorrências para este trabalho. Já as autoras que serviram de base a este trabalho, pelo que pudemos perceber, preferiram considerar dados desse tipo em suas análises.

Se esses seis dados tivessem sido computados em nosso trabalho, o percentual de estruturas complexas com objeto nulo cairia para 55,5% e, junto com ele, talvez também o peso relativo caísse. Quem sabe também seja por conta desses dados que ocorreu o resultado inesperado relacionado às estruturas com um complemento verbal. Entretanto, acreditamos que essa hipótese precisa ser revista. Cremos que os resultados estatísticos ficariam mais confiáveis se realmente não fossem

considerados dados desse tipo, em que há uma sobreposição de funções sintáticas atribuídas ao objeto (ao mesmo tempo em que são objetos diretos, são sujeitos das orações que seguem no gerúndio ou infinitivo). Gostaríamos de voltar a investigar essa variável no futuro, a fim de buscarmos respostas mais concretas a essas dúvidas.

4.4 O QUE DIZEM OS RESULTADOS - RETOMADA DAS HIPÓTESES E RESUMO DO CAPÍTULO

Nesta seção, vamos retomar hipóteses deste estudo, resumindo os resultados de nossas rodadas e, em seguida, complementando-os com resultados revelados por intermédio de cruzamentos entre algumas variáveis sociais.

Conforme mostramos nos Gráficos 1 e 2, nossas expectativas sobre a distribuição das variantes não foram totalmente atestadas. Tivemos em nossos resultados 53,5% de objetos preenchidos e 46,5% de objetos nulos, ou seja, uma tendência um pouco mais acentuada para os objetos preenchidos, ao contrário de nossa hipótese.

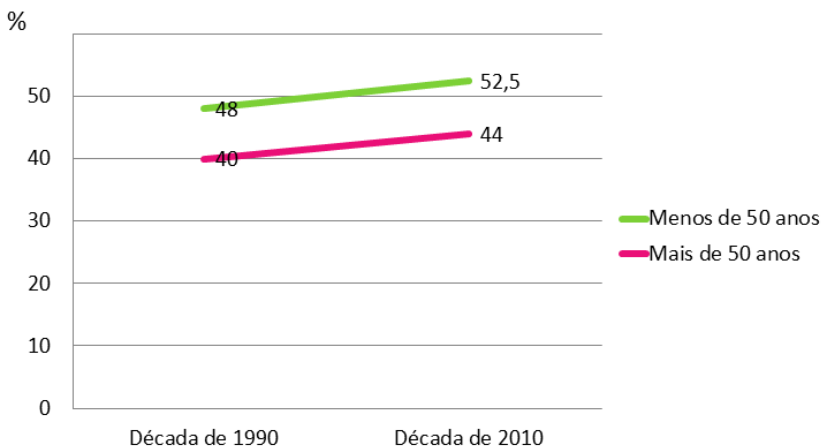
Sobre o preenchimento, encontramos uma frequência maior de pronome reto (2,7%) do que de pronome clítico (0,1%), o que já era esperado. Acreditávamos também na grande frequência de SN, que chegou a 50,7%, apontando para um quase equilíbrio entre objetos nulos e SNs, considerando os dados combinados de nossas duas amostras. Por fim, a esperada hierarquia em relação às frequências das variantes foi parcialmente atestada por conta do índice de objeto nulo. Se focarmos no preenchimento, observamos que a sequência percentual esperada se confirmou: SN (50,7%) > Pronome reto (2,7%) > Pronome clítico (0,1%).

Em relação à forma nula do objeto, atestamos (com o Gráfico 4) maior frequência de objetos nulos de SN do que de objeto nulo de sentença: dos 45,5% de objetos nulos totais do *corpus* analisado, 39,9% retomavam SN e 6,6% retomavam sentença.

Como os resultados estatísticos das rodadas multivariadas apontaram, o objeto nulo de nosso *corpus* é mais frequente na fala de informantes mais jovens e menos escolarizados quando o seu referente é sentencial. Nos dados com referente de SN, o objeto nulo ocorre mais quando está em uma estrutura complexa, quando seu referente tem função sintática diferente da de objeto direto e possui o traço [-animado].

Nossos resultados parecem apontar dois indicativos de mudança: mudança em tempo aparente e mudança em tempo real, quando fazemos uma leitura vertical e uma leitura horizontal dos resultados percentuais expostos no Gráfico 6, a seguir.

Gráfico 6: Frequências de objeto nulo com referente de SN e sentença, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.

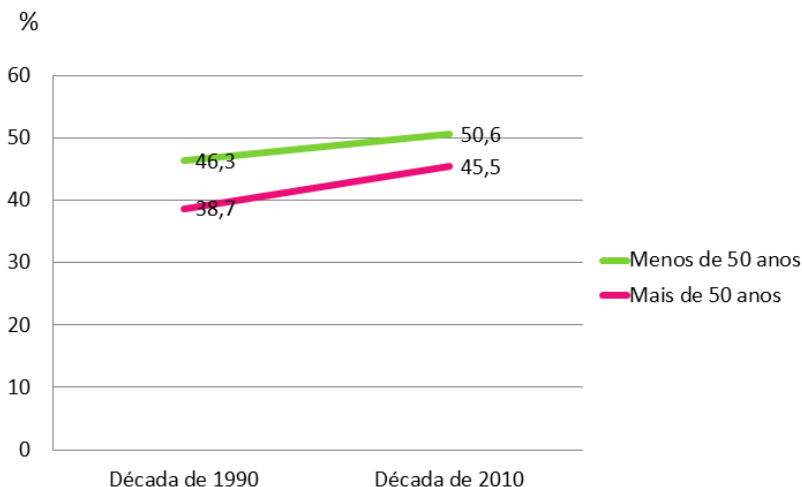


Uma leitura vertical nos aponta indícios de mudança em tempo aparente, em cada uma das décadas, comparando a frequência de objeto nulo (tanto de SN como de sentença) entre as faixas etárias que controlamos. Os jovens se utilizam do objeto nulo com mais frequência do que os informantes com mais de 50 anos. *Na Amostra 1990*, os jovens apresentam um percentual de 48% de objeto nulo, enquanto os mais velhos têm 40% dessa variante. E, *na Amostra 2010*, o percentual fica na faixa de 52,5% de objeto nulo para os jovens e 44% para os mais velhos.

Já a leitura horizontal do mesmo gráfico aponta indícios de mudança em tempo real, ao verificarmos a transição de nossa variante objeto nulo de uma década para a outra. Esses índices parecem indicar a implementação, mesmo que lenta, dessa variante inovadora na fala de Florianópolis.

Para complementar esse resultado, nos Gráficos 7 e 8 a seguir, destacamos separadamente as frequências dos objetos nulos com referente de SN e de sentença. No primeiro caso, observamos os resultados do referente de SN e no segundo, resultados do referente de sentença, considerando o cruzamento das mesmas variáveis: ‘idade’ e ‘década’.

Gráfico 7: Frequências de objeto nulo com referente de SN, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.



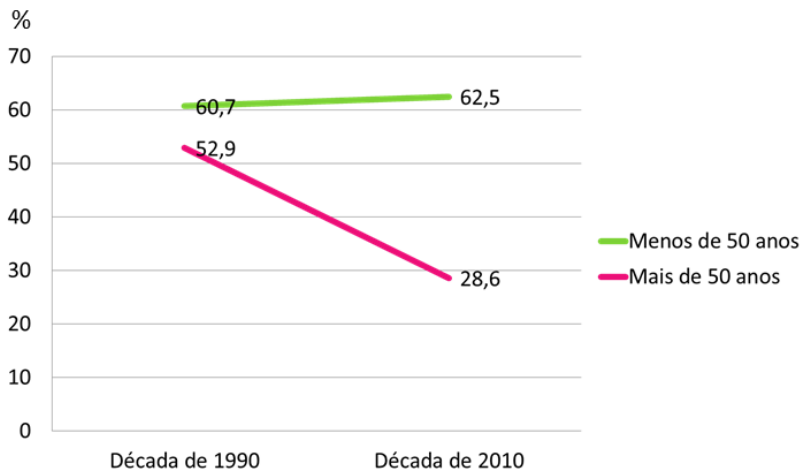
Percebemos, com o Gráfico 7, que os objetos nulos de SN estão se implementando na fala dos informantes de Florianópolis com o tempo. É possível verificar um leve aumento de nulo de SN nas duas faixas etárias de uma década para a outra (com a leitura horizontal do gráfico). Além disso, é possível perceber um aumento da variante entre as faixas etárias, com os jovens das duas décadas utilizando mais objeto nulo de SN do que os mais velhos (com a leitura vertical do gráfico).

Em relação ao objeto nulo de sentença, fazendo a leitura vertical do Gráfico 8 a seguir, percebemos que, em cada uma das décadas, os jovens se utilizam com maior frequência do apagamento do objeto com referentes de sentença (em comparação com os mais velhos), assim como nos resultados de objeto nulo de SN.

Entretanto, quando fazemos a leitura horizontal, percebemos que a transição em tempo real aponta para uma estabilidade de uso entre os

indivíduos mais jovens e uma queda brusca de sua frequência entre os falantes mais velhos.

Gráfico 8: Frequências de objeto nulo com referente de sentença, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.



Buscando investigar o motivo dessa queda de objeto nulo de sentença entre os informantes mais velhos, verificamos as frequências deste caso em cada indivíduo de nossas amostras, a fim de realizarmos uma análise mais refinada.

Tabela 21: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo a variável ‘indivíduo’.

Indivíduos	Objeto com referente de sentença	
	Apl/Total	%
FEM/JOV/FUND/9	10/12	83%
MAS/JOV/FUND/9	3/7	43%
FEM/VEL/FUND/9	4/7	57%
MAS/VEL/FUND/9	2/3	67%
FEM/JOV/SUP/9	4/7	57%
MAS/JOV/SUP/9	0/2	0%
FEM/VEL/SUP/9	1/3	33%
MAS/VEL/SUP/9	2/4	50%
FEM/JOV/FUND/2	9/11	82%
MAS/JOV/FUND/2	6/9	67%
FEM/VEL/FUND/2	3/6	50%
MAS/VEL/FUND/2	1/1	100%
FEM/JOV/SUP/2	0/2	0%
MAS/JOV/SUP/2	5/10	50%
FEM/VEL/SUP/2	0/3	0%
MAS/VEL/SUP/2	0/4	0%
Total:	50/91	55%

Quando se retoma sentença, percebemos que cinco dos 16 indivíduos são categóricos em relação à escolha das variantes do objeto anafórico acusativo (nulo ou preenchido), a saber:

Década de 1990

- Um homem, jovem, mais escolarizado, apresenta percentual de objeto nulo de sentença em 0%; ou seja, os dois dados com referente de sentença que ele pronunciou eram preenchidos.

Década de 2010

- Um homem, mais velho, menos escolarizado, apresenta 100% de objeto nulo de sentença. O único dado de objeto com referente de sentença que coletamos em sua entrevista era nulo.

- Uma mulher, jovem, mais escolarizada, não utiliza objeto nulo de sentença: os dois dados com referente de sentença que ela pronunciou eram preenchidos.

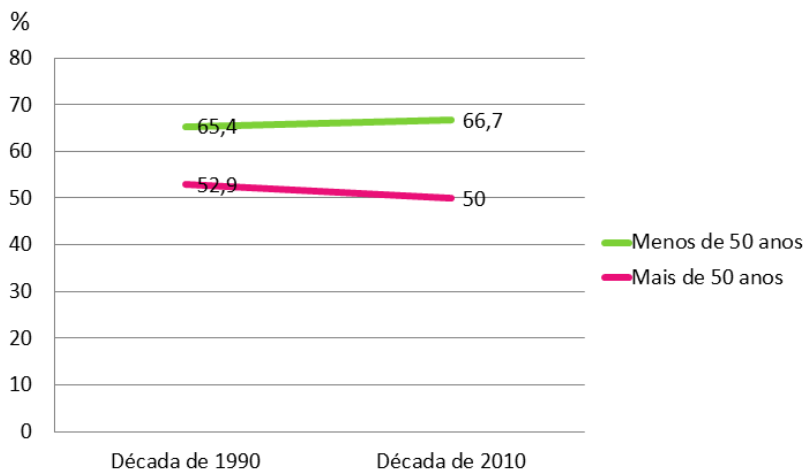
- Uma mulher, mais velha, mais escolarizada, não utiliza objeto nulo de sentença; ou seja, os três dados com referente de sentença que coletamos eram preenchidos.

- Um homem, mais velho, mais escolarizado, também não utiliza objeto nulo de sentença: todos os quatro dados com referente de sentença que ele pronunciou eram preenchidos.

Visto isso, optamos por retirar dos gráficos apresentados a seguir esses cinco indivíduos categóricos, com vistas a uma análise mais refinada dos resultados.

No Gráfico 9, apresentamos os novos resultados para visualizarmos os índices de objeto nulo de sentença, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.

Gráfico 9: Frequências de objeto nulo com referente de sentença, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’.



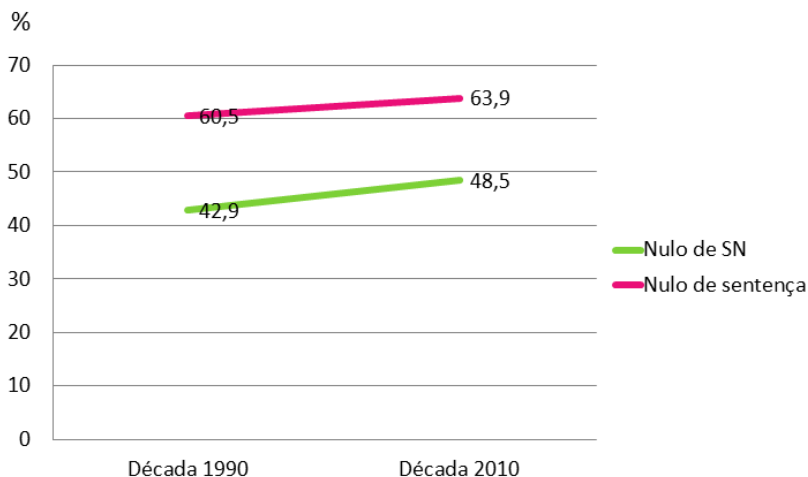
Como podemos verificar, na leitura vertical do gráfico, a mesma tendência que havíamos apresentado é observada: os informantes mais jovens das duas décadas (1990 e 2010) preferem utilizar o objeto nulo

com maior frequência. A diferença entre as faixas etárias nesse caso passa dos 10% nos dois períodos investigados.

Quando verificamos os resultados horizontalmente, em tempo real, percebemos estabilidade de uso do objeto nulo de sentença nas duas faixas etárias. A queda verificada na fala dos informantes mais velhos nessa análise mais refinada se mostra bem mais sutil do que a que apresentamos no gráfico anterior, apontando estabilidade de uso do objeto nulo. Já os informantes mais novos apresentam índices de um aumento sutil, o que também aponta para estabilidade de uso.

Ainda relacionado à transição de nossa variante objeto nulo no decorrer do tempo, tínhamos a expectativa de encontrar mais objetos nulos de SN na *Amostra 2010* do que na *Amostra 1990*, considerando que esta é uma variante nova, se comparada à elipse de sentença que já aparece na língua há séculos.

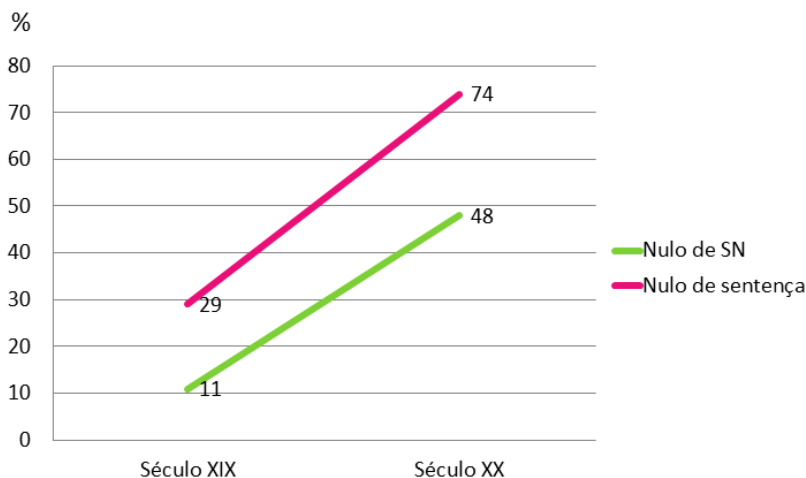
Gráfico 10: Frequências de objeto nulo de SN e de nulo de sentença, segundo a variável ‘década’.



Nossa hipótese pode ser atestada, pois há um leve aumento, de 5,6%, de objeto nulo que retoma SN de uma década para a outra.

Esses resultados nos levam ao trabalho de Costa (2011), em que a autora encontrou um aumento significativo de apagamento do objeto direto do século XIX para o XX, na análise de peças teatrais de Florianópolis, conforme aponta o Gráfico 11.

Gráfico 11: Frequências de objeto nulo de SN e de nulo de sentença em peças teatrais de Florianópolis, segundo a variável ‘século’.

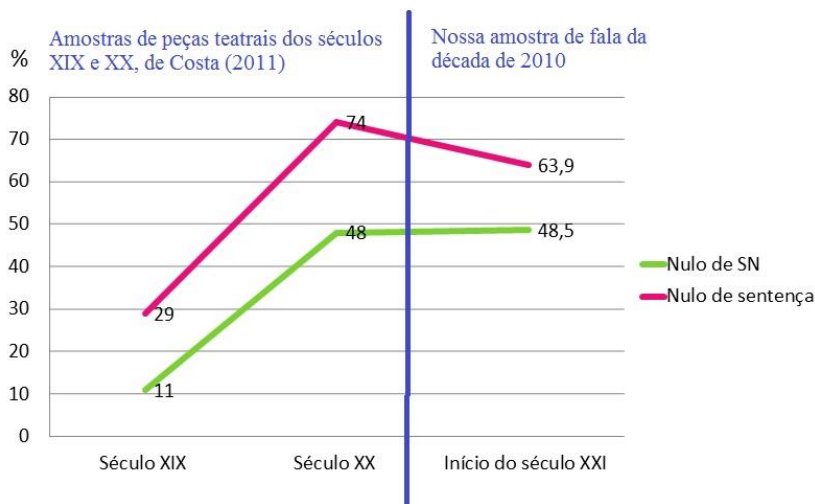


Fonte: Adaptado de Costa (2011, p. 198).

Costa constata em seus dados que, embora o referente de sentença seja favorecedor do objeto nulo, na transição do século XIX para o XX os objetos nulos de SN também tenderam ao apagamento. No século XX, com 48%, os objetos nulos de SN chegaram a mais do que o quádruplo do percentual que havia sido revelado no século XIX (11%). Sobre o objeto nulo de sentença, de um século para o outro, seu percentual quase triplicou: no século XIX era de 29% e passou a 74% no século XX.

Fizemos um cruzamento um tanto inusitado, comparando os nossos resultados de fala do início do século XXI (década de 2010) com os resultados de peças teatrais dos séculos XIX e XX (trazidos por Costa) sobre os tipos de objeto nulo em Florianópolis, a fim de visualizarmos melhor essa trajetória. Acreditamos ser possível essa comparação (mesmo o *corpus* da autora sendo de escrita), pois se tratam de peças teatrais em que há uma relação bem próxima entre os diálogos dos personagens e a língua falada, afinal peças de teatro são consideradas textos escritos para serem falados/encenados. De qualquer forma, a leitura desses resultados deve ser feita com certa ressalva.

Gráfico 12: Frequências de objeto nulo de SN e nulo de sentença em peças teatrais dos séculos XIX e XX e na fala do início do século XXI de Florianópolis, segundo a variável ‘século’.



Fonte: Adaptado de Costa (2011, p. 198).

Observando o gráfico, percebemos que o objeto nulo de SN aumentou sua frequência, de 11% no século XIX para 48% no XX, nas amostras de peças teatrais. Comparando os resultados de Costa do século XX com os deste trabalho (do século XXI), notamos uma estabilidade de uso (um aumento de apenas 0,5% de objeto nulo).

Quanto ao objeto nulo de sentença, este foi alcançando seu espaço na escrita (amostras de peças teatrais) de Florianópolis entre os séculos XIX e XX, chegando a um pico de 74% de frequência. Considerando os resultados de Costa do século XX em comparação aos deste trabalho, observamos nesse caso que o nulo de sentença decaiu na fala do início do século XXI, chegando a 63,9% de frequência. Ressalte-se que essa diferença pode estar ligada ao tipo de texto e de modalidade de registro (escrito e oral).

Finalizamos por aqui as discussões trazidas neste capítulo de descrição e análise e seguiremos com as considerações finais de nosso trabalho, que serão trazidas na próxima seção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos os fatores internos e externos à língua que condicionam os usos variados do objeto anafórico acusativo de terceira pessoa do discurso (objeto preenchido e objeto nulo), em duas amostras de fala de Florianópolis de diferentes décadas – décadas de 1990 e 2010. Cada amostra era formada de oito entrevistas sociolinguísticas em que os informantes foram estratificados em sexo (feminino e masculino), idade (menos de 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (até oito anos de escolaridade e mais de 12 anos de escolaridade).

Seguindo a teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), buscamos observar, a partir do levantamento de variáveis linguísticas e sociais, os contextos em que a variação do objeto anafórico acusativo (variável dependente) ocorre com maior frequência. A variável dependente foi relacionada a doze variáveis independentes, a saber: (i) forma de realização do constituinte retomado; (i) função sintática do constituinte retomado; (iii) traço de animacidade do constituinte retomado; (iv) forma verbal; (v) transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo; (vi) especificidade do constituinte retomado; (vii) topicalização do constituinte retomado; (viii) sexo dos informantes; (ix) idade; (x) escolaridade; (xi) década da amostra; e (xii) indivíduo.

Nas duas amostras controladas, foram coletadas 757 ocorrências no total, sendo que 352 eram objetos nulos (46,5%) e 405 eram objetos preenchidos (53,5%). Não podemos atestar nossa hipótese de que haveria uma tendência um pouco mais acentuada para o apagamento do objeto.

Realizamos três etapas de análise com rodadas estatísticas separadas que nos ajudaram a atestar algumas de nossas hipóteses: i) na primeira, consideramos em uma mesma rodada estatística unidimensional os dados que tinham como referentes sentença ou SN; ii) na segunda rodada, consideramos apenas os dados que tinham como referente uma sentença e realizamos análises multivariadas; e iii) na terceira rodada, consideramos apenas os dados que tinham um SN como referente e realizamos análises multivariadas.

Na primeira etapa, constatamos especialmente a força das variáveis sociais sobre as formas nulas do objeto direto.

Na segunda e na terceira etapas, passamos a realizar análises multivariadas e o programa estatístico selecionou algumas variáveis que parecem condicionar o uso de objeto nulo em nossas amostras.

A etapa dois nos apontou a ‘escolaridade’ e a ‘idade’ dos informantes como as principais condicionadoras da variação quando o referente é sentencial. Indivíduos mais jovens e menos escolarizados tendem a se utilizar do objeto nulo com mais frequência do que os mais velhos e mais escolarizados.

Na terceira etapa, para a ocorrência de objeto nulo de SN, as variáveis mais importantes para a amostra da década de 1990, segundo o programa estatístico, foram a ‘função sintática do constituinte retomado’ e a ‘animacidade do constituinte retomado’. Já para a amostra de 2010, foram selecionadas a ‘função sintática do constituinte retomado’ e a ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’. O objeto nulo de SN de nosso *corpus* ocorreu mais quando estava em uma estrutura complexa, quando seu referente tinha função sintática diferente da de objeto direto e possuía o traço [- animado].

Constatamos ainda, com nossos resultados estatísticos, realizando cruzamentos entre as variáveis ‘idade’ e ‘década’, dois indícios de mudança em curso: mudança em tempo real, comparando os dados das duas décadas investigadas; e mudança em tempo aparente, confrontando as faixas etárias de cada uma das amostras. De uma década para a outra, percebemos um leve aumento de objetos nulos de SN; uma estabilidade de uso entre os indivíduos mais jovens quando o referente é sentencial; e uma diminuição de objetos nulos sentenciais na fala dos indivíduos mais velhos. Porém, apontamos que essa diminuição se deu por conta de cinco indivíduos que se mostraram categóricos em 0% e 100%, quando se tratava do objeto que retoma sentença. Realizando uma análise mais refinada e retirando esses cinco indivíduos de uma nova rodada estatística, mostramos que há estabilidade de uso do objeto nulo também entre os indivíduos mais velhos, quando o referente é de sentença.

Além disso, observamos também que em cada uma das duas sincronias, os indivíduos com menos de 50 anos se utilizaram mais do apagamento do objeto (tanto sentenciais, quanto de SN) do que os informantes mais velhos. Esses resultados combinados atestam a implementação, mesmo que lenta, da variante objeto direto anafórico nulo na fala dos informantes de Florianópolis do *corpus* investigado.

Essa investigação mostrou que as principais (não) formas que estão atuando na língua quando se trata do objeto anafórico acusativo da

fala de Florianópolis são: (1) o objeto nulo e o pronome demonstrativo *isso*, quando o referente é uma sentença; (2) o objeto nulo e o SN, quando o referente é um SN.

Nossos resultados corroboram trabalhos anteriores que estudaram a variação do objeto anafórico acusativo em amostras de fala e de escrita de diferentes regiões do Brasil.

Os trabalhos de Omena (1978), Duarte (1986; 1989), Cyrino (1997), Marafoni (2004), Oliveira (2007), Pereira (2011) e Costa (2011), por exemplo, atestaram a ‘animacidade do constituinte retomado’ como uma das principais variáveis influenciadoras do uso de objeto nulo em suas amostras. Em nossos resultados da *Amostra 1990*, assim como nos estudos das autoras, o objeto nulo foi mais frequente quando seu referente possuía o traço [- animado]. O traço [+ animado] do referente influenciou objetos preenchidos, principalmente os pronomes reto e clítico.

Omena (1978) e Marafoni (2004) constataram, quanto à ‘função sintática do constituinte retomado’, que o objeto nulo anafórico era condicionado por referentes que tinham a mesma função sintática de objeto direto. Marafoni percebeu também que o apagamento estava começando a ganhar terreno igualmente em contextos de referente com função sintática diferente – o que atestamos em nossos resultados das *Amostras 1990* e *2010*. Pretendemos continuar a investigação desta variável em trabalhos futuros com o objetivo de buscarmos respostas mais concretas para essa diferença entre os nossos resultados e os de trabalhos anteriores.

Duarte (1986; 1989) e Marafoni (2004) atestaram a ‘trasintividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’ como um dos condicionadores importantes do objeto nulo. Estruturas que possuíam verbos com um ou dois complementos favoreceram o uso dessa variante em suas amostras. Já as estruturas complexas influenciaram o uso de objeto preenchido, principalmente o pronome reto. Atestamos em nossos resultados o fato de estruturas com verbos de dois complementos favorecerem o apagamento do objeto. Entretanto, quanto às estruturas de um complemento e às estruturas complexas, não podemos atestar as hipóteses das autoras: as estruturas de um complemento favoreceram o uso de objeto preenchido e as estruturas complexas se mostraram as principais condicionadoras de objeto nulo com referente de SN em nossa *Amostra 2010*. Futuramente, gostaríamos de voltar a estudar essa

variável independente, a fim de verificar detalhadamente esses tipos de contextos.

Por fim, apesar da imitação relacionada à quantidade de informantes em cada uma das amostras que investigamos (apenas oito), acreditamos que a presente pesquisa traz contribuições significativas aos estudos sociolinguísticos de descrição do português falado em Florianópolis, por apresentar resultados (i) sobre a variação/mudança do objeto anafórico acusativo em tempo real, considerando a comparação de duas sincronias (*Amostra 1990* e *Amostra 2010*); e (ii) sobre um estudo em tempo aparente, considerando o confronto entre as diferentes faixas etárias das amostras investigadas. Desejamos, futuramente, ampliar essas amostras e buscar resultados ainda mais representativos da comunidade de fala.

APÊNDICE

Em seguida, elencamos algumas tabelas com os resultados das variáveis de nosso trabalho que não foram selecionadas como condicionadoras do objeto nulo tanto em dados que retomam sentença, como em dados que retomam SN.

Dados que retomam sentença – Década de 1990

Tabela I: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo as variáveis ‘forma verbal’, ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’, na década de 1990.

Grupos de fatores		Apl/Total	%
Forma verbal	Indicativo, imperativo, subjuntivo simples	22/36	61,1%
	Infinitivo simples	0/3	0%
	Infinitivo com locução	1/1	100%
	Gerúndio e particípio com locução	3/5	60%
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo	Verbos com 1 complemento	20/36	55,6%
	Estruturas complexas	6/9	66,7%
Sexo dos informantes	Feminino	19/29	65,5%
	Masculino	7/16	43,8%
Idade dos informantes	Mais de 50 anos	9/17	52,9%
	Menos de 50 anos	17/28	60,7%
Escolaridade dos informantes	Até 8 anos de escolaridade	19/29	65,5%
	Mais de 12 anos de escolaridade	7/16	43,8%
Total:		26/45	57,8%

Dados que retomam sentença – Década de 2010

Tabela II: Frequência de objeto nulo com referente de sentença, segundo as variáveis ‘forma verbal’, ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’ e ‘sexo’, na década de 2010.

Grupos de fatores		Apl/Total	%
Forma verbal	Indicativo, imperativo, subjuntivo simples	18/32	56,2%
	Infinitivo simples	1/3	33,3%
	Infinitivo com locução	3/8	37,5%
	Gerúndio e particípio com locução	2/3	66,7%
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo	Verbos com 1 complemento	15/33	45,5%
	Estruturas complexas	9/13	69,2%
Sexo dos informantes	Feminino	12/22	54,5%
	Masculino	12/24	50%
Total:		24/46	52,2%

Dados que retomam SN – Década de 1990

Tabela III: Frequência de objeto nulo com referente de SN, segundo as variáveis ‘forma verbal’, ‘transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo’, ‘especificidade do constituinte retomado’, ‘topicalização do constituinte retomado’, ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’, na década de 1990.

Grupos de fatores		Apl/Total	%
Forma verbal	Indicativo, imperativo, subjuntivo simples	98/249	39,4%
	Infinitivo simples	31/61	50,8%
	Infinitivo com locução	21/40	52,5%
	Gerúndio simples	2/6	33,3%

	Gerúndio e particípio com locução	7/15	46,7%
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo	Verbos com 1 complemento	139/326	42,6%
	Verbos com 2 complementos	14/36	38,9%
	Estruturas complexas	6/9	66,7%
Especificidade do constituinte retomado	Sem determinante	55/143	38,5%
	Com determinante	104/228	45,6%
Topicalização do constituinte retomado	[+ topicalizado]	22/50	44%
	[- topicalizado]	137/321	42,7%
Sexo dos informantes	Feminino	98/235	41,7%
	Masculino	61/136	44,9%
Idade dos informantes	Mais de 50 anos	65/168	38,7%
	Menos de 50 anos	94/203	46,3%
Escolaridade dos informantes	Até 8 anos de escolaridade	90/220	40,9%
	Mais de 12 anos de escolaridade	69/151	45,7%
	Total:	159/371	42,9%

Dados que retomam SN – Década de 2010

Tabela IV: Frequência de objeto nulo com referente de SN, segundo as variáveis ‘forma verbal’, ‘animacidade do constituinte retomado’, ‘especificidade do constituinte retomado’, ‘topicalização do constituinte retomado’, ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’, na década de 2010.

Grupos de fatores		Apl/Total	%
Forma verbal	Indicativo, imperativo, subjuntivo simples	98/212	46,2%
	Infinitivo simples	29/47	61,7%
	Infinitivo com locução	12/22	54,5%
	Gerúndio simples	1/4	25%
	Gerúndio e particípio com locução	3/10	30%
Animacidade do constituinte retomado	[+ animado]	45/84	53,6%
	[- animado]	98/211	46,4%
Especificidade do constituinte retomado	Sem determinante	31/75	41,3%
	Com determinante	112/220	50,9%
Topicalização do constituinte retomado	[+ topicalizado]	25/53	47,2%
	[- topicalizado]	118/242	48,8%
Sexo dos informantes	Feminino	83/170	48,8%
	Masculino	60/125	48%
Idade dos informantes	Mais de 50 anos	58/127	45,7%
	Menos de 50 anos	85/168	50,6%
Escolaridade dos informantes	Até 8 anos de escolaridade	81/159	50,9%
	Mais de 12 anos de escolaridade	62/136	45,6%
Total:		143/295	48,5%

REFERÊNCIAS

- BARBOZA, J. S. *Grammatica Philosophica da lingua portuguesa*. Lisboa: Tipographia da mesma academia, 1830.
- BARROS, J. de. *Gramática da língua portuguesa*. Organização de Pedro Machado. 3 ed. Cidade: editora, 1957 (1540 original).
- CALLES, D. C. *Considerações sobre estratégias alternativas ao clítico de terceira pessoa na representação do acusativo anafórico*. **REVISTA LETRA MAGNA – Revista Eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura** – Ano 03 – n° 04 – 1° Semestre de 2006.
- CÂMARA JUNIOR, M. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Organização de Carlos Eduardo Falcão. Rio de Janeiro: Lucerna, (2004 [1957]).
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES DE SOUZA, C. M.; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- COSTA, S. *O (não) preenchimento do objeto anafórico na língua portuguesa: análise diacrônica do PB e do PE dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática de base*. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: uma investigação diacrônica*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas-SP, 1990.

_____. *Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos*. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas-SP, 1994.

_____. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

_____. *Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo*. In: NEVES, M. H. M. (org). **VII volume da Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. *O objeto nulo no português brasileiro*. In: GÄRTNER, E.; HUNDTE, C.; SCHÖNBERGER, A. (orgs) **Estudos de gramática portuguesa** vol III Frankfurt am Main, TFM, p. 61-73, 2000.

_____. *Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos*. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre. v.38. n° 1, p. 31-47, março, 2003.

_____. *Objeto nulo nas cartas de leitores publicadas na imprensa brasileira do século XIX*. In: RAMOS, J. M.; ALCKMIN, M. A. (orgs). **Para a história do português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007a.

_____. *Mudança sintática e português brasileiro*. In: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R. & CYRINO, S. (org.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, p. 361-373, 2007b.

DAVET, J. C. T. *Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1986.

_____. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil*. In.: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas-SP: Pontes, 1989.

_____. *Termos da oração*. In.: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DUARTE, M. E. L.; RAMOS, J. M. *Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva*. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J.; TAVARES, M. A. (eds.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto. A sair em 2015.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **A questão da língua: revisitando Alencar, Machado de Assis e Cercanias**. In.: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997-2001.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Pergamon, 1994.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, março de 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, W. *The social stratification of english in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 (primeira publicação em 1966).

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. *Estágios na aquisição do inglês standard*. In.: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. *Building on empirical foundations*. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.) **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982.

_____. *Principles of linguistic change – Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change – Social factors*. Cambridge: B. Blackwell, 2001.

_____. *Principles of linguistic change – Cognitive and cultural factors*. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2010.

LUCCHESI, D. *Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUIZE, T. B. *Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MARAFONI, R.. L. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. Dissertação de Mestrado, UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2004.

_____. *A distribuição do objeto nulo no português Europeu e no português brasileiro*. Tese de Doutorado, UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2010.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. S.; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: editorial Caminho, 1996.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, S. M. *Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares*. In.: **Revista virtual de Estudos de Linguagem – ReVEL**. Vol. 5 – número 9 – agosto de 2007.

OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.

ONOFRE, D. P. *Trabalhando com o Gldvarb 2001*. Slides disponíveis em <http://www.slideshare.net/dianapilatti/trabalhando-com-goldvarb-2001-diana-pilatti-onofre> (acesso em 17/06/2015)

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

_____. *Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira*. Posfácil In.: WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PAGOTTO, E. G. *Norma e condescendência; ciência e pureza*. In.: **Linguagens e Instrumentos Linguísticos**. Campinas: Pontes, 1998.

_____. *Sociolinguística*. In: PFEIFFER, C. C. **Introdução às ciências da linguagem – linguagem, história e conhecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PEREIRA, I. *O uso variado das formas anafóricas no acusativo*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PINTZUK, S. *Varbrul Programs*. 1988.

RAPOSO, E. P. *Objetos Nulos e CLLD: uma teoria unificada*. Revista da ABRALIN. Dez. 2004.

SANTOS, J. T. dos. *A descrição do pronome nas gramáticas brasileiras do século XIX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2011.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 26.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004 [1916].

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian portuguese*. Tese de Doutorado, Universidade da Pensilvania, 1983.

_____. *A pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2000.

VARFUL. site <http://www.varsul.org.br/> (acesso em 17/06/2015)

VIEIRA PINTO, C. A. *Os espanhóis diz que a gente temos que escolher: a concordância verbal plural na escrita teatral do português lisboeta*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].